



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Oseias Carmo Neves

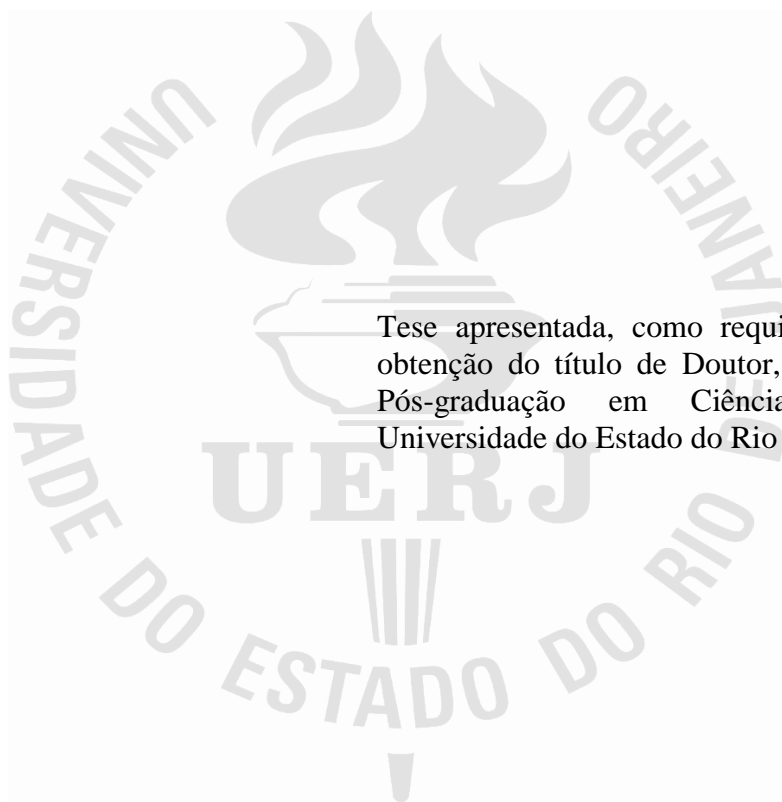
**O itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909): um  
estilo periférico na interpretação do Estado-Nação brasileiro**

Rio de Janeiro

2019

Oseias Carmo Neves

**O itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909): um estilo periférico na interpretação do Estado-Nação brasileiro**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Christian Edward Cyril Lynch

Rio de Janeiro

2019

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

N518 Neves, Oseias Carmo.  
O itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909):  
um estilo periférico na interpretação do Estado-Nação brasileiro / Oseias  
Carmo Neves. – 2019.  
105 f.

Orientador: Christian Edward Cyril Lynch.  
Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 – Teses. 2. Cunha, Euclides da, 1883-  
1909 – Visão política e social - Teses. 3. Ciência política - Brasil - História. I.  
Lynch, Christian Edward Cyril. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 929(81)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,  
desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Oseias Carmo Neves

**O itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909): um estilo  
periférico na interpretação do Estado-Nação brasileiro**

Tese apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, ao Programa de  
Pós-graduação em Ciência Política, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Christian Edward Cyril Lynch (Orientador)

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof. Dr. Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. San Romanelli Assumpção

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof. Dr. Elizeu Santiago Tavares de Souza

Centro Federal de Educação Tecnológica

---

Prof. Dr. José Almino de Alencar e Silva Neto

Fundação Casa de Rui Barbosa

Rio de Janeiro

2019

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos integrantes do BEEMOTE, grupo de pesquisa em Teoria Política e  
Pensamento Político Brasileiro do IESP/UERJ.

E a minha querida e amada esposa Silvana Salviano e ao meu filho Arthur Neves.

Certamente, sem vocês por perto, essa Tese não sairia. Fontes imensuráveis de inspiração e  
amor...

## AGRADECIMENTOS

Nessa tese procurei exercitar a prerrogativa da autonomia intelectual minimamente desejável a um doutorando. Assinalo que os equívocos, os lapsos e as omissões presentes no meu texto são da minha inteira responsabilidade. Afinal, esta tese carrega também as marcas das minhas limitações intelectuais. Porém, limitações essas que foram combatidas por muitas pessoas, colegas e amigos que aqui devo agradecer. Por isso, mesmo sabendo das fragilidades dessa tese, ela foi feita com muito empenho e esforço coletivo, no qual inúmeras pessoas e instituições contribuíram decisivamente para que essa pesquisa chegasse a bom termo. Portanto, o mínimo que posso fazer é expressar os meus agradecimentos ao maior número possível desses personagens, pois trata-se de um justo reconhecimento para com os seus muitos colaboradores.

Agradeço inicialmente ao meu orientador Prof. Dr. Christian Edward Cyril Lynch, pelo qual gostaria de tecer um breve comentário sobre seu papel nessa tese, para além da função de orientador. Primeiro, o reconhecimento de que a excelência da qualidade de suas pesquisas expressas em seus textos foram uma inestimável fonte de inspiração em todo o processo de pesquisa no doutorado. Seu estilo despojado, carinhoso, engajado, paciente e rigoroso, sempre eram direcionados a mim na forma de encorajamento. Suas sutis broncas, aliado à sua irreverência, exerceram em mim um duplo sentimento - fascínio e medo ao mesmo tempo. Medo talvez de admitir que ainda sou limitado na área dos estudos de teoria política e pensamento político brasileiro. Esse confuso sentimento de admiração e insegurança certamente explica o porquê frequentei inúmeros eventos científicos de áreas correlatas, buscando uma multiplicidade de opiniões e possibilidades de pesquisa. Porém, tenho que agradecer ao Christian pela oportunidade de ter chegado até aqui, mesmo sabendo que ele alertou-me desses perigos. Por isso, não apenas reconheço e agradeço o papel de orientador do Christian, mas enalteço sua sensibilidade, competência e carisma, que em mim foram fontes de inspiração para, aos poucos, ir superando meus limites. Em que pesem todas as suas atribuições e atribuições, o professor Christian não se negou a me “adotar” intelectualmente, mesmo diante dos meus “fantasmas”, típicos daquilo que reconheço ser um tolo “complexo de viralata”. Certamente, algumas das marcas que caracterizam a visão crítica do meu orientador estão contempladas nesta tese. Uma pena que só no finalzinho dessa jornada do doutorado pude compreendê-lo melhor.

Estendo os meus profundos agradecimentos aos professores José Almino de Alencar, Cristina Buarque, Fabiano Santos, Letícia Pinheiro, Pedro Villas Boas, Bernardo Ricupero, Vera Cepêda, Gabriela Nunes e João Marcelo Maia que contribuíram para o aprofundamento de vários aspectos tratados nesta pesquisa, através de orientações bibliográficas e das sugestões de abertura de novas vias para investigação. Essas sugestões, sempre que possível, foram incorporadas ao meu texto. Agradeço também aos professores Walnice Nogueira Galvão, da USP e Leopoldo M. Bernucci, da University of California-Davis (USA), com quem tive o privilégio de manter um breve contato, me fornecendo valiosas pistas para compreender a vida e a obra do intelectual Euclides da Cunha nas entrelinhas da sua linguagem erudita e culta. Que honra!

Agradeço igualmente a todos os colegas vinculados ao DINTER em Ciência Política do convênio UNEMAT/IESP/UERJ, com os quais compartilhei alegrias, angústias, ansiedades e conhecimento no período dos créditos na cidade de Cáceres-MT. Não esquecerei também o apoio, carinho e respeito manifestados pela comunidade acadêmica da UNEMAT, Campus universitário de Juara-MT, entre professores e técnicos, que torceram por mim e que nunca refutaram dialogar sobre meu tema de pesquisa. Agradeço aos estudantes dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Administração da UNEMAT, pois, ao longo das aulas nas disciplinas Sociologia brasileira, as questões (sempre tão pertinentes) colocadas por eles, fizeram-me repensar e corrigir os rumos dessa pesquisa.

Agradeço ao apoio recebido da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Agradeço imensamente ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da qual possibilitou, através desse convênio do DINTER em Ciência Política, a qualificação de excelência de quinze profissionais docentes da UNEMAT. A todos os docentes do IESP que ministram as disciplinas em Cáceres-MT, meu muito obrigado.

Agradeço aos colaboradores que trabalham na Casa de Cultura Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo-SP, representados nas figuras dos diretores Álvaro Ribeiro Neto (Alvinho) e Maria Olívia Garcia, com os quais pude manter inúmeros diálogos extremamente proveitosos para dar cabo dessa pesquisa. Ficou a promessa de participar em agosto/2019 da Semana Euclidiana para socializar os resultados desse estudo. Certamente vou honrar com esse compromisso.

Faço agora um agradecimento muito especial aos meus colegas e amigos do grupo de estudos e pesquisas em teoria política e pensamento político brasileiro - BEEMOTE do

IESP/UERJ, pois estiveram presente em minha pesquisa incontáveis vezes pessoalmente e via aplicativo de celular WhatsApp. Sempre muito solícitos e irreverentes, deram um tom de suavidade e leveza à área de pensamento político brasileiro. Tive com essa galera experiências memoráveis nos encontros da ABCP de Belo Horizonte (2016) e Curitiba (2018), nas jornadas I e II de PPB em São Carlos (2016) e Rio de Janeiro (2017), no Encontro de Teoria Política e PPB da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro (2018) e no Encontro da ALACIP de Montevideú (2017). Por tudo isso e mais um pouco, meu muito obrigado a Angélica Lovatto, Angelo Remédio Neto, Antônio Marcos Dutra da Silva, Elizeu Santiago, Hélio Maurício Pirajá Cannone, João Catraio Aguiar, Kaio Felipe, Leonardo Seiichi Sasada Sato, Lidiane Rezende Vieira, Luiz Carlos Ramiro Junior, Marcelo Tavares Silva, Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro, Pedro Paiva Marreca e Tamyres Ravache A. de Marco. Vocês fizeram valer a pena tudo isso. Um grupo em sintonia com seu grão-mestre Prof. Christian Lynch.

Por fim, agradeço a minha família - Silvana Salviano, minha querida e amada esposa; Arthur Neves, meu filho; meu sogro Clarismundo Silva e sogra Regina Salviano - pessoas com as quais não deixaram a “peteca cair” nos meus incontáveis momentos de isolamento e ausência. Com eles, reaprendi a valorizar o sentimento de companheirismo e solidariedade, aspectos esses que nos uniu ainda mais em prol da finalização desta tese. Muito obrigado a todos vocês... Feliz é aquele que tem muitos motivos para agradecer, e eu, os tenho!



O verdadeiro Brasil nos aterra; trocamos-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovela na rua do ouvidor

*Euclides da Cunha*

## RESUMO

NEVES, Oseias Carmo. *O itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909): um estilo periférico na interpretação do Estado-Nação brasileiro*. 2019. 105 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta tese teve por objetivo abordar o itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha (1883-1909), procurando compreender como as categorias de Estado/Nação foram organizadas no seu vasto arcabouço literário. Com isso, procuro revelar como se deu os processos de rupturas e reenquadramentos no pensamento político de Euclides, selecionando escritos que retratavam a realidade social e política brasileira, a partir da totalidade da sua produção literária. Assim, optamos por combinar dois tipos de estratégias de análises: (1) cronológica, tomando como referência o momento histórico que Euclides escreveu seus textos; (2) contextualismo linguístico procurando compreender a relação entre texto e o contexto de produção. Desse modo, a análise do itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha, só pode ser compreendida na ordem cronológica da evolução de suas ideias políticas, sobretudo por evidenciar uma linguagem política produto de suas experiências nos ciclos da juventude escolar, dos Sertões e da Amazônia. Assim, revisitar o itinerário do pensamento político de Euclides, permitiu compreender como esse intelectual construiu sua concepção de progresso e como ele reagiu ao constatar um choque com a realidade nacional. Portanto, as ideias de Euclides são a expressão do pensamento dicotomizado, retrato dessa linhagem nacionalista, na qual, insistiu até o fim da vida construir uma síntese entre evolucionismo, positivismo e socialismo como saída para os problemas brasileiros daquele período.

Palavras chaves: Euclides da Cunha. Pensamento político brasileiro. Estado/Nação.

## ABSTRACT

NEVES, Oseias Carmo. *The itinerary of Euclides da Cunha's political thought (1883-1909): a peripheral style in the interpretation of the Brazilian Nation-State*. 2019. 105 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This thesis aimed to approach the itinerary of Euclides da Cunha's (1883-1909) political thought, trying to understand how the categories of State/Nation were organized in his vast literary framework. With this, I seek to reveal how the processes of ruptures and reframing in Euclides' political thought took place, selecting writings that portrayed the Brazilian social and political reality, from the totality of his literary production. Therefore, we chose to combine two types of analysis strategies: (1) chronological, taking as a reference the historical moment when Euclid wrote his texts; (2) linguistic contextualism seeking to understand the relationship between text and the production context. Thereby the analysis of the itinerary of Euclides da Cunha's political thought can only be understood in the chronological order of the evolution of his political ideas, mainly because it shows a political language product of his experiences in the cycles of school youth, the Sertões and the Amazon. Thus, revisiting the itinerary of Euclid's political thought allowed us to understand how this intellectual built his conception of progress and how he reacted when he noticed a clash with the national reality. Therefore, Euclides' ideas are the expression of dichotomized thinking, a portrait of this nationalist lineage, in which, until the end of his life, he insisted on building a synthesis between evolutionism, positivism and socialism as a way out of the Brazilian problems of that period.

Keywords: Euclides da Cunha. Brazilian political thought. State/Nation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 PRIMEIRA FASE (1883-1897): DA JUVENTUDE RADICAL E REVOLUCIONÁRIA.....	26
1.1 Nas <i>Ondas</i> revolucionárias.....	26
1.2 O progresso como condição para civilização.....	35
1.3 Propagandista político.....	43
1.4 Canudos e o confronto com o ideal republicano.....	46
2 SEGUNDA FASE (1897-1904): DO INTÉRPRETE E CRÍTICO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA.....	48
2.1 Experiência de Canudos: Choques de ideologias.....	48
2.2 Nascimento do pensador.....	54
2.3 Os Sertões e o dilema da nacionalidade brasileira.....	58
2.4 Contato com as teses socialistas.....	66
3 TERCEIRA FASE (1904-1909): DO ESCRITOR E SEUS INFLUXOS SOBRE O ESTADO NACIONAL.....	68
3.1 O desafio de integrar a Amazônia à Nação.....	68
3.2 A volta da Amazônia - desilusão e pessimismo.....	71
3.3 Euclides e o Imaginário da Amazônia.....	82
3.4 A margem da história - reencontro com a nacionalidade.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
ANEXO - Síntese cronológica do itinerário intelectual de Euclides da Cunha.....	101

## INTRODUÇÃO

### Euclides da Cunha no Pensamento Político Brasileiro

Esta tese tem por objetivo revisitar o itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha, procurando destacar seus elementos políticos no período compreendido entre 1883-1909, sobretudo no que tange às suas preocupações com o território e com o povo no Brasil. Assim, procuraremos demonstrar como as categorias Estado/Nação foram organizadas no vasto arcabouço literário desse intelectual. Procuo com isso revelar como se deu os processos de rupturas e reenquadramentos no pensamento político de Euclides da Cunha, tomando sua produção literária, no conjunto de escritos de natureza ideológica representativos da cultura política brasileira, marcados naquilo que Lynch (2016) vai chamar de estilo periférico de reflexão. Nesse caso, o estudo do pensamento político de Euclides da Cunha permite situá-lo no conjunto maior de escritos que procuraram analisar a realidade política e social brasileira e que adotaram semelhante estilo periférico de linguagem que contrasta com aquele “universal” característico das obras da teoria política europeia, sobretudo por revelar as contradições da realidade nacional e que estão situados na pré-história da Ciência Política brasileira<sup>1</sup>.

Euclides da Cunha estava inscrito em um contexto político bastante específico, de fundamental relevância para a compreensão das bases de fundação do que se convencionou chamar de Pensamento Político Brasileiro. Segundo Lynch (2016), este é um termo genérico que pressupõe interdisciplinaridade, dialogando diretamente com o pensamento social brasileiro, a história das ideias, dos intelectuais e com a Teoria Política, constituindo-se num vasto campo de interpretação da realidade brasileira. Nesse caso, a compreensão do Pensamento Político Brasileiro que adotamos está diretamente ligada aos aspectos enfatizados por Lynch (2016, p. 80).

Do ponto de vista do seu significado, o conceito de PPB designa um objeto e uma disciplina. Como objeto, ele pode ser entendido em um sentido amplo ou estrito. Em sentido amplo, o PPB se refere ao conjunto de escritos de natureza ideológica representativos da cultura política brasileira, marcados por um estilo periférico de reflexão. (...)No sentido estrito, a expressão PPB se refere a um círculo mais reduzido de obras que, dotadas de maior fôlego e sistematicidade, pretenderam descrever nossa realidade política com maior fidedignidade e como tal passaram a integrar uma espécie de cânone dos “clássicos” do PPB. Encara-se o PPB então como uma teoria

---

<sup>1</sup> Lynch (2016), vai ainda enfatizar que a área de Pensamento Político Brasileiro demarca um estudo da produção intelectual de autores, tal como Euclides da Cunha, que comunga da mesma ideia da qual todos estão na periferia ibero-americana em relação ao centro geralmente percebido como Europa (passado) e EUA (hoje).

política e/ou a “velha” ciência política, elaborada antes da institucionalização universitária. (LYNCH, 2016)

É dessa tentativa de enquadramento teórico de Euclides da Cunha nesse seleto grupo de pensadores que se dispuseram a interpretar o Brasil desse período, que emprestamos de Lynch (2019, p. 5), a justificativa para estudá-lo no pensamento político brasileiro de matriz pós-colonial<sup>2</sup>.

O pensamento político brasileiro deve ser assim considerado pelas lentes do que poderíamos chamar um contextualismo pós-colonial. Essa perspectiva pressupõe a rejeição ou questionamento da tese tradicional de que o Brasil seria objetivamente uma nação atrasada e periférica. Por outro lado, as condições existenciais dos atores e autores políticos, relativas ao lugar e ao tempo em que estão inseridos, refletem-se na forma por que enxergam o valor e o alcance do que fazem. E os atores históricos e produtores da cultura brasileira sempre se representavam como situados numa região atrasada e periférica do globo. (LYNCH, 2019)

A passagem do regime monárquico para a República, inserida num amplo movimento de transição de Colônia para a perspectiva de Nação, de criação da “identidade nacional” (Bastos, 2006; Bresser Pereira, 1982), trouxe em seu bojo uma série de problemas que precisavam ser enfrentados pelo pensamento político brasileiro, dentre eles destacam-se: o que é nação, segundo o ideário daquele momento histórico?; essa nação se fundou em que território?; e com que povo?; qual o peso exercido, nesse processo de criação da identidade nacional, pelo legado colonial e escravocrata?; em que medida se dá a contradição entre o ideal moderno proposto pelos republicanos e o atraso em que se encontrava o Brasil? (CARVALHO, 2015)

Neste cenário, a produção intelectual de Euclides da Cunha se inscreve de maneira definitiva no debate acerca do processo de construção da nação brasileira, transformando-se numa espécie de,

(...) síntese de uma fiel interpretação da realidade brasileira e de um processo histórico não concluído: a difícil integração entre o obscuro interior do país e o luminoso litoral, entre a economia agrícola de exportação e a economia da pecuária ou da subsistência interiorana, entre a adoção de formas europeias de pensar e o atávico impulso místico. (CEPÊDA, 1997, p. 68).

Mesmo transpassados cento e dez anos da morte de Euclides, as questões postas por ele ainda continuam despertando interesse de um grandioso número de estudiosos, das mais

---

<sup>2</sup> Em livro organizado por Lynch (2017), intitulado “*A imaginação política brasileira: cinco ensaios de história intelectual*”, o professor Wanderley Guilherme dos Santos, vai apontar como um período onde se assistirá à produção de análises complexas sobre a organização social e política brasileira em perspectiva pós-colonial.

diversas áreas do conhecimento e com os mais diferentes enfoques e objetivos, na medida em que enseja discussões que ainda apresentam “problemas não resolvidos” do pensamento político brasileiro. Com isso, ao nos munirmos do arcabouço teórico e metodológico da área de pensamento político brasileiro, ressaltamos a importância de Euclides para os estudos de autores clássicos brasileiros que, segundo Cannone e Marreca (2019), pertencem a linhagem política nacionalista dentro de tradição nacional periférica.

Por outro lado, essa característica dos escritos de Euclides é reveladora também de um estilo de pensamento político brasileiro caracterizado como periférico justamente por utilizar-se do imperativo modernizador e positivista, da qual apresentou para a opinião pública da época o fosso que separava a Nação do Estado na perspectiva daquilo advertidamente chamarei de “retrato da periferia da periferia”<sup>3</sup> para o caso brasileiro.

Lynch (2019), ao se referir a Euclides da Cunha, toma-o como um dos primeiros intelectuais que bem expressou o fato do Brasil não ter outra saída a não ser aderir as utopias políticas de matriz cêntricas, da qual “(...) O futuro é o lugar da redenção nacional; por esse motivo, as utopias políticas parecem encontrar na periferia solo particularmente fértil. Euclides da Cunha exprimiu essa característica quando afirmou: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”<sup>4</sup>.

Neste sentido, o pensamento político de Euclides aparece enquanto importante momento para reflexão do sentido de república em voga naquele período, trazendo à tona, dentre outros aspectos, a discussão a respeito do sentido de povo que formava a verdadeira identidade nacional, temática tratada através da dicotomia entre a população litorânea, considerada moderna, e a do interior, impelida com a marca do atraso (LESSA, 1998).

Foi justamente sobre essa perspectiva dicotômica de análise, que, segundo Santos<sup>5</sup> (1970, apud. Lynch, 2013), Euclides da Cunha vai se destacar como sendo o primeiro grande intelectual a elaborar um tipo de análise política para estabelecer “a fórmula intelectual para

---

<sup>3</sup> Uso a expressão “retrato da periferia da periferia”, como estratégia para compreender a dicotomia largamente utilizada por Euclides entre litoral/sertão, cidade/campo, rural/urbano, cuja categoria *periferia* aqui, expressa as contradições da realidade brasileira, *lugar* que é a síntese das observações e experiências de Euclides, revelada em boa parte da sua produção literária. Assim, *centro* e *periferia* para uma análise da evolução do pensamento político de Euclides da Cunha, importam somente na medida em que a segunda existe para afirmar a supremacia da primeira.

<sup>4</sup> Cunha, (1978. Apud. Lynch, 2019, p. 19)

<sup>5</sup> Lynch (2013), vai citar o professor Wanderley Guilherme dos Santos, como um dos primeiros cientistas políticos a definir o quadro intelectual desse período do final do século XIX no Brasil, cuja “discussão em torno da raça tinha quase sempre como finalidade assinalar o modo por que se constituíra o “tipo brasileiro” e descrever a formação histórica da dicotomia. Mas isso só seria verdadeiro para os “analistas sérios”. (Santos, 1970, p. 151).

descobrir uma dicotomia à qual possa ser racionalmente atribuída a origem de crises eventuais; traçar a formação da dicotomia no passado histórico nacional; propor a alternativa política para a redução da dicotomia”.

Num texto clássico do pensamento político brasileiro, publicado originalmente em 1975, intitulado “Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira”, o professor Wanderley Guilherme dos Santos, vai dar um destaque a fórmula intelectual para a análise política que “Euclides da Cunha” utiliza para compreender a formação dicotômica do estado nacional brasileiro.

O próprio Euclides foi o primeiro a aplicar a nova abordagem, de forma mais ou menos sistemática, na análise da rebelião de Canudos. Ele discutiu o acontecimento duas vezes: em seus *Diários de campanha* e no romance *O Sertões*. Em ambos fica perfeitamente claro que está tratando com um tipo de fenômeno peculiar ao “outro” Brasil; entretanto, há um fator que os distingue; enquanto nos *Diários* a variável interveniente que explica a rebelião é a concentração das grandes propriedades agrícolas, o romance se detém mais em especulações raciais. Isto introduz o tema da raça que desempenhará papel importante na imaginação política e social brasileira durante a primeira metade deste século, principalmente nas três primeiras décadas. (SANTOS, 2017, p. 150)

Neste contexto, mesmo reconhecendo o fato que Euclides já foi exaustivamente estudado de diversas formas e por variados ângulos<sup>6</sup>, consideramos que, do ponto de vista do pensamento político, se legitima a necessidade de uma sistematização e problematização mais precisa das questões que continuam candentes para compreensão da realidade brasileira, da qual suscitam uma multifacetada gama de leituras a respeito do qual o verdadeiro sentido dado por Euclides ao Brasil. Por outro lado, a Ciência Política, em especial a área de teoria política e pensamento político brasileiro, abordou Euclides de forma muito sistemática, enviesado pelo pensamento positivista, pelo qual seu diagnóstico da realidade brasileira não foi minuciosamente abordado por aspectos ligados à integração nacional, ao isolamento, ao trabalho, às fronteiras e à questão ambiental.

Interessante também enfatizar que nas outras áreas das Ciências Sociais, o volume e densidade das análises e interpretações sobre Euclides da Cunha, procuraram lançar um olhar crítico para a *natureza literária* dos seus escritos, relegando a política a um objeto secundário de interesse. Esse é caso, por exemplo, das obras de Clovis Moura, “Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha” (1964); João Marcelo Ehlert Maia, “A terra como invenção – o espaço no pensamento social brasileiro” (2008); Nísia Trindade Lima, “Um sertão chamado Brasil”

---

<sup>6</sup> Adelino Brandão, no livro *Euclides da Cunha: Bibliografia comentada, (1884-2001)*, Editora Literarte, 2001, catalogou quase 10.000 títulos sobre Euclides da Cunha, afirmando que não existe autor mais estudado no pensamento social brasileiro.



(1998); e Nicolau Sevcenko, “Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república” (2003).

No entanto, pesquisadores da Literatura brasileira como Walnice Nogueira Galvão<sup>7</sup>, Leopoldo M. Bernucci<sup>8</sup>, Frederic Amory<sup>9</sup>, Luiz Costa Lima<sup>10</sup>, Leandro Tocantins<sup>11</sup> e Mauro Rosso,<sup>12</sup> procuram analisar Euclides da Cunha, estreitando a fronteira entre a linguagem literária e a linguagem política. Dessa forma, a análise literária se ocupou da política e dos problemas sociais, como variantes centrais e cruciais para compreensão da totalidade da produção intelectual de Euclides da Cunha. Ou seja, os pesquisadores da literatura têm em comum o interesse e foco na estética da linguagem escrita de Euclides, cujo pano de fundo são os acontecimentos políticos e sociais do Brasil na primeira república.

De fato, a partir desse imponente destaque que a literatura brasileira deu à produção intelectual de Euclides da Cunha, o social e o político, apenas compõem o contexto de uma realidade brasileira muito mais complexa e diversificada. Para a literatura, a política em Euclides cumpre um papel secundário, o que refutamos em nossa pesquisa, uma vez que entendemos o social e o político nas obras de Euclides como um divisor de águas que sustenta toda sua trajetória intelectual, sobretudo por amar e odiar a república, pela sua indignação com as desigualdades sociais, pela exaltação a pujança da diversidade racial brasileira e por enaltecer uma preocupação com o futuro da Amazônia e da consolidação do território brasileiro. Nesse caso, as figuras de linguagem do sertanejo e do seringueiro são representativas da ideia política do povo, porque entendemos que é a partir desta vertente que podemos compreender Euclides como um dos mais importantes intérpretes da realidade brasileira na primeira república.

Porém, sabíamos do desafio e dificuldade que seria dialogar na fronteira entre pensamento literário brasileiro e pensamento político brasileiro, sobretudo por se tratar de um monstro sagrado da literatura brasileira, cuja complexidade, densidade e volume das fontes primárias de pesquisa entre artigos jornalísticos, poemas, cartas e livros escritos por Euclides, apresentam lacunas até hoje estudadas. Além do que, a escrita prosaica e erudita de Euclides

---

<sup>7</sup> GALVÃO, W. N. *Euclides da Cunha - História*. São Paulo: Editora Ática. 1984.

<sup>8</sup> BERNUCCI, Leopoldo Marco. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.

<sup>9</sup> AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: uma odisséia nos trópicos*. (Trad. Geraldo Gerson de Souza). São Paulo. Ateliê editorial. 2009.

<sup>10</sup> LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

<sup>11</sup> TOCANTINS, Leandro, *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1978.

<sup>12</sup> ROSSO, Mauro, *Escritos de Euclides da Cunha: política, ecopolítica, etnopolítica*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2009.

foi uma enorme dificuldade para a análise, o que demandou releituras exaustivas, da qual repercutiu no atraso da organização final da nossa pesquisa.

Há que se considerar também o fato de até o momento da finalização da escrita dessa tese, não termos encontrado menção a uma pesquisa de caráter mais profundo e rigoroso sobre Euclides da Cunha na área de pensamento político brasileiro. Certamente essa constatação coloca esta pesquisa como uma das primeiras que procuram se debruçar sobre totalidade da produção intelectual desse ícone da literatura brasileira, cuja faceta política ousou, no seu tempo, revelar um Brasil cuja essência da sua identidade estava justamente na diversidade do seu povo e na complexidade do seu território e cujo o interesse procuro despertar na área de pensamento político brasileiro.

As menções mais conhecidas no âmbito do pensamento político de Euclides têm como única referência a interpretação do Brasil a partir da obra *Os Sertões* (1902). Para ilustrar essa lacuna, temos as obras de: Francisco Weffort, “Formação do Pensamento Político Brasileiro” (2006); Wanderley Guilherme dos Santos, “Roteiro Bibliográfico do Pensamento Político-social Brasileiro (1870/1965)” (2002); e Gildo Marçal Brandão, “Linhagens do pensamento político brasileiro” (2007). Todas abordam Euclides enviesado pelo pensamento evolucionista e positivista, pelo qual sua crítica aos problemas brasileiros não aborda aspectos ligados à integração nacional, ao isolamento, ao trabalho, às fronteiras e à questão ambiental.

Acreditamos que essa seja uma justificativa plausível para reivindicar o início de uma tentativa de um estudo mais sistemático, rigoroso e ampliado do itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha, sobretudo porque a área de Pensamento Político Brasileiro pouco se debruçou sobre o conjunto integral da sua produção intelectual entre suas inúmeras correspondências, cartas, poemas e artigos jornalísticos, além da sua consagrada obra *Os Sertões* (1902) e os quase anônimos livros que foram postumamente publicados – *Contrastes e Confrontos* (1907); *À Margem da História* (1909); *Peru versus Bolívia* (1909). Foi justamente após sua morte que emergiu um conjunto de sua produção literária da qual se revelou um Euclides sensível aos problemas de consolidação do Estado nacional brasileiro, autor de extraordinária argúcia política, literária, sociológica e historiográfica, da qual, influenciou a opinião pública da época e contribuiu para o amadurecimento e instauração da segunda república.

Outra questão da qual julgamos relevante para justificar o interesse dessa pesquisa pela compreensão da natureza do pensamento político de Euclides da Cunha, se coloca na perspectiva do “lugar” de onde estamos falando - Mato Grosso, Centro-Oeste, fronteira com a

Bolívia e Paraguai. Entendemos que esse aspecto é sintomático e importante, pois revela algumas analogias com o Brasil rural e de população dispersa apresentada por Euclides, que está na fronteira com a Amazônia, da qual até hoje apresenta “questões não resolvidas” em relação aos problemas ambientais, ao índio, à exploração comercial da Amazônia e que é revelador de um *Brasil profundo* compreendido a partir da oposição entre civilização cosmopolita e semibarbárie autóctone, república e povo; litoral e sertão; rural e urbano; modernidade e periferia.

#### Euclides no pensamento periférico – um método possível de análise

Ao procurarmos reconstituir o itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha, optamos por examinar seus textos em ordem cronológica adotando como critério o período em que foram escritos. Evitamos com isso selecionar textos baseados na data de publicação, uma vez que boa parte dos escritos de Euclides só foram conhecidos e publicados após sua morte em 1909. Assim, do ponto de vista metodológico, a organização do itinerário da evolução do pensamento político de Euclides da Cunha, só pôde ser levado a cabo a partir do momento que optamos por combinar dois tipos de estratégias de análises: (1) cronológica, tomando como referência o momento histórico que Euclides escreveu seus textos; (2) contextualismo linguístico sugerido por Skinner (2006), do qual, segundo Vieira e Cassimiro (2019, p. 43), propõe “um reconhecimento do contexto intelectual no qual os atores históricos estão imersos, sobre a circulação e recepção de ideias.”

Esses dois tipos de estratégias metodológicas se mostraram eficientes para vislumbrar uma investigação em torno da compreensão da evolução do pensamento político de Euclides da Cunha acerca da formação do Brasil enquanto Estado/Nação, sobretudo na forma como ele aponta para os desafios e enfrentamentos dos problemas sociais e políticos para a consolidação do território e da diversidade do seu povo nesse período da realidade brasileira do final do século XIX e início do século XX.

No entanto, cabe destacar que essa pesquisa tomou o cuidado de não restringir a genialidade da produção intelectual de Euclides a própria compreensão do significado de “contexto”. Sobre esse aspecto ainda na fase de organização da pesquisa, seguimos as orientações de Lynch (2007) para o qual enfatiza que não se trata simplesmente de estabelecer um “contexto de discurso” que fique na superfície das coisas.

Trata-se de fazer aparecer três coisas ao mesmo tempo: primeiro, a gama de opções filosóficas que se abrem ao pensamento em função de uma situação histórica, depois, os vínculos dessas possibilidades intelectuais, não com a conjuntura sociopolítica, mas com a configuração profunda do político e o estar em sociedade, a partir de seus deslocamentos, enfim, o caráter singular das escolhas que presidem às filosofias constituídas (GAUCHET, 2003, p. 53, In: LINCH, 2007).

A adoção da abordagem de Skinner (1960), foi muito oportuna, uma vez que o contextualismo linguístico procura compreender e analisar em que medida se dão as construções discursivas de uma produção intelectual, focando-se na relação entre texto e o contexto de produção. Esse tipo de estratégia de combinação de abordagens, permitiu-nos compreender a evolução do pensamento político de Euclides da Cunha, e como ele articula suas ideias ao contexto político, compreendendo-as através do uso da linguagem e dos seus “atos ilocucionários”.

Além disso, essa combinação entre o tempo, o lugar e o contexto das ideias, permitiu-nos não apenas ter a clareza da evolução do pensamento político de Euclides, mas também “identificar as balizas para a compreensão do debate político no período” (ARAÚJO, 2013, p. 15), as quais foram confrontadas com as narrativas construídas pelos intelectuais que recepcionaram as ideias de Euclides. Sendo assim, é dessa inter-relação entre autor, texto e contexto que “resulta a correta compreensão de uma ideia ou teoria [...] pela sua apreensão no interior do contexto em que foram produzidas” (JASMIN, 2005, p. 28).

No entanto, era preciso elencar um critério analítico mais preciso que pudesse orientar essa pesquisa dentro da área de Pensamento Político Brasileiro. Assim, foi que emprestamos de Lynch (2016), aquilo que ele vai chamar de “**estilo periférico de redação**” ou “**traços do pensamento político brasileiro**” que consistem em exacerbações ou mitigações daqueles já presentes na “teoria” cêntrica”, do qual iluminou o caminho de nossa pesquisa em torno do itinerário do pensamento político de Euclides. Esses critérios apresentam as seguintes características: (1) Menor grau de generalização e maior sentido prático das reflexões políticas; (2) Maior centralidade retórica, da oratória e do argumento de autoridade; (3) Tendência dos autores nacionais se apresentarem como pioneiros na modernidade cêntrica; (4) Estilo conservador ou radical em comparação aos autores de países europeus; (5) Orientação prospectiva da política. O passado era visto como negativo e o futuro o lugar da redenção nacional, a ser alcançado pelo progresso, pela civilização, pela modernização e pelo desenvolvimento; (6) Abundância de projetos nacionais a partir dos modelos dos países cênicos; (7) Certo grau de pedagogismo no sentido da necessidade de se educar a população.

Por outro lado, o termo periférico na área de Pensamento Político Brasileiro gira basicamente em torno do diagnóstico do atraso, da barbárie, do retardo ou subdesenvolvimento nacional e seu imperativo do progresso, da civilização, do desenvolvimento, para assim alcançar a modernidade nos moldes da experiência europeia. A esse imperativo modernizador subordinaram-se quase sempre três tópicos maiores da teoria política: (1) organização da ordem pública; (2) liberdade individual; (3) e igualdade social (LYNCH, 2016).

Assim, do ponto de vista do pensamento político de Euclides, a análise do seu itinerário, só pôde ser, de fato, compreendida, no momento em que dividimos sua produção literária em três fases distintas, pelas quais, seus escritos, sobretudo o de natureza política, sofreram processos rupturas e redefinições ideológicas, dos quais, texto e contexto dialogam numa profunda sinergia analítica que, a meu ver, refletiram, não só o momento político que o Brasil estava passando, mas foi um fiel retrato da realidade brasileira.

Desta forma, nossa pesquisa organizou o estudo do itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha, inicialmente selecionando textos com esse recorte temporal da elaboração da escrita, no período compreendido de 1883, fase que antecede seu ingresso na Escola Militar, até 1909, ano da sua morte. Nesse período, Euclides da Cunha observa e analisa a realidade brasileira a partir de diferentes estilos de linguagem, incorporando uma multiplicidade de teorias e matrizes ideológicas, cujo propósito visava recolocar o Brasil no rumo da modernidade. Logo, as três fases para análise da evolução do pensamento político de Euclides estão organizadas nesta Tese da seguinte forma: **Primeira fase** - da juventude escolar e militar, do propagandista político, do radical e revolucionário positivista republicano; **Segunda fase** - a do crítico das práticas políticas republicanas, intelectual preocupado com o Brasil do interior, destacando a diversidade do povo como retrato da nação. Período que Euclides se redefine como escritor militante político, revelador da sua faceta social democrata, sobretudo pela tentativa de incorporar uma síntese entre o evolucionismo, o positivismo e o socialismo; **Terceira fase**: Marcada pelo dilema da conciliação entre o mito das letras e do idealista do Brasil como Estado/Nação. Acentua sua postura crítica com reflexões sobre o território e as fronteiras com os países vizinhos. Enfatiza seu ceticismo e desilusão quanto às reais possibilidades de mudanças políticas no Brasil.

Das fontes primárias que serviram de base para essa pesquisa<sup>13</sup>, grande parte delas foram selecionadas a partir da 2ª edição de 2009 do livro *Euclides da Cunha – Obra Completa*, a qual

---

<sup>13</sup> Apesar dos textos selecionados terem sido retirados dessa última versão da Obra Completa de Euclides (2009), foi necessário recorrer a outras bibliografias que possuem textos inéditos, dos quais cito a seguir: **Euclides da**

foi revisada, ampliada e atualizada pela Editora Nova Aguiar, em relação a 1ª edição de 1966, organizada por Afrânio Coutinho. No entanto, nas duas edições de 1966 e 2009, da *Obra Completa de Euclides da Cunha*, a organização dos seus textos não obedecia uma cronologia, isto é, a ordem da publicação não era a ordem da escrita, sendo que muitos dos escritos de Euclides só foram descobertos depois da sua morte. Coube então a nós selecionar textos de Euclides adotando esse critério cronológico da escrita, que entendemos que seja fiel ao contexto político e social da realidade brasileira que ele estava em contato.

Cumpramos ressaltar que na 2ª edição de 2009, *Euclides da Cunha – Obra Completa*, seus textos foram organizados em dois volumes, dos quais no primeiro, contém o ciclo republicano e amazônico, bem como outras publicações em livros, além dos artigos, ensaios, discursos e entrevistas de temas variados. Já o segundo volume possui os três livros do ciclo sertões.

**1º Volume** (845 páginas) – Cronologia da vida e da obra; iconografia, Contrastes e Confrontos; À Margem da História; Peru versus Bolívia; Ondas e outros poemas esparsos; Outros contrastes e confrontos; A Margem da Geografia; Números e diagramas; Crônicas: artigos dispersos na imprensa; Fragmentos e relíquias.

**2º Volume** (1223 páginas) – Os Sertões: Campanha de Canudos; Canudos: diário de uma expedição; Caderneta de campo; Iconografia de Canudos; Correspondência ativa; Dicionário euclidiano de nomes próprios.

Diante deste quadro, procuramos organizar nossa pesquisa tendo como problema central a percepção de Euclides sobre a formação do Estado e Nação no Brasil da primeira república, do qual selecionamos passagens de natureza eminentemente política, procurando compreender como o pensamento político de Euclides foi evoluindo e sofrendo metamorfoses na medida em que ele vai tendo contato direto com a realidade brasileira.

Durante a fase de levantamento bibliográfico da pesquisa, identificamos alguns poucos intelectuais da área de pensamento político brasileiro que, de forma fragmentada, se dispuseram a estudá-lo, como: Santos (2002); Weffort (2006); Lima (1998), Cardoso (2013); Brandão (2007). Em comum, esses autores sinalizavam Euclides como intelectual que pensa o Estado a partir da Nação e não das instituições políticas simplesmente. Esta constatação foi uma pista valiosíssima para o início de nossa pesquisa, onde permitiu-nos indagar qual seria a concepção

---

**Cunha – Esboço biográfico:** edição de 2003, organizada pelo biógrafo Roberto Ventura, publicado pela Companhia das Letras; **Correspondências de Euclides da Cunha:** edição de 1997, organizada por Walnice Nogueira Galvão, publicado pela Edusp; **Euclides da Cunha – poesia reunida:** edição de 2009, organizada por Leopoldo M. Bernucci e Francisco Foot Hardman; e **Euclides da Cunha – um paraíso perdido:** 3ª edição de 1994, organizada Leandro Tocantins.

política de Nação nos escritos de Euclides e como ele reagiu às contradições entre instituições e construção do território brasileiro.

Desta forma, ao recompormos o itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha queríamos confirmar nossa hipótese pela qual um traço marcante de boa parte da sua produção literária era a obsessão pela modernização. Ou seja, se recolocarmos essa questão a partir da linguagem de Euclides, sua trajetória intelectual se debruça em torno do problema do progresso nesse período de consolidação da República no Brasil. E é justamente sobre esse aspecto que nossa pesquisa procurou se atentar, uma vez que a concepção teórica de progresso de Euclides entra em choque com a realidade nacional.

Daí, elencamos três questões que julgamos centrais para compreendermos a natureza do pensamento político de Euclides no decurso do seu itinerário intelectual: Qual a concepção de progresso/modernização que o Euclides tem em mente antes de conhecer o Brasil profundo? Como essa concepção entra em crise com o contato e as experiências de Canudos e da Amazônia? Qual a concepção de progresso/modernização da Nação que ele reconstrói após essas experiências?

Sendo assim, para dar conta do objetivo central da pesquisa, organizamos a estrutura da nossa Tese em torno de três capítulos, procurando com isso, compreender as minúcias que caracterizaram os escritos políticos de Euclides durante sua vida intelectual, sobretudo pelo seu estilo de linguagem rebuscada. Esta característica é reveladora de um pensador angustiado com os problemas sociais e políticos do seu tempo, cujo pensamento político tem essa marca de periférico, pela sua singularidade e comprometimento com essa ideia crítica de *Brasil profundo*, que nos escritos de Euclides se revela como contraditório, ao mesmo tempo que impõe-se na busca pela superação desses problemas, apontando para o imperativo da modernidade.

Neste sentido, a tese foi estruturada em três blocos de capítulos, dos quais refletem as três fases do itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha durante sua curta trajetória intelectual e de vida. Assim, no primeiro capítulo, abordamos a primeira fase de gestação intelectual de Euclides, período da sua juventude, compreendido entre 1883-1897, cuja linguagem produzida é o retrato da sua radicalidade política e perfil revolucionário. Aborda-se também o reflexo do contexto social e político brasileiro nessa fase de transição entre a monarquia e república, cujas ideias políticas de Euclides, destoa como propagandista republicano tendo como modelo o ideal republicano positivista. Em síntese, neste primeiro capítulo a análise se deu em torno do problema da formação intelectual inicial do jovem

Euclides, sobretudo na forma como ele pensou a questão da inserção do Brasil na modernidade a partir das matrizes ideológicas européias desse período.

No segundo capítulo, abordamos a segunda fase intelectual de Euclides Cunha (1897-1904), cuja maturidade reflexiva, o imortalizou com um dos maiores intérpretes e críticos da nacionalidade brasileira. É o período que Euclides confronta suas adesões ideológicas republicanas com as contradições da realidade brasileira a partir do contato com a guerra de Canudos no sertão nordestino. Suas narrativas sobre os “dois brasis”, adquirem originalidade, inaugurando um estilo dicotômico de reflexão sobre sua experiência no interior do Brasil. É o início do processo de rupturas e redefinições dos ideais políticos de Euclides, da qual sobressai sua vinculação a essa característica da nação brasileira, fundada na diversidade do povo. É nesse período que as ideias da juventude de Euclides se confrontam com a realidade brasileira, da qual traduz na sua obra monumental - *Os Sertões*. Advém desse período o momento de angústia e de postura crítica em desfavor das práticas políticas da república. É do final desse período que os escritos de Euclides começam a adquirir contornos que demonstram um novo momento intelectual de contestação da vertente política do positivismo e uma paulatina adesão aos princípios socialistas.

No terceiro e último capítulo, intento mostrar um Euclides preocupado com o território brasileiro, agindo como uma espécie de interlocutor do pensamento geopolítico ao discutir as delimitações das fronteiras com Peru e Bolívia. É desse período (1894-1909) que Euclides se revela como um intelectual sensível aos problemas sociais e políticos da exploração da borracha na Amazônia. É nesse momento também que surge o perfil de um Euclides crítico da intelectualidade da Rua do Ouvidor, membro da Academia Brasileira de Letras, da qual manteve interlocução com intelectuais que se consagraram na interpretação do Brasil, tais como Rui Barbosa, Machado de Assis, etc. Mas é também do final desse período que assistiremos um Euclides cético com a política, com os rumos da nação e com o Brasil, num prenúncio intelectual do seu trágico final de vida.

Por fim, nas considerações finais, procuro fazer uma síntese do pensamento político de Euclides da Cunha, fundado na ideia de um intelectual em progresso, marcado por um certo ecletismo teórico, no qual a busca por leis positivas que regem a sociedade está sempre presente. A análise do seu itinerário intelectual revelou que suas tendências filosóficas se punham diante do seu espírito inquieto, indagador e desejoso de se ajustar permanentemente às novas realidades da ciência e das teorias sociais. No entanto, a despeito da relativa confusão resultante do alinhamento de posições ideológicas tão diversas, em que se mistura às variações do



evolucionismo, positivismo o socialismo revolucionário, Euclides buscou apreender a uma solução para os problemas brasileiros, absorvendo com maior ou menor profundidade tendências do pensamento do final do século XIX e começo do XX.

## 1. PRIMEIRA FASE (1883-1897): DA JUVENTUDE RADICAL E REVOLUCIONÁRIA

Nesse tópico, intentamos percorrer os primeiros momentos da produção intelectual de Euclides da Cunha, da qual suas ideias políticas adquiriram um contorno revolucionário<sup>14</sup>. O período analisado vai de 1883 a 1897, onde os escritos políticos de Euclides recebem a influência dos ideais radicais franceses, do positivismo e do ideal de liberdade individual, para pensar a reinvenção do Estado.

### 1.1 Nas *Ondas* revolucionárias<sup>15</sup>

O período histórico compreendido do final do século XIX no Brasil, sinalizou o último momento da escravatura formal e do regime imperial com a entrada em cena de novos agentes sociais como as elites médias urbanas e os imigrantes, acarretando a emergência de novas tensões sociais com o advento da República<sup>16</sup>. Tal período foi precedido pela aparição do café como solução econômica para os dilemas sociais que a nação viveu na segunda metade do século XIX. Aos poucos foi se rompendo as amarras da escravatura num Brasil que parecia caminhar na direção da modernidade, da industrialização, da urbanização, do trabalho livre e para um novo modelo civilizatório. Foi nesse Brasil que surgiu Euclides da Cunha e foi com questões dessa natureza que ele teve que se defrontar.

É nesse contexto de euforia e tensão que, em 20 de janeiro de 1866, nasceu na fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, no município de Cantagalo, Rio de Janeiro, Euclides, *o decifrador da brasilidade*. Como observa Athayde (1989, p. 13): “Euclides viera ao mundo justamente quando a nação brasileira estava empenhada na guerra contra as forças de Solano López, em momento de exaltação patriótica e de tristeza pela partida dos entes queridos rumo ao teatro da luta”. Euclides ainda muito jovem sofreu com a perda dos entes queridos (mãe e

---

<sup>14</sup> Apesar do material analisado datar esse o início dos escritos de Euclides a partir de 1883, destacamos as constatações de boa parte de seus biógrafos ao apontar que em 1874, quando do início da vida escolar no "Colégio Caldeira", Euclides ainda muito jovem, teve foi muito influenciado pelo professor Francisco José Caldeira, português da Ilha da Madeira, pedagogo de ideias revolucionárias, que moldou seu imaginário, alimentando desejos libertários. A esse respeito ver Ventura (2003).

<sup>15</sup> Esse período em que os poemas *Ondas* é escrito por Euclides foi muito tempo depois ilustrado em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras e, 18 de dezembro de 1906. (CUNHA, 2009, p. 119)

<sup>16</sup> Para melhor compreensão desse período, consultar CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi. Rio de Janeiro. Cia das Letras. 3ª edição. 2015.

tia), dor que marca seu caráter melancólico revelado por uma tristeza que se desenha como traço de sua personalidade.

O ano de 1883, marca o início da criação intelectual de Euclides da Cunha. Ao entrar para o Colégio Aquino, conhece Benjamin Constant (seu mestre e modelo), o qual terá papel decisivo na orientação política ideológica de Euclides. O colégio Aquino preparava-se para o ingresso nas escolas de ensino superior do Império, como a Politécnica e a Militar. É nesse ambiente que Euclides vai se aproximar e admirar os poetas românticos, sobretudo Fagundes Varela<sup>17</sup> (1841-1875), de “Pendão Auriverde” (1863) e “Vozes da América” (1864). As poesias de Fagundes Varela (1957), abordaram temas sociais e políticos, dos quais já indicavam a predileção de Euclides para a sensibilidade nacionalista. Abaixo destaco dois desses poemas de Fagundes Varela, que fazem parte da coleção Pendão Auriverde (1863)<sup>18</sup>.

#### AO BRASIL

Bela estrela de luz, diamante fúlgido  
da coroa de Deus, pérola fina  
dos mares do ocidente,

oh! como altiva sobre nuvens de ouro  
a fronte elevas afogando em chamas  
o velho continente!

A Itália meiga que ressona lânguida  
nos coxins de veludo adormecida  
como a escrava indolente;  
a França altiva que sacode as vestes  
entre o brilho das armas e as legendas  
de um passado fulgente.

A Rússia fria -Mastodonte eterno!  
cuja cabeça sobre os gelos dorme,  
e os pés ardem nas fréguas;  
a Bretanha insolente que expelida  
de seus planos estéreis se arremessa  
mordendo-se nas águas;  
A Espanha túrbida; a Germânia em brumas;  
a Grécia desolada; a Holanda exposta  
das ondas ao furor...  
Uma inveja teu céu, outra teu gênio,  
esta a riqueza, a robustez aquela,  
e todas o valor!

#### AO POVO

Não ouvís? ... Além dos mares  
braveja ousado Bretão!  
Vingai a pátria, ou valentes  
da pátria tombai no chão!

Não ouvís?... Além dos mares  
braveja ousado Bretão!  
Vingai a pátria, ou valentes  
da pátria tombai no chão!

Erguei-vos, povo de bravos,  
erguei-vos, brasíleo povo,  
não consintais que piratas  
na face cuspam de novo!

O que vos falta? Guerreiros?  
Oh! que eles não faltam não  
aos prantos de nossa terra  
guerreiros brotam do chão!

Mostrai que as fronteas sublimes  
os anjos cercam de luz,  
e não há povo que vença  
o povo de Santa Cruz!

Sofrestes ontem, criança

<sup>17</sup> Luís Nicolau Fagundes Varela foi um dos maiores expoentes da poesia brasileira da segunda geração do romantismo e Patrono da cadeira nº 11 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Um dos poetas pertencentes à segunda geração romântica, chamada de “Mal-do-século” ou “Ultrarromântica”. Dentre seus principais poemas temos: Noturnas (1861); ântico do Calvário (1863); Pendão Auriverde (1863); Vozes da América (1864); Cantos e Fantasias (1865); Cantos Meridionais (1869); Cantos do Ermo e da Cidade (1869); Anchieta ou Evangelho na Selva (1875); Cantos Religiosos (1878); Diário de Lázaro (1880). Ver VARELA, L. N. F. Poesias completas de L. N. Fagundes Varela. Org. Miécio Táci e Carrera Guerra. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

<sup>18</sup> Ver VARELA, L. N. F. (1957)

Oh! terra de meu berço, oh pátria amada,  
 ergue a fronte gentil unvida em glórias  
 de uma grande nação!  
 Quando sofre o Brasil, os brasileiros  
 lavam as manchas, ou debaixo morrem  
 do santo pavilhão!...

contra a força o que fazer?...  
 Se nada podeis, agora  
 podeis ao menos morrer!...  
 Oh! morrei! a morte é bela  
 quando junto ao pavilhão  
 se morre pisando escravos  
 que insultam brava nação!

Quando nos templos da fama  
 nas áureas folhas da história  
 gravado revive o nome  
 por entre os hinos da glória!

Quando a turba que se agita  
 saúda a campá adorada:  
 Foi um herói que esvaiu-se  
 nos braços da pátria amada!

Euclides e seus colegas simpatizavam também com a causa abolicionista, que era agitada em artigos de jornais, comícios e manifestações por Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, André Rebouças e Luís Gama. Mas a denúncia dos horrores do tráfico e a exposição da crueldade dos senhores, faziam eclodir inquietações ligadas a perda de raízes, nostalgia das origens e a ausência de liberdade, das quais eram considerados temas muito sensíveis à juventude estudantil daquele período.

Na coletânea de poemas organizada em 1883, com o título de *Ondas*, estão contidos quatro sonetos intitulados respectivamente Dantão, Marat, Robespierre e Saint-Just, os principais representantes do Jacobinismo. Era o reflexo da influência do professor Caldeira e uma antecipação, no âmbito ideológico, do clima que encontrou na Praia Vermelha (VENTURA, 2003).

É no caderno *Ondas*<sup>19</sup>, que surgem as primeiras manifestações críticas no formato de poemas dos escritos de Euclides da Cunha. Um começo precoce, muito tempo antes da sua entrada na Escola Militar do Rio de Janeiro. Esses poemas são datados de 1883 a 1886, onde Euclides compôs num período muito curto de sua iniciação intelectual, navegando pela imaginação política. Euclides vivenciava um período de transição que “(...) tem as características acentuadas da nova escola, lógica fusão do realismo e o romantismo, porque reúne a fiel observação de Baudelaire e as surpreendentes deduções de Vitor Hugo.” (XAVIER, apud. ASSIS, 1973, vol. III, p. 811).

---

<sup>19</sup> Dos 134 textos que integram toda a sua produção poética até hoje conhecida entre nós, somente 37 foram reunidos em forma de livro, estando a maioria dispersa em manuscritos inéditos ou impressos em periódicos difíceis de acessar. Atualmente o manuscrito *Ondas*, contém 78 poemas e 13 notas do próprio poeta, 12 em folhas separadas, e uma de rodapé para um único poema, “No túmulo de um inglês...”. (Bernucci e Hardman, 2009)

Como o primeiro poema da coleção, “Correi, rolai, correi – ondas sonoras”, introduz um tema que se tornará recorrente e será articulado ao longo de todo o livro, significando a luta revolucionária. A esse respeito, Bernucci e Hardman (2009), vai afirmar que “como tal, esse tema é amplo porque nele coaduna-se o antes (trevas) e o depois (luz), reafirmando-se a fé e a esperança (Crença) num melhor futuro (Porvir, Glória).” Esse começo do caderno *Ondas* é então marcado pela palavra de ordem “Revolução”, da qual a luta revolucionária nessa fase da juventude de Euclides, constitui como fundante do seu pensamento político. Destacamos a seguir, alguns de seus poemas preferidos<sup>20</sup>, dos quais, aguçou seu imaginário político e engajamento intelectual.

### DANTÃO

Parece-me que o vejo iluminado.  
Erguendo delirante a grande frente  
De um povo inteiro o fúlgido horizonte  
Cheio de luz, de idéias constelado!  
De seu crânio vulcão \_ a rubra lava  
Foi que gerou essa sublime aurora  
Noventa e três \_ e a levantou sonora  
Na frente audaz da população brava!  
Olhando para a história \_ um século e a lente  
Que mostra-me o seu crânio resplandente  
Do passado através o véu profundo...  
Há muito que tombou, mas inquebrável  
De sua voz o eco formidável  
Estruge ainda na razão do mundo!

1883

### REBATE

(Aos padres)  
Sonnez! sonnez toujours, clairons de la pensée.  
V. Hugo

Ó pálidos heróis! ó pálidos atletas \_  
Que co'a razão sondais a profundez dos Céus \_  
Enquanto do existir no vasto Saara enorme  
Embalde procurais essa miragem \_ Deus!...

A postos!... É chegado o dia do combate...  
As frentes levantai do seio das so'idões \_  
E as nossas armas vede \_ os cantos e as idéias,  
E vede os arsenais \_ cérebros e corações.

De pé... a hora soa... esplêndida a Ciência  
Com esse elo \_ a idéia \_ as mentes prende à luz  
E atea já, fatal, a rubra lavareda  
Que vai \_ de pé heróis! \_ queimar a vossa Cruz...

### ONDAS

Correi, rolai, correi \_ ondas sonoras  
Que à luz primeira, dum futuro incerto,  
Erguestes-vos assim \_ trêmulas, canoras,  
Sobre o meu peito, um pélogo deserto!  
Correi... rolai \_ que, audaz, por entre a treva  
Do desânimo atroz \_ enorme e densa \_  
Minh'alma um raio arroja e altiva eleva  
Uma senda de luz que diz-se \_ Crença!  
Ide pois \_ não importa que ilusória  
Seja a esperança que em vós vejo fulgir...  
Escalai o penhasco ásp'ro da Glória...  
Rolai, rolai \_ às plagas do Porvir!

1883

### ROBESPIERRE

Alma inquebrável \_ bravo sonhador  
De um fim brilhante, de um poder ingente,  
De seu cérebro audaz, a luz ardente  
É que gerava a treva do Terror!

Embuçado num lívido fulgor  
Su'alma colossal, cruel, potente,  
Rompe as idades, lúgubre, trememente,  
Cheia de glórias, maldições e dor!

Há muito que, soberba, ess'alma ardida  
Afogou-se cruenta e destemida  
Num dilúvio de luz: Noventa e três...

Há muito já que emudeceu na história  
Mas ainda hoje a sua atroz memória  
É o pesado mais cruel dos reis!...

1883

<sup>20</sup> Cunha, Obras Completas (2009, p. 463-510)

Vos pesa sobre a fronte um passado de sangue.  
A vossa veste negra a muit'alma envolveu!  
E tendes que pagar \_ ah! dívidas tremendas!  
Ao mundo: João Huss \_ e à Ciência: Galileu.

Vós sois demais na terra!... e pesa, pesa muito  
O lívido bordel das almas, das razões,  
Sobre o dorso do globo \_ sabeis \_ é o Vaticano,  
Do qual a sombra faz a noite das nações...

Depois... o século expira e... padres, precisamos  
Da ciência c'o archote \_ intérmio, fatal \_  
A vós incendiar \_ aos báculos e às mitras,  
A fim de iluminar-lhe o grande funeral!

Já é, já vai mui longa a vossa fria noite,  
Que em frente à Consciência, soubestes, vis, tecer...  
Oh treva colossal \_ partir-te-á a luz...  
Oh noite, arreda-te ante o novo alvorecer...

Oh vós que a flor da Crença \_ esquálidos \_ regais  
Co'as lágrimas cruéis \_ dos mártires letais \_  
Vós, que tentais abrir um santuário \_ a cruz,  
Da multidão no seio a golpe de punhais...

O passado trazeis de rastro a vossos pés!  
Pois bem \_ vai-se mudar o gemer em rugir \_  
E a lágrima em lava!... ó pálidos heróis,  
De pé! que conquistar-vos vamos \_ o porvir!...

**1883**

### **MARAT**

Foi a alma cruel das barricadas!  
Misto e luz e lama!... se ele ria,  
As púrpuras gelavam-se e rangia  
Mais de um trono, se dava gargalhadas!...

Fanático da luz... porém seguia  
Do crime as torvas, lívidas pisadas.  
Armava, à noite, aos corações ciladas,  
Batia o despotismo à luz do dia.

No seu cérebro tremente negrejavam  
Os planos mais cruéis e cintilavam  
As idéias mais bravas e brilhantes.

Há muito que um punhal gelou-lhe o seio...  
Passou... deixou na história um rastro cheio  
De lágrimas e luzes ofuscantes.

**1883**

Euclides nesses poemas procura exhibir seu conhecimento sobre os líderes da Revolução Francesa (Dantão, Marat, Robespierre, Saint-Just, Madame Roland), dos quais, são marcados pela exaltação à luta social e política na França e no Brasil. Em *Ondas* encontramos versos nacionalistas de ataque à monarquia e de apologia aos radicais das lutas republicanas, assim como de exaltação dos feitos e principais personagens da revolução Francesa e da representação das misérias da vida.

A insurreição realizada contra os regimes tirânicos ou autoritários em Euclides, mais do que uma questão de escola, foi uma manifestação de seus sentimentos revolucionários, que duraram até a chegada da República e que possivelmente explicará seu temperamento impulsivo e de rebeldia que marcará sua carreira militar. Há mais de quinze composições de Euclides em *Ondas* inspiradas pelas lutas revolucionárias, sendo que a principal referência histórica é a Revolução Francesa. Dessa forma, esses poemas são interpretados como as primeiras

manifestações ideológicas de caráter abertamente político da fase de conscientização da juventude de Euclides<sup>21</sup>.

Nesse período, Euclides teve aulas de história com Teófilo das Neves Leão. Segundo Ventura (2003), os relatos de Leão sobre a Revolução Francesa inspiraram Euclides nos quatro poemas dedicados a Dantão, Marat, Robespierre e SaintJust. Sua galeria de heróis mostra a predileção pela atuação dos jacobinos, partidários da ditadura da salvação pública, que dominaram a cena política francesa de 1792 a 1794 e implantaram o terror como política de Estado.

Euclides concebeu suas primeiras formas de imaginário político tomando a experiência francesa do século XVIII como modelo ideológico, onde o indivíduo era elevado à categoria de herói, capaz de mudar, com suas ações e o curso da história. Sobre Saint-Just, presidente da Convenção, que defendeu o terror e a suspensão das garantias constitucionais, Euclides<sup>22</sup> escreveu em seu caderno:

Un discours de Saint-Just donnait tout de suite un caractère terrible au débat...  
Raffy: Procès de Louis XVI

Quando à tribuna ele se ergueu, rugindo,  
Ao forte impulso das paixões audazes \_  
Ardente o lábio de terríveis frases  
E a luz do gênio em seu olhar fulgindo,

A tirania estremeceu nas bases,  
De um rei na frente ressumou, pungindo,  
Um suor de morte e um terror infundo  
Gelou o seio aos cortesãos sequazes \_

Uma alma nova ergueu-se em cada peito,  
Brotou em cada peito uma esperança,  
De um sono acordou, firme, o Direito \_

E a Europa \_ o mundo \_ mais que o mundo, a França \_  
Sentiu numa hora sob o verbo seu  
As comoções que em séculos não sofreu!...

(Saint Just 1883)

<sup>21</sup> Segundo Bernucci e Hardman (2009), alguns dos poemas de *Ondas* foram publicados no jornal dos alunos do colégio. Outros só chegaram a ser conhecidos após sua morte

<sup>22</sup> CUNHA, Obras Completas (2009, p. 467)

Euclides lia os românticos franceses, como o poeta Victor Hugo<sup>23</sup> e o historiador Jules Michelet, que haviam escrito sobre a Revolução de 1789. Vitor Hugo abordou no romance histórico *Quatre-vingt-treize* [Mil setecentos e noventa e três], que lançou em 1874, o período em que a Revolução foi dominada pela Convenção e por líderes jacobinos como Saint-Just. Tratava ainda, no mesmo livro, da guerra na Vendéia, na região oeste da França, em que camponeses católicos se rebelaram contra os republicanos e revolucionários. Michelet foi um dos criadores do imaginário revolucionário do século XIX, que inspirou Euclides e muitos republicanos brasileiros, com sua *Histoire de la Révolution Française*<sup>24</sup>.

Outros mais, como “A estátua equestre”, “Eu sou republicano”, “Ferrea vox”, além dos já comentados “Correi, rolai, correi - ondas sonoras” e “Aurora”, também podem ser vistos como poemas associados ao contexto político-social do Brasil das últimas décadas do século XIX. Euclides em alguns poemas de *Ondas*, dá margem a uma interpretação da qual exalta uma certa relutância e dificuldade de conceber uma crença religiosa, rejeitando o impulso fervoroso de “encontrar algo em que ele pudesse crer, embora sem saber exatamente em quê”. Euclides revela seu ceticismo e também para se lamentar dele.

#### A CRUZ DA ESTRADA

A meu amigo E. Jary Monteiro

Se vagares um dia nos sertões,  
Como hei vagado \_ pálido, dolente,  
Em procura de Deus \_ da fé ardente  
Em meio das soidões...

Se fores, como eu fui, lá onde a flor  
Tem do perfume a alma inebriante,  
Lá onde brilha mais que o diamante  
A lágrima da dor...

Se sondares da selva e entranha fria  
Aonde dos cipós na relva extensa  
Noss'alma embala a crença.  
Se nos sertões vagares algum dia...

Companheiro! Hás de vê-la.  
Hás de sentir a dor que ela derrama  
Tendo um mistério, aos pés, de um negro drama,  
Tendo na frente o raio de uma estrela!...

---

<sup>23</sup> De acordo com Ventura (2003), Euclides se encantou o principal romance de Victor Hugo “Os Miseráveis, da qual traz claramente sua filosofia política, humana e social.

<sup>24</sup> Ver MICHELET, Jules. História da Revolução Francesa. Companhia das Letras. Trad. : Maria Lucia Machado. São Paulo. 1989



Que vezes a encontrei!... Medrando calma  
 A Deus, entre os espaços  
 No desgraçado, ali tombado, a alma  
 Que tiritá, quem sabe?, entre os seus braços.

Se a onça vê, lhe oculta a asp'ra, ferrenha  
 Garra, estremece, pára, fita-a, roja-se,  
 Recua trêmula, e fascinada arroja-se,  
 Entre as sombras da brenha!...

E a noite, a treva, quando aos céus ascende  
 E acorda lá a luz,  
 Sobre os seus braços frios, frios, nus,  
 \_ Tecido de astros em brial estende...

Nos gélidos lugares  
 Em que ela se ergue, nunca o raio estala,  
 Nem pragueja o tufão... Hás de encontrá-la  
 Se acaso um dia nos sertões vagares...

[maio 1884]

No ano de 1884 Euclides da Cunha prestou exame para a Escola Politécnica, onde pretendia estudar engenharia. Estudou apenas um ano (1885) na referida e renomada escola. No ano seguinte ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha. Euclides, ao mesmo tempo em que se dedicava às ciências naturais e ao estudo da matemática, exercitava a sensibilidade e a reflexão compondo poemas de fundo filosófico e metafísico. É dessa época (1885) um dos mais brilhantes poemas de Euclides da Cunha, “As catas”, que revela um seu olhar aguçado para as ruínas e os desertos criados pelo progresso civilizacional.

### AS CATAS

Que outros adorem vastas capitais  
 Aonde, deslumbrantes,  
 Da Indústria e da Ciência as triunfais  
 Vozes se erguem em mágico concerto;  
 Eu, não; eu adro antes  
 As capitais vazias do deserto,  
 Cheias de sombra, de silêncio e de paz...  
 (...)  
 Mas não procureis vós que s fitais.  
 Fogem a humanidade.  
 Essas necróp'les de silêncio e paz...  
 Procurai-as, vereis: abruptamente,  
 Se desfaz a cidade  
 E fica-vos em frente unicamente,  
 Uma porção de argila; nada mais...  
 (...)  
 Viajantes que rápidos passais  
 Pelas serras de Minas,  
 Vindo de majestosas capitais  
 Passai longe das urbs mortuárias

Passai longe das ruínas  
 Passai longe das Catas solitárias  
 Cheias de sombras, de silêncio e paz...

O primeiro artigo de Euclides intitulado, "*Em viagem*", publicado em 4 de abril de 1884<sup>25</sup>, no jornalzinho *O Democrata* do Colégio Aquino, já mostrava o interesse pela natureza ameaçada pelo avanço do progresso e da civilização.

(...) Guiam-me a pena as impressões fugitivas das multicores e variegadas telas de uma natureza esplêndida que o tramway me deixa presenciar de relance quase. E majestoso o que nos rodeia — no seio dos espaços palpita coruscante o grande motor da vida; envolta na clâmide cintilante do dia, a natureza ergue-se brilhante e sonora numa expansão sublime de canções, auroras e perfumes... A primavera cinge, no seio azul da mata, um colar de flores e o sol oblíquo, cálido, num beijo ígneo, acende na frente granítica das cordilheiras uma auréola de lampejos... por toda a parte a vida... (CUNHA,1884)

Euclides introduziu um tom macabro ditado por sua sensibilidade romântica. Por entre as paisagens dos morros cariocas, via a estrada de ferro, que rasga a natureza e degrada sua beleza, antecipando o domínio da cidade sobre a floresta:

(...) uma idéia triste nubla-me este quadro grandioso - lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na frente da natureza, uma ruga, sim!... Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá!... Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor! (CUNHA,1884)

O movimento republicano apresentava divisão entre os evolucionistas, favoráveis à transição pacífica para a nova forma de governo, e os revolucionários, que lutavam pela derrubada do imperador por um movimento armado, a ser conduzido pelo povo ou pelo Exército. Euclides se mostrava ao mesmo tempo evolucionista e revolucionário. Era evolucionista, em termos filosóficos, ao conceber a história como sucessão de etapas evolutivas. Mas era revolucionário em termos políticos, ao pregar a revolução como um modo de abreviar a passagem da Monarquia para a República, a exemplo do que fizera a França para derrubar o Antigo Regime.

De acordo com Ventura (2003), a gênese do pensamento euclidiano pode ser ilustrada a partir de alguns episódios dessa fase de sua vida: a observação do comportamento do coronel Magalhães Garcez, homem de ideias liberais; da vida na fazenda São Joaquim, experiência que

---

<sup>25</sup> CUNHA, Euclides da. "Em Viagem". In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Aguilar, Vol. I, 2009, p. 804.

alimentou em seu espírito a revolta contra a escravatura; e a vida cultural no Colégio Caldeira<sup>26</sup>, especialmente àquelas relativas às influências revolucionárias do professor, que inflamava os ideais da Revolução Francesa.

## 1.2 O progresso como condição para civilização

É nessa fase de intenso ativismo político que em 1886 Euclides entra na Escola Militar da Praia Vermelha do Rio de Janeiro. Ao reencontrar seu antigo mestre Benjamin Constant, se vê novamente influenciado pela adesão do mestre aos princípios da filosofia de Augusto Comte. Dessa forma, o positivismo comteano passa a exercer no pensamento de Euclides uma profunda influência, sobretudo na formulação de um ideal republicano e modernizador possível de ser adaptado a realidade brasileira, com objetivo de superar a condição de atraso do Brasil optando por uma forma mais elevada de civilização.

É nesse período que Euclides se expressa com palavras e gestos as múltiplas formas de declarar-se apaixonado pela República Brasileira e a Spencer<sup>27</sup>. Em Spencer, Euclides buscava os fundamentos de um liberalismo e progresso social alinhado às posições mais democráticas e cívicas que não destruíssem as nações menos desenvolvidas economicamente.

A crença no poder da ciência acompanhou Euclides ao longo de sua criação intelectual e foi um dos pilares de sua concepção de mundo. O contato com as ideias positivistas conferiu solidez a esse entendimento e os ensinamentos da Escola Militar constituíram em Euclides, a fonte da sua consciência. Ali viveu intensamente, não apenas no âmbito da pura atividade intelectual, mas também no que se refere a seu amadurecimento político, a participação em episódios significativos na vida da escola (com rebatimento nas lutas sociais da época). Essa experiência foi decisiva na constituição de sua visão de mundo. Como assinala Galvão (1984, p. 7), (...) “a obra de Euclides da Cunha, vista como conjunto amplo e diversificado, será

---

<sup>26</sup> Em 1874, Euclides foi matriculado no Colégio Caldeira, renomada instituição de ensino de São Fidélis, dirigida pelo professor Francisco José Caldeira, “português da Ilha da madeira, pedagogo de ideias revolucionárias, que exerceu boa influência no seu espírito, animando-o nos seus desejos libertários. Adquiriu nesse colégio boa base cultural”. (BRANDÃO. 2005, p. 151)

<sup>27</sup> O filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin, e convicto evolucionista. A partir de sua obra, disseminou-se o conceito de “darwinismo social” e de uma “pedagogia positiva”. Defendeu a primazia do indivíduo perante a sociedade e o Estado e a natureza como fonte da verdade, incluindo a verdade moral. Ver Levine (1997)

imperfeitamente compreendida se não for colocada contra o pano da Escola Militar, instituição de que foi um dos mais característicos frutos.”

Fundada em 1810, a Escola Militar tinha como objetivo a formação de “oficiais e engenheiros para os serviços públicos civis, como construção de estradas, portos e pontes” (Galvão. 1984, p. 8). Influenciada pela ilustração francesa, a Escola foi a fonte do pensamento republicano brasileiro na segunda metade do século XIX. Essa influência se revelava no currículo e nas fontes bibliográficas. No período final do império combateu os movimentos contestadores do regime: o abolicionismo e o republicanismo. A partir de 1870, quando acabou a guerra do Paraguai e foi lançado o Manifesto Republicano, conflitos entre o exército e o Império tornaram-se intensos. Era a Escola Militar, então, um dos principais focos de tensão. “Nela, Euclides está situado no centro dos acontecimentos, num dos principais viveiros das ideias destinadas a modelar o Brasil de seu tempo” (MOTA, 2001, p. 49).

A Escola Militar, na década de 1880, se constituía como matriz geradora do pensamento social que daria sustentação ao ideal republicano. As influências do positivismo, do naturalismo, do darwinismo social, importadas da Europa alimentavam o espírito intelectual dessa geração. Auguste Comte, Hipolyte Taine, Émile Zola, Gustave Flaubert, Victor Hugo e outras figuras do pensamento francês do século faziam moda no seio da intelectualidade brasileira. A experiência escolar de Euclides na Escola Militar confirmou a assertiva de Galvão (1984, p. 10) ao dizer que, “ (...) a insistência na caracterização do lugar proeminente ocupado na época pela Escola Militar, e na compreensão do tipo de ensino ali ministrado, são indispensáveis para o conhecimento de Euclides, pois ambos os fatos irão pesar decisivamente na sua formação. ”

Foi na Escola Militar que Euclides reencontrou seu mestre e modelo, Benjamin Constant. Sob sua influência o cadete desenvolveu o amor pela matemática e a identificação com o positivismo. Segundo Mota (2001, p. 58) a relação entre Euclides e Benjamin Constant foi marcada pelo espírito de independência, uma vez que “Benjamin Constant não foi para Euclides apenas o mestre brilhante das lições de cálculo e das preleções sobre o positivismo: foi também um exemplo de intransigência moral e ética, de independência frente ao Poder.”

Esse aspecto da relação entre a Escola Militar, Benjamin Constant e Euclides se constitui como elemento chave para entender a trajetória do pensamento político de Euclides da Cunha. Nesse caso, a influência da ideologia militar/positivista da Escola militar, atrelado ao fascínio que Euclides tinha por Benjamin, moldará a sua postura intelectual, sobretudo

porque ele viveu intensamente seus princípios e a eles sacrificou o seu próprio bem-estar. E é justamente em função desses princípios que amargou o isolamento.

Em novembro de 1888, Euclides tentou quebrar a espada com os pés à frente do ministro da guerra, Tomaz Coelho, num gesto de protesto contra o regime imperial. Como consequência, “é recolhido imediatamente à prisão, de onde a bondade do médico da Escola, Dr. Lino de Andrade, o transfere para o hospital com o diagnóstico de ‘esgotamento nervoso por excesso de estudo’” (VENÂNCIO FILHO, 1997, p. 16). Em relação ao episódio da baioneta, Euclides foi punido por ato de insubordinação e foi desligado da Escola Militar e do exército.

Euclides foi desligado da carreira militar em 13 de dezembro de 1888, sob o pretexto de incapacidade física. A verdadeira razão foi seu protesto contra a política de promoções no Exército durante a revista dos cadetes da Escola Militar pelo ministro da Guerra, Tomás Coelho. Contou, muitos anos depois, ao político e diplomata Gastão da Cunha, que o protesto fazia parte de um plano de rebelião da escola, combinado com os colegas, com o objetivo de proclamar a República, que acabou sendo traído pelos colegas.

Nunca foi meu intuito (...) de tratar ou peitar o ministro. Meu ato não foi contra Tomás Coelho. Visava levantar os próprios colegas da Escola. Havia com uns seis ou sete companheiros, entre os quais Dória, da Bahia, terceiranista como eu, o conchavo de não apresentar armas ao ministro e dar vivas à República. Formando o grupo de alunos, estes, que já estavam amotinados e haviam afundado o assoalho da capela a pancadas com as coronhas das espingardas, faltaram ao combinado e apresentaram as armas. No pelotão da frente estava Lauro Müller ... comandante de um pelotão. E de saber que Lauro ignorava a combinação. Esperávamos que o movimento fosse seguido por todos, que estavam preparados para qualquer movimento revolucionário, de modo que qualquer ato de indisciplina ou provocação subversiva seria secundado, sem exceção, por todos, incendiando os ânimos como um rastilho de pólvora.

O protesto de Euclides foi um dos assuntos políticos do final de 1888. Euclides passou a gozar de certa notoriedade nesse período. Júlio Mesquita, sócio proprietário do jornal *A Província de São Paulo*, que deu origem pouco depois ao jornal *O Estado de São Paulo*, o convidou para escrever na coluna de política. A colaboração de Euclides servia aos propósitos do jornal, que fazia propaganda pela República. Era um jovem idealista, cuja carreira militar fora sacrificada por convicções políticas. Seu desligamento do Exército era visto como sintomático da tirania da Coroa, que perseguia os cadetes e oficiais que ousassem manifestar suas ideias. Passou então a escrever artigos diários sobre política em que atacava o imperador e a família imperial e pregava a necessidade de uma revolução política. Tais posições políticas o aproximaram dos políticos reunidos em torno de Júlio de Mesquita.

Euclides estreou na imprensa com artigos de propaganda, em que atacava o imperador e a família imperial e pregava a necessidade de revolução política. Em seu primeiro artigo, "A pátria e a dinastia", de 22 de dezembro de 1888, criticava a transferência de tropas para o Mato Grosso sob o comando do marechal Deodoro da Fonseca, presidente do Clube Militar. A ação do governo de dispersar o Exército para enfraquecê-lo não impediria, segundo Euclides, a lei da evolução de seguir o seu curso "fatal" e "inexorável":

A pátria e a Dinastia<sup>28</sup>

A Província de São Paulo, 22 de dezembro de 1888

Os últimos acontecimentos demonstram eloquentemente que o governo atual, apeado ao terreno infecundo dos expedientes, abandonou consciente da própria esterilidade a verdadeira política, desviando de todo o seu espírito da elaboração elevada das verdades sociológicas imediatamente, adaptadas à direção positiva da nossa nacionalidade.

(...) o governo não soube ou não quis aproveitar a grandeza ocasional em que se achou e longe de seguir o único programa civilizador de que pode dispor - conservar melhorando -, emergiu agora da inércia em que deperecia, para implantar no seio da sociedade, que lhe confiou o futuro, abruptamente, uma apreensão séria que se refletirá do modo mais deplorável, em todos os ramos de sua atividade.

(...) Se pretende fazer sentir nos destinos das nacionalidades em litígio a sua influência, no peso da espada de um marechal ilustre - patenteia um triste retrocesso mental, fere de frente o direito constitucional, que negando-lhe a faculdade de declarar a guerra impede-lhe, portanto, de originar-lhe causas e indica limpidamente ter a mentalidade trancada ao maior ideal da política moderna, feito pela sistematização de todos os princípios generosos, em que a supremacia mental inspira e onde a fortaleza das ideias concorre vitoriosamente com o frágil vigor das espadas.

(...) compreendendo, diante do espírito nacional vigorosamente alentado por novas aspirações, a fragilidade do cômodo regime que o sustenta; notando - o que é mais sério - que a frente do soldado, banhada nas correntes iluminadas do espírito contemporâneo, ousava cometer um delito, não previsto pelo conde de Lippe - racionar, o que transmudava-o numa força, força que se traduzia num movimento desassombrado e harmônico com o da sociedade; temendo, sobretudo, esse consórcio do pensamento com a espada - aliança que coloca esta ao lado do futuro e da liberdade

(...) Desiluda-se pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro - e quer o governo queira, quer não, embora voltado para o passado, caminhará com ela, para a frente, mas como os covardes - recuando.

Posteriormente, Euclides da Cunha escreveu dois artigos, sob o título genérico de "Questões sociais"<sup>29</sup>, para o jornal A Província de São Paulo, demonstrando sua simpatia pelo pensamento positivista e a sua filiação ao movimento republicano.

<sup>28</sup> Cunha, Obras Completas (2009, v. 1, p. 691-693)

<sup>29</sup> Cunha, Obras Completas (2009, v. 1, p. 693-695)

29 de dezembro de 1888:

(...) A democracia é, pois como uma teoria científica inteiramente desenvolvida, simboliza uma conquista da inteligência, que atingiu na Sociologia, depois de se ter avigorado pela observação metódica da vasta escala da fenomenalidade inferior; síntese final de todas as energias racionais (...)

(...) de fato ninguém deve fugir à ação de seu tempo e se a democracia é a forma de governo mais em harmonia com ele - é claro que lutamos pela sua realização, equivale a lutarmos para que se complete o nosso título de cidadãos - porque ela é, de fato, o complemento moral da Pátria.

(...) impelido pelas tradições de sua terra - repletas de um majestoso rumor revolucionário - cheia da encantadora magia dos mais belos exemplos, desde o estoicismo heróico de Tiradentes à heróica abnegação de Nunes Machado - o republicano brasileiro deve ser forçosamente revolucionário.

4 de janeiro de 1889:

(...) Pascal - numa alegoria admirável - em que exprime brilhantemente a lei da continuidade dos esforços humanos - sintetiza a humanidade num indivíduo secular, enorme, eterno - que irrompe através dos séculos e cuja existência se prolonga pela extensão indefinida das idades.

(CUNHA, 2009, v. 1, p. 696)

Mas é num ensaio inédito intitulado “Revolucionários”, que encontramos o fundamento político dos escritos de Euclides, que o acompanhará até o final da guerra de Canudos. De acordo com Bernucci e Hardman (2018), esse ensaio faz parte de uma coleção da Revista do Gremio Litterario Euclides da Cunha, Rio de Janeiro, (1915, p. 2), extraído de um caderno escolar datado de 1888. É nesse ensaio que encontramos duas categorias que são centrais para compreender essa primeira fase do pensamento político de Euclides: progresso e civilização. Euclides nesse ensaio exercitou a profissão de fé positivista, revelada nas promessas da ciência, na percepção da democracia como condição para o progresso social naquele período histórico.

Revolucionários<sup>30</sup>

O republicano brasileiro deve ser antes, antes de tudo, revolucionário.

Expliquemos o paradoxo.

A noção elevada da Pátria - despida hoje da feição sentimental que a caracterizava - assume hoje as proporções de uma brilhante construção cerebral em que entram, como elementos únicos, necessários e claramente correlativos, as concepções do tempo e do espaço.

Mais, talvez, do que filho de uma região, o homem da modernidade é filho do seu tempo.

Vinculado ao território pela tradição e pela família, a humanidade, que é a generalização desta, e a história que é a síntese daquele vinculam-no ao seu século.

Da perfeita harmonia destas duas concepções resultará o homem moderno.

Compreender a Pátria, com um ou outro destes elementos isolados, é incompatibilizar-se com o movimento evolutivo do progresso; é partir do egoísmo infecundo e criminoso de Bismarck, que só aspira ao progresso da Alemanha - ao altruísmo

<sup>30</sup> Cunha, Obras Completas (2009, v. 1, p. 693)

exagerado e não menos infecundo de Anarchasis Cloots<sup>31</sup>, declarando-se cidadão — do MUNDO!

A marcha das sociedades traduz-se hoje melhor pelo equilíbrio dinâmico dessas duas concepções.

Devendo aos esforços das gerações do passado a altitude prodigiosa de sua individualidade, preso pelas impressões ao território da Pátria, o cidadão moderno, na elevação imensa em que o princípio geral da relatividade o obriga a colocar o seu espírito desde que pense no futuro fastígio a que só pode atingir pela ciência, dominado pelo cosmopolitismo desta — fraterniza-se forçosamente aos seus coevos

E uma fraternidade que se estabelece — pelo coração e pelo cérebro; é um sentimento orientado pelo ractocín<sup>10</sup>, cuja existência demonstra-se com a mesma frieza e tão positivamente como um princípio da mecânica e cuja feição mais característica diz-se CIVILIZAÇÃO.

E esta de fato — a nossa Pátria no tempo.

Negá-la, é negar a função mais elevada da Ciência —; da Ciência que além de estabelecer na forma filosófica, a vasta solidariedade do espírito humano — sob a sua forma solidária. — Como a arte subordina inteiramente a esta solidariedade as exigências da vida moderna. Assim compreendida — e não há outro meio a posição do indivíduo na modernidade à — enfrentemos desassombadamente a nossa questão.

No dia 1º de janeiro de 1889, Euclides saudou o novo ano, em *A Província*, com o artigo “89”, no qual fez um paralelo entre a Revolução Francesa de 1789 e as comemorações do seu centenário em solo brasileiro, pregando abertamente a implantação da República. De 10 a 24 de janeiro 1889, publicou “Atos e palavras”, oito crônicas políticas que foram assinadas com o pseudônimo<sup>32</sup> “Proudhon<sup>33</sup>”, um dos teóricos do socialismo, com o qual se identificava pela atuação revolucionária e pela defesa de ideias anarquistas e socialistas. Nesse conjunto de crônicas Euclides já deixa explícito sua posição política: “Para sermos invencíveis na posição que ocupamos basta-nos registrar os atos e palavras dos partidos que se digladiam.”

#### ATOS E PALAVRAS<sup>34</sup>

##### 9

(Província de S. Paulo, 23 jan. 1889)

Sem cedermos de nossas convicções, antes subordinados a elas, inteiramente, afirmamos, com os nossos adversários, que o partido republicano não existe. De fato, não restringimos as nossas idéias a um tão estreito círculo de ação; entre as forças que

<sup>31</sup> Jean-Baptiste du Val-de-Grâce (Alemanha, 1755 - Fransa, 1794), conhecido por Anacharsis Cloots. Revolucionário jacobino francês e figura destacada na Revolução Francesa.

<sup>32</sup> Recorreu ao pseudônimo por temer encontrar dificuldades para ingressar na Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, onde pretendia continuar os estudos de engenharia.

<sup>33</sup> Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo político e econômico francês, membro do Parlamento Francês, considerado um dos mais influentes teóricos e escritores do anarquismo, sendo também o primeiro a se autoproclamar anarquista, até então um termo considerado pejorativo entre os revolucionários. Foi ainda em vida chamado de socialista utópico por Marx e seus seguidores, rótulo sobre o qual jamais se reconheceu. Ver COSTA, Caio Tulio. O que é o anarquismo (1981)

<sup>34</sup> Cunha, Obras Completas (2009, v. 1, p. 698)



nos alentam — por escusado temos demonstrar — que não entram as que efêmeras e frágeis se adaptam, contudo, melhor à existência de uma parcialidade política.

A nossa evolução mental precedeu necessariamente a um elevadíssimo desenvolvimento emocional e por isso as nossas próprias paixões têm um caráter mais geral e mais nobre.

Não constituímos uma agremiação de indivíduos, que impele violentamente uma opinião para esmagar um trono — afastamo-nos deste pelo impulso de uma idéia. Certos, profundamente convictos, de que o regímen atual é em sua essência estacionário, para destruí-lo, para livrarmo-nos dele, basta-nos uma coisa simplíssima — fazer caminhar a pátria!...

Somos alguma coisa mais que um partido, embora relativamente pouco numerosos, aumentados pela extensão dos princípios e pela sua generalidade, podemos afirmar — sem que se veja nisso um exagero de frase — que constituímos a molécula integrante de uma nova sociedade...

A propaganda republicana teoricamente tem, antes de tudo, o caráter doutrinário de um apostolado; cingida do sistema geral de seus princípios, tem para impeli-la a força que se deriva da inteira adaptação destes às necessidades atuais; empiricamente, longe de exprimir a atividade de uma facção partidária, é o reflexo, no mundo político, de um movimento social ou, antes, de uma transformação; como tudo na natureza, as nacionalidades se transformam e ela representa o estado intermediário, de transição — entre uma decomposição e uma recomposição.

(...)

Como os indivíduos e numa escala maior - as nacionalidades obedecem fatalmente às exigências sempre crescentes da vida, e, nesse combate eterno e prodigioso, em que têm de apelar para todos os ramos da atividade, concorrendo violentamente com os que, por demasiado fracos, se inabilitam à realização de seus elevados destinos, abdicam forçosamente da própria existência.

À nossa nacionalidade - confessamos pesarosamente - nunca foi necessário o apelo à própria energia para viver, enquanto ao resto das nações, o futuro constituía um problema imenso, ante o qual tornava-se-lhes indispensável, constantemente, enrijar a própria organização, na rudeza disciplinadora dos trabalhos industriais, a que precedem forçosamente os esforços da inteligência; protegida pela natureza, bastava-lhe - para viver - dotar a forma primitiva da atividade humana.

(...)

A sua sorte acha-se de todo aliada à da monarquia e quando, amanhã, partido o último dente da medonha engrenagem política, que há tempo tempo realiza a inglória tarefa do esmagamento completo das grandes idéias — aquela cair — o advento da República não indicará a vitória de um partido — exprimirá o renascimento de uma sociedade.

## **ATOS E PALAVRAS<sup>35</sup>**

### **10**

(Província de S. Paulo, 24 jan. 1889)

Decididamente, fazemos mal em levar a sério a reação contra os acontecimentos atuais.

---

<sup>35</sup> Cunha, Obras Completas (2009, v. 1, p. 709)

Nessa jornada ideal para o futuro - cadenciada ao ritmo febril de nossos corações — chegamos a crer que não fica bem - a nós, moços - esse tom dogmático e austero, ante a hilariante degradingolade do velho regímen.

(...)

Ante ela, não vale realmente a pena a gravidade sistemática que adotamos e que envelhece a nossa mocidade. É preciso que a compartilhemos também um pouco da salutar alacridade que anima; que demos ao estilo a flexibilidade interessante dos acrobatas e dos cortesãos; que façamos espírito sobre as ruínas da pátria; que estabeleçamos larga importação de calembourgs, dentro dos romances franceses e lancemos também ao trapézio ideal da fantasia, como um clown destemido, o pensamento tão precocemente levado aos retiros tristonhos da meditação...

Ante o estado atual das coisas, para que ridicularizarmos as próprias paixões; para que criarmos impiedosamente o descrédito das próprias mágoas?...

Ainda há pouco, ao sabermos do malogro da conferência que pretendia realizar um médico ilustre - o qual tem a imensa infelicidade de ser republicano -, sentimo-nos assoberbados pela violência da maior indignação e expandimo-la amplamente sobre muitas folhas de papel, através das mais severas considerações e do contínuo estrepitar de uns adjetivos virulentos, fulminantes. Foi um trabalho perdido. Raciocinando com mais espírito, vimos nesse acontecimento um fato naturalíssimo.

É exato que a nossa Constituição estabelece plena liberdade de pensamento, mas ela, que nos foi imposta pela insignificante espada de um pequeno Bonaparte, bem pode ser violada pelo cacete, talvez mais forte, de qualquer capanga. Longe vai o tempo em que - aterrorizados pelas visagens truanescas dos corifeus governamentais, pensávamos na expansão violentíssima das grandes almas revolucionárias e heróicas. Chegamos a sentir necessidade de um Danton - tempestuoso e nobre - capaz de transmitir ao povo, através da fortaleza de sua palavra, todo o vigor de seu temperamento: evocamos mentalmente os vultos lendários quase das grandes revoluções; mas hoje, melhor orientados, temo-los por desnecessários.

A velha sociedade extingue-se naturalmente, comicamente até, e se há alguém cuja presença devesse se achar em meio dos acontecimentos atuais, esse é o grande gênio da alta comédia - Molière...

Assim, pois, sintamo-nos felizes com toda gente.

Afirmam, por aí, que somos poucos, que nos achamos sós; ainda bem, alentados pela serenidade imperturbável e boa dos fortes, assistamos ao interessante espetáculo do nosso mundo político, sós e bem altos - da eminência fulgurante do ideal...

(Proudhon)

É também nas páginas do jornal *Democracia* que entre 10 de abril e 2 de junho de 1890, Euclides escreve uma série de artigos denominados “Divagando” em que surge pela primeira vez o tema da ciência e da arte. A oscilação crítica de Euclides dos primeiros artigos jornalísticos é ainda bem visível, na sua tentativa de repensar a teoria da evolução à luz das ciências sociais, atestando a larga influência que Spencer tinha sobre suas leituras. Euclides busca, nessas crônicas, fomentar a ideia de que o pensar sociocientífico deve buscar em fontes extra científicas (como a arte a religião) subsídios para fornecer à humanidade uma arte

verdadeiramente grande, baseada na educação empírica e científica. Falando sobre o quinto aniversário da morte de Victor Hugo, assim se coloca, criticamente.

Felizes os que podem, através das agitações do meio, através da existência que parece a todo o instante emergir da reação contínua dos contrastes, prolongar brilhantíssima, a orientação retilínea da consciência.

(...)

Enquanto os mais alevantados problemas, as mais trabalhosas questões, estimuladas pelas exigências crescentes a civilização, iluminam amplamente as cabeças geniais de Comte, Huxley, Haekel, Darwin e Spencer, o desterrado de Jérsei expandia todo o seu sentimentalismo, arrebatador da sua imensa nevrose revolucionária.

Sonhador e artista (...)a sua grande alma era impotente para refletir completas e fulgurantes, as manifestações da vida.

Entretanto, tudo nos leva a acreditar que revigorado pela disciplina férrea da ciência ela imprimir-se á de modo mais brilhante ao século que o viu nascer.”

(CUNHA. 2009, V.1. p. 729; 731)

Até aqui, procurei analisar o itinerário intelectual de Euclides da Cunha, se valendo da sua juventude inquieta e radical, que se apropriou de uma variada gama de ideologias políticas. Esse fato, produziu um primeiro aspecto contraditório na trajetória do seu pensamento político: a do romantismo, enfatizada por seu idealismo sobre o Brasil e a revolucionária que denuncia as consequências negativas do progresso da civilização. Com isso, Euclides, tomado no conjunto de suas ideias políticas, reflete a tensão do espírito do seu tempo e que a partir desse período, começa a ser objeto de questionamento na medida em que entra em contato com essa realidade.

### 1.3. Propagandista político

Datam de meados de 1890 os primeiros espantos de Euclides da Cunha com os rumos dados à República por alguns setores da junta governista militar. Escreve alguns artigos para o jornal *Democracia*, do Rio, de orientação republicana atacando a imprensa católica e os programas da Faculdade de Direito. Entre 3 de março e 2 de junho de 1890, Euclides faz duras críticas, nas páginas desse jornal, a alguns atos do governo republicano, como a indenização oferecida a dom Pedro II, que o ex-imperador altivamente recusou. Também em carta ao pai, critica Benjamim Constant, que agora nomeia parentes e conhecidos para cargos públicos. Considera que o país entrava no “desmoralizado regime da especulação”, fazendo alusão à política financeira, chamada de encilhamento, promovida pelo ministro da Fazenda, Rui Barbosa.

Rio, 14 de junho de 1890

(...) A conselho de Solon desliguei-me inteiramente de algumas ligações políticas que começava a ter; não escrevo de há muito para a *Democracia* – Parece-me que fiz bem; desconfio muito que entramos no desmoralizado regime de especulação mais desinsofrida e que por aí pensa-se em tudo, em tudo se cogita, menos na Pátria. As minhas aspirações acham-se, contudo, de pé:(...) passada essa febre egoística e ruim que parece alucinar a todos, quando sentir-se necessidade de homens e os que atualmente escalam cegamente as posições, conscientes da própria fraqueza, delas abdicarem voluntariamente-aparecerei então(...). Imagine o sr. que o Benjamim, o meu antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me ,sem titubear e sem raciocinar ,perdeu a auréola ,desceu a vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo ,sem orientação ,sem atitude, sem valor e desmoralizado dói-me dizer isto-justamente desmoralizado .Eu creio que se não tivesse a preocupação elevada e digna que me nobilita, teria de sofrer muito antes esse descabro assustador ,antes essa tristíssima ruína de ideais longamente acalentados...

(GALVAO & GALOTTI, 1997, p. 30)

Já no poema intitulado D. Quixote, escrito em 1890, pouco depois do 15 de novembro, Euclides deixou transparecer principalmente nas duas últimas estrofes a dor daquele que viu seus ideais se perdendo:

#### D. QUIXOTE

Assim à aldeia volta o da "triste figura"  
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:  
No arcaboço dobrado \_ um grande desalento,  
No entrestecido olhar \_ uns laivos de loucura...

Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura  
Do ideal e da Fé, tudo isto num momento  
A rolar, a rolar, num desmoronamento,  
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura.

Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente  
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro oco  
O brilho da Ilusão do espírito doente;

Porque há cousa pior: é o ir-se a pouco e pouco  
Perdendo, qual perdeste, um ideal ardente  
E ardentes ilusões \_ e não se ficar louco!

[1890]

(CUNHA, 2009, v. 1, p. 481)

Em 1893, Euclides radicaliza sua postura republicana, e escreve, em abril, um artigo com críticas ao governo Marechal Floriano, que o jornal *O Estado de São Paulo*, no entanto, se recusou a publicar. Já em 1894, Euclides da Cunha envolveu-se diretamente numa polémica no incidente ocorrido no jornal *O Tempo*, de fortes tendências florianista. Uma bomba de dinamite foi encontrada nas escadarias do órgão de imprensa, que publicou o fato incitando os opositores do regime. Um senador cearense da situação, João Cordeiro, acabou radicalizando o debate,

escrevendo ao jornal e exigindo que todos os responsáveis pelo episódio fossem fuzilados por Floriano.

Respondendo ao senador João Cordeiro, Euclides escreveu duas cartas para *A Gazeta de Notícias*, em que defendeu o Estado democrático e a não violência, premissa que aparentemente restituía a justiça dos fatos.

Rio, 18 de fevereiro de 1894.

Sr. Redator

(...)

É muitíssimo justo que se dêem a um amigo parabéns pelo malogro de um atentado covarde como aquele que, segundo se afirma, foi ideado à redação de *O Tempo*. É porém, profundamente condenável aliar-se à justíssima condenação de um crime uma represália talvez ainda mais criminoso. Assim é que o sr. João Cordeiro sugeriu o alvitre singular e bárbaro de lançar-se mão das mesmas armas criminosas e reduzir a retalho as prisões onde estão os rebeldes, etc..., caso não se possa conseguir o fuzilamento dos dinamitistas. Confesso, sr. Redator, que uma tal proposição, ousadamente atirada à publicidade, num país nobilitado pela forma republicana, deve cair de pronto sob a revolta imediata dos caracteres, que na fase dolorosa que atravessamos tenham ainda o heroísmo da honestidade.

(...)

Este protesto não exprime a quebra de solidariedade com os companheiros ao lado dos quais tenho estado; exprime simultaneamente um dever e um direito.

(...)

De fato, quem quer que tenha uma compreensão mais ou menos lúcida do seu tempo, deve procurar evitar a revivescência do barbarismo antigo; quem quer que seja medianamente ativo, pode afastar a camaradagem deprimente de quem almeja o morticínio sem os perigos do combate. (CUNHA, 2009, p. 800-801)

Em julho de 1896, deixou o exército por estar desencantado com a República e por divergir do governo Floriano Peixoto quanto ao tratamento dado a prisioneiros políticos. Foi então reformado como 1º Tenente. Assumiu o cargo de engenheiro-ajudante da Superintendente de Obras Públicas do Estado de São Paulo e passou a viajar pelo interior de São Paulo para a construção de pontes, edifícios públicos, restauração de obras e demarcação de limites.

#### 1.4 Canudos e o confronto com o ideal republicano

A guerra de Canudos no contexto do itinerário do pensamento político de Euclides da Cunha deve ser pensada como um ponto de inflexão de suas convicções ideológicas. Tal assertiva decorre, sobretudo, do confronto entre as diversas matrizes ideológicas e seu contato com as contradições da realidade brasileira. Os acontecimentos políticos no ano 1897, cheio de desencontros, começa a entrar em choque com a formação ideológica de Euclides. O ano da guerra de Canudos para Euclides vai marcar o início do processo de questionamento do seu ideal republicano, do qual vai produzir as condições para sua desilusão.

Em 1897, quando em Canudos, após dois dias de intensos combates, a 2ª Expedição do Exército é derrotada, iniciando a retirada 20 de janeiro, Euclides retomou a colaboração periódica para o jornal *O Estado de São Paulo*, onde viria a escrever dois importantes artigos intitulados “*A nossa Vendéia*” (em 14 de março e 17 de julho). Esses artigos surgiram como uma primeira tentativa de interpretação do conflito em Canudos no interior do Nordeste brasileiro. “*A nossa Vendéia*” representa os últimos momentos de resgate do imaginário político conservador fundado nos grandes movimentos político da sua época, uma vez que busca inspiração na experiência revolucionária francesa para pensar os limites e desafios do conflito no sertão nordestino

Euclides e outros intelectuais brasileiros tentavam traçar paralelos esquemáticos entre a célebre região oeste da França - que se recusou a aceitar que seus homens fossem recrutados para o Exército republicano, a fim de combater os exércitos estrangeiros contra-revolucionários (ingleses, austríaco e prussiano), preferindo se postar ao lado da Igreja Católica e do sistema monárquico - e o episódio de Canudos, pelas semelhanças entre os dois movimentos revolucionários das duas nações (LIMA, 1997).

Apesar de manter um perfil político bastante conservador, defensor que era de Floriano, Euclides surge, nas páginas de “*A Nossa Vendéia*”, como um arauto do progresso material e do desenvolvimento moral das populações à margem dos cuidados republicanos, como o povo do sertão canudense. Em frases proverbiais como “Então o sertanejo é feliz e não inveja nem mesmo os reis da terra!” (CUNHA, 2009, V.2, p. 499); ou “Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império” (CUNHA, 2009, V.2, p. 500), Euclides dá o tom de sua retórica sobre um lugar e uma gente com os quais não tinha contato, mas que desejava conhecer. Até

aquele momento, Euclides apenas fazia o elogio da bravura dos soldados que, mesmo sem compreender os porquês da resiliência dessa gente do sertão:

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação –os soldados da República (CUNHA, 2009, V.2, p. 504).

Em 23 de julho de 1897, no calor da Guerra de Canudos, Euclides escreve uma carta ao amigo João Luiz, deixando claro seus primeiros sinais de desalento com os rumos da República. Euclides começava a colocar em cheque o positivismo político através da sua decepção e desencanto com os atores políticos da jovem República do Brasil.

(...) Continuo abraçado à minha engenharia e nas horas vagas – como a vida é difícil e é preciso repartir a atividade, escrevo no Estado, que não quer aceitar a minha colaboração gratuitamente. Não sei se tem lido os artigos meus, alguns assinados, outros não, mas fáceis de serem percebidos. Não quero referir-me a assuntos políticos: não te quero assombrar com minha tristeza imensa e amarga ironia com que encaro os *mâitre-chanteurs* que nos governam. Felizmente a República é imortal! Resistirá *quand même*, a despeito de tudo (...) (CUNHA, 2009, p. 841)

Logo após a publicação desses dois artigos, Euclides da Cunha é convidado por Júlio de Mesquita para cobrir, como repórter especial de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*, a rebelião em Canudos, tendo sido nomeado pelo presidente Prudente de Moraes, em 31 de julho, adido ao Estado-Maior do ministro da guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt com direito a ordenança a seu serviço. A Guerra de Canudos preenchia o vazio político e existencial em que Euclides se encontrava desde o fim da luta heroica pela República. Sua vida intelectual foi revigorada pelo convite que recebeu de Júlio Mesquita para cobrir a guerra e escrever um livro sobre o assunto. A cobertura da guerra iria lançá-lo, porém, a um vazio maior na vertigem provocada pela destruição do sonho republicano.

## 2. SEGUNDA FASE (1897-1904): DO INTERPRETE E CRÍTICO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

Neste tópico, analisaremos a segunda fase do itinerário intelectual de Euclides Cunha (1898-1904), cujos escritos sofrem uma profunda inflexão. É nesse período que assistiremos nascer um dos maiores interpretes e críticos da nacionalidade brasileira. Euclides confronta suas adesões ideológicas republicanas com as contradições da realidade brasileira a partir do contato com a guerra de Canudos no sertão nordestino. É o início do processo de rupturas e redefinições dos seus ideais políticos, sobretudo na compreensão que fez da nação brasileira fundada na diversidade do povo. Euclides ao se confrontar com a realidade brasileira, produz sua obra monumental - *Os Sertões*. É a partir do final deste período que começaremos a ver um Euclides angustiado e crítico das práticas políticas da república e uma paulatina adesão aos princípios socialistas.

### 2.1 Experiência de Canudos: Choques de ideologias

Euclides da Cunha se preparou como pôde para a sua aventura jornalística, já desconfiado de que o estar lá, em Canudos *in loco*, seria uma prova de fogo às suas convicções republicanas, que vinham pouco a pouco esmorecendo - embora só se manifestasse sobre isso em sua correspondência particular. Obteve de Teodoro Sampaio, seu colega de Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas - e que havia percorrido, em 1880, o interior da Bahia e trabalhado no prolongamento da estrada de ferro de Salvador e Juazeiro, importantes informações históricas e geográficas, além de um mapa inédito da região de Canudos, cuja cópia foi enviada, por seu intermédio ao Estado-Maior do Exército.

Euclides da Cunha foi enviado como correspondente de guerra e seguiu em 4 de agosto para os sertões da Bahia junto da comitiva militar do ministro da guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt. Com ele, seguiam um colega correspondente do jornal *A Notícia*, um corpo de tropa e um imponente canhão, o Canet. Todos os dias, comparecia ao palácio do governo, onde o marechal Bittencourt ficou instalado, para aguardar as ordens e contraordens, e onde também teve um encontro com o governador Luiz Viana. Nos dias que se seguiram à



sua chegada, Euclides assistiu ao embarque quase festivo das tropas, mas também ao desembarque dos soldados feridos, na Estação do trem de ferro de Calçada.

Aproveitou para visitar as redações dos jornais locais e fazer pesquisas sobre Canudos e o Conselheiro, cujas andanças pelos sertões encontrou relatos datados de 1894. Além disso, Euclides percorreu os hospitais de feridos e amputados. Viu, também, cenas de violências contra civis em Salvador, que muito o incomodaram:

(...) os choques entre a soldadesca e a polícia, os ataques aos bondes, as invasões de casas particulares, os assaltos a pessoas indefesas, as lutas com pedestres e donos de botequins, as insolências dirigidas a mulheres desacompanhadas etc. (AMORY, 2009, p. 115)

Um episódio que impressionou Euclides foi quando participou no dia 9 de agosto, do interrogatório de Agostinho, um menino-jagunço de apenas 14 anos. Capturado em Canudos e trazido pelo coronel Carlos Teles a Salvador, Agostinho revelou, em seu depoimento, a dimensão mística e religiosa do conflito, ao afirmar que o objetivo dos combatentes era “salvar a alma”. Falou também, em linhas gerais, sobre as características físicas do Conselheiro e de seus comandantes (Macaimbra, Pedrão, João, Abade, Pajéu, Antônio Vila - Nova, Manuel Quadrado e José Felix); sobre o modo como os armamentos chegaram aos conselheiristas; sobre os hábitos da população de Canudos, quando descobre que não era permitido beber aguardente e que de 15 em 15 dias um padre lá rezava missa; sobre o sistema agrícola do povoado, que descobre ser apenas de subsistência:

O coronel Carlos Teles trouxe de Belo Monte um jagunço adolescente. Chama-se Agostinho-14anos, cor exatíssima de bronze: frágilimo e ágil; olhos pardos, sem brilho; a cabeça chata e fronte deprimida; lábios finos, incolores, entreabertos num leve sorriso perene, deixando perceber os dentes pequeninos e alvos.

(...)

Terminamos o longo interrogatório inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres. E ao replicar um dos circunstantes que aquele declarava que o jagunço morto em combate ressuscitaria –negou ainda.

\_ Mas o que promete afinal ele aos que morreu?

A resposta foi absolutamente inesperada

\_ Salvar a alma.

Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão. (CUNHA, 2009, V.2, p.524; p. 26-7)

Com essa pequena “fábula do real” que confrontava briosos militares a frágeis crianças indefesas, Euclides apontava para uma outra crença filosófica na vitória da civilização sobre a barbárie, no âmbito das políticas de educação das novas gerações e sob os cuidados do “mestre-escola” - “herói-anônimo”. Numa inflamada conclamação à República para o reconhecimento

do fracasso de suas poucas entradas pelo interior do Brasil - cujos espaços são “povoados” então pelo fanatismo e por manejos políticos, Euclides escreve a 15 de agosto de 1897:

Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado dessa insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior de todo desconhecidas muitas, e, de outro, o abatimento intelectual em que jazem os que as habitam.

Sobretudo este último é um inimigo permanente.

Quando voltarem vitoriosas as forças que ora convergem aqui, - completemos a vitória.

Que pelas estradas, ora aberta à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor:

O mestre-escola. (CUNHA, 2009, V.2, p. 518)

Euclides da Cunha partiu da capital baiana em 30 de agosto, acompanhando o marechal Bittencourt, rumo ao Monte Santo-BA, entreposto de abastecimento das tropas que seguiam para Canudos. Como não chegavam novas notícias, Euclides teve tempo para teorizar sobre os virulentos combates noturnos, desconfiado da versão oficial de que haveria poucos resistentes no povoado de Canudos. Observou as táticas de rastejamento e emboscada dos jagunços, para as quais os batalhões do Exército não estavam preparados, comentando, ao revés:

Antônio Conselheiro percebeu as desvantagens de uma luta leal e franca com os nossos soldados - declarou solenemente aos bárbaros que o combate degolado não teria as recompensas de uma vida futura. Daí a celebridade com que fogem os jagunços quando ao toque de degola! Os soldados se embrenham de baionetas caladas pelas caatingas (CUNHA, 2009, V. 2, p. 552).

Euclides só conseguiria alcançar Canudos na tarde do dia 16, surpreendendo-se com o elevado número de casas do povoado. No dia 29, o então repórter de *O Estado de São Paulo* vai ainda mais longe: passeia dentro da “*urbs* monstruosa” e se decepciona com o aspecto primitivo das moradias dos canudense:

A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro. O povoado surgia, dentro de algumas semanas, já feito em ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrado pelos cômodos, atulhando as canhadas cobrindo área enorme, trucando nas quebradas, revoltado nos pendores (rampas) – tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto (CUNHA, 2009, V.2, p. 146-147)

Euclides fez diversos registros em uma caderneta de bolso, que tinha sempre consigo, no calor da guerra: anotou expressões populares e regionais; as variações de pressão e temperatura do local; fez traçados cartográficos de Canudos e das serras das regiões; copiou diários dos combatentes; transcreveu quadrinhas populares e profecias apocalípticas, algumas até sobre o rei português, D. Sebastião (morto em batalha contra os mouros em Alcácer Quibir ,África, no ano de 1578), destinado a ressurgir em terras conselheiristas.

Euclides já se imbuía da feição de escritor, antecipando a vitória dá o exército republicano, quando sai publicado uma reportagem para o jornal *O Estado de São Paulo*, em 1º de setembro de 1897: “...resta-nos o dever de incorporar à civilização esses rudes patricios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade” (CUNHA,2009, V.2 p. 540).

E em 1º de outubro de 1897, Euclides assiste, em estado de choque, ao feroz assalto de seis mil soldados contra Canudos. Em sua última reportagem para *O Estado de São Paulo*, deixa claro seu profundo desapontamento perante a visão dos feridos (das fileiras do Exército e dos prisioneiros de Canudos) que gemiam, amontoados no chão, numa cena que lhe lembrou o vale do Inferno d’ *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321):

Quando a uma hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque há uma coisa que só ele soube definir e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do Inferno: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos da dor e os soluços extremos da morte. (CUNHA, 1966, V.2, p. 569)

Continuou Euclides admirando-se da resistência oferecida pelos jagunços à força bélica da 4ª expedição: “Sejamos justos - há alguma coisa de grande e solene nessa coragem e estoica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patricios transviados(...)” (CUNHA, 2009, p. 570). A esse respeito, Zilly (1999, p. 14), vai dizer que:

Em Canudos, uma parcela marginalizada, menosprezada do povo, caluniada como retardatária, bárbara e fanática, tomou o destino em suas próprias mãos, entrando no palco da história com um projeto social alternativo viável, embora implícito, não intelectualmente elaborado, incompreensível para os letrados. Esse Estado em miniatura dentro do Estado, situado no interior inóspito da Bahia, pode ser considerado uma iniciativa de auto-ajuda relativamente bem-sucedida de vítimas da civilização e da modernização, um movimento transformado em organização que conseguia satisfazer sofrivelmente as necessidades básicas dos seus moradores e os libertava da habitual opressão por parte de fazendeiros e de autoridades. (ZILLY,1999)

Após 18 dias na frente de batalha, Euclides com acessos de tosse e febre oriundos de sua tuberculose, partiu doente de Canudos na manhã de 3 de outubro de 1897. Não assistiu aos fatos ocorridos até o dia 5, término oficial da guerra e da tomada do povoado. Com o massacre dos seguidores de Antônio Conselheiro e o conseqüente fim da guerra, Euclides voltou a Salvador, lá chegando em 13 de outubro. Deixa registrado, no álbum pessoal de recordações da médica Francisca Prager Fróes, o soneto “Página vazia”, em que expõe sua perplexidade e tristeza diante da irracionalidade da guerra.

**Página vazia**

14 de outubro de 1897

Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo, inda na mente,  
Muitas cenas do drama comovente  
De guerra despiedada e aterradora.

Certo não pode ter uma sonora  
Estrofe ou canto ou ditrambo ardente  
Que possa figurar dignamente  
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza  
Cedestes-me esta página, a nobreza  
De nossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde, nesta folha lesse  
Perguntaria: "Que autor é esse  
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"

(CUNHA, 2009, V. 2, p. 488-489)

Euclides votou, então, da Bahia para o Rio de Janeiro, partindo em 16 de outubro e desembarcando quatro dias depois, seguiu de trem até São Paulo, onde chegou no dia 21, sendo recebido por jornalistas de *O Estado de São Paulo* e por engenheiros da Superintendência de Obras do Estado. Na condição de jornalista, trouxe de Canudos relatos de um cenário assustador da guerra, não apenas numerosas anotações registradas em um diário de guerra, mas também em suas memórias.

No entanto, de volta a São Paulo, publicou em 26 de outubro, no *Estado de São Paulo* o último artigo da série "Diário de uma expedição", intitulado "O Batalhão de São Paulo", da qual decidi não informar os horrores da guerra, procurando se limitar a um último elogio ao cerco a Canudos, chamando a atenção para o fato das tropas conselheiras serem obrigadas a fazerem arriscadas manobras para captar água no rio Vaza-Barris, sob o fogo intenso dos soldados republicanos.

#### **O batalhão de São Paulo**

Publicado em 26 de outubro de 1897

Os briosos soldados que voltam da luta são dignos do entusiasmo com que o povo os recebe.

(..)

- Cada vez me agrada mais esta sua gente...

Havia razões para isto. O batalhão era perfeito na disciplina. Cumpria as ordens que recebia, mas rigorosamente, estritamente, com uma precisão verdadeiramente militar, sem delas se arredar nem mesmo para se atirar à aventura mais tentadora e aparentemente da mais fácil realização.

O plano de ataque do memorável dia 1 de outubro demonstra-o. Apoiada pelo batalhão do Pará, a ala direita do batalhão paulista, sob o comando imediato do tenente-coronel Elesbão Reis, garantiu a poucos metros do centro agitado da luta, desdobrando-se na margem esquerda do Vasa-Barris, da igreja velha à nova, um extenso segmento da linha do cerco, enquanto a ala esquerda, dentro do arraial, no mais acesso do combate, compartia os trabalhos e perigos que rodeavam as forças assaltantes do exército, acompanhando-o dignamente na rara e notável subordinação ao dever e na extraordinária dedicação à República que ele sempre patenteou.

(...)

E o batalhão do S. Paulo, heróico e desassombrado no combate, fez reviver, por um momento, uma página da histeria do presente, todo o vigor guerreiro e toda a índole varonil dos valentes caídos há dois séculos  
(CUNHA, 1897)

Posteriormente, tirou quatro meses de licença para tratar da saúde e viajou para a fazenda do pai, em Descalvado, onde começou a pôr ordem nas notas tomadas e reportagens já publicadas, já com o propósito de escrever *Os Sertões*. Seu silêncio inicial dos fatos e atrocidades ocorridos em Canudos o incomodava muito, fazendo com que alimentasse ainda mais a ideia de tornar pública seus registros em sua caderneta, na escritura do seu “livro vingador”.

No entanto, esse silêncio de Euclides sobre as atrocidades da guerra foi acompanhado por quase toda a imprensa. Os materiais enviados pelos correspondentes, sobretudo pelo telégrafo, eram submetidos à censura militar. Mas outros jornalistas, como Manoel Benício, do *Jornal do Comércio*, e Fávila Nunes, da *Gazeta de Notícias*, chegaram a mencionar atos de violência das tropas. A crueldade da campanha só foi revelada, com veemência, pelo estudante de medicina Lélis Piedade, no *Jornal de Notícias*, da Bahia, e pelo monarquista Afonso Arinos<sup>36</sup>, no *Comércio de São Paulo* (GALVÃO, 1977).

Muitos de seus biógrafos especulam que talvez Euclides se sentisse tolhido, como repórter, para atacar o Exército. Afinal, era desde 1896, tenente reformado e fora nomeado adido ao Estado-maior para a cobertura da guerra. Daí uma justificativa para o silêncio das reportagens que escreveu de Canudos, interrompidas, em 1 de outubro.

---

<sup>36</sup> Afonso Arinos foi um dos mais expressivos representantes da literatura regionalista da virada do século XIX para o século XX, onde sempre defendeu e valorizou a cultura sertaneja e popular como um traço autêntico de nossa nacionalidade. O livro *Os Jagunços*, cujo subtítulo é *Novela Sertaneja*, foi publicado em 1898, sob encomenda do jornal *O Comércio de São Paulo*, do qual Afonso Arinos era editor. O livro retrata a Guerra de Canudos, que mobilizara todo o país e que teve seu fim no ano de 1897. Embora seja um romance, o livro é um retrato crítico tanto da Guerra como da vida dos sertanejos, e misturando ficção, com a construção de personagens e a forma de romance na escrita, e fatos verídicos tanto do cotidiano no sertão quanto da guerra. Ver FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

Assim, a guerra de Canudos, exerceu no pensamento o de Euclides, uma profunda inflexão, onde o contato direto com os horrores da guerra, o fez questionar a virtude republicana calcada na ideia de civilização e modernidade. Ou seja, a barbárie que Euclides presenciou, deixou profundas marcas no “ex-militante” republicano, acentuando uma profunda desilusão com os governantes da República brasileira, cujas crenças políticas foram abaladas: “sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...” (GALVÃO, 2000, p. 218)<sup>37</sup>.

## 2.2 Nascimento do pensador

Em 5 de fevereiro de 1898, Euclides da Cunha proferiu uma conferência sobre a “Climatologia dos sertões da Bahia” na sede do Intuito Histórico e Geográfico de São Paulo, propondo a construção de açudes para resolver o problema das secas no Nordeste. Lá, tornou-se grande amigo do intendente<sup>38</sup> Francisco de Escobar, que Euclides passaria a considerar um dos seus melhores colaboradores<sup>39</sup>, durante o processo da escrita de *Os Sertões* redigido grande parte em São José do Rio Pardo.

Pouco tempo depois, Euclides foi incumbido da reconstrução da ponte sobre o rio Pardo, que desabara na cidade de São José do Rio Pardo. No barraco de zinco próximo à ponte, enquanto supervisionava a reconstrução, Euclides começou a redigir *Os Sertões*. Francisco Escobar, intendente municipal e homem de grande cultura, o estimulou a escrever, fornecendo livros e reunindo um grupo de intelectuais para a leitura dos primeiros capítulos.

Teria ocorrido, em São José, a aproximação de Euclides com as ideias socialistas, com as quais simpatizava o amigo Escobar e seu grupo de asseclas. Segundo Ventura (2003), Euclides havia preparado, inclusive, um polêmico programa do Clube Democrático Internacional “Filhos do Trabalho” que teria sido redigido em 1899, mas só publicado pelo

---

<sup>37</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). Diário de uma Expedição (1897). São Paulo. Companhia das Letras. 2000

<sup>38</sup> Como se denominava, à época, o cargo de prefeito. Ver Ventura (2003).

<sup>39</sup> No entanto, Galvão (2003, p. 114), chama a atenção para uma carta escrita por Euclides ao Dr. Afonso Arinos em 5 de dezembro de 1898, da qual apresenta Francisco Escobar como “um ex-republicano vermelho (infelizmente debandado para outras regiões)”, dando a entender sua relutância em aproximar daquele que seria seu maior colaborador da escrita de *Os Sertões*.

jornal *O Proletário*, em 1 de maio de 1901. Na listagem de assuntos do manifesto, figuravam a emancipação das mulheres, seu direito de votar a serem votadas, a instituição do divórcio, o estabelecimento da jornada de trabalho de oito horas diárias e as substituições das Forças Armadas pelo “povo armado”.

A primeira versão de *Os sertões* ficou pronta em setembro de 1899, quase dois anos após o término da guerra, conforme carta que enviou a Porchat no dia 9: “O meu decantado livro, feito em quartos de hora, através de perturbações de outros trabalhos, está, afinal, pronto. Preciso, porém, revê-lo – principalmente para lhe dar alguma continuidade” (GALVÃO; GALOTTI, 2003, p. 116)

Nesse meio tempo, Euclides aceitou convite de Júlio de Mesquita para concorrer, em 1900, a uma vaga de deputado no Congresso Constituinte de São Paulo, e expressa seu aceite ao convite alertando para o fato que agora ele (Euclides) já não era mais refém do silêncio, e que sua eventual chegada ao congresso poderia representar para sua reputação.

Aceitando o seu convite, espontaneamente feito, para ocupar um lugar no próximo Congresso do Estado, faço-o principalmente porque ele partiu de um velho companheiro de lutas que, conhecendo-me desde menino, sabe perfeitamente que eu seria incapaz de aceitar se me reconhecesse sem atitude para o cargo. E faço esta declaração agora, rompendo o silêncio que tenho mantido sobre o assunto, porque, estando vulgarizada minha candidatura, sem que, para tal, eu contribuísse com a revelação mais breve, preciso preveni-lo para que me não veja amanhã na posição deplorável de pretendente infeliz mantendo a linha segura que sempre mantive até hoje. Seria dolorosa injustiça. (GALVÃO; GALOTTI, 2003, p. 120)

Mas como se sabe, a candidatura de Euclides não se consolida. Estranhamente, não encontramos nenhum biógrafo ou pesquisador das obras de Euclides que apontasse, ainda que hipoteticamente, o porquê Euclides não logrou êxito para sua candidatura política. Nesse caso, mesmo sem evidência concreta, conjecturamos a possibilidade de Júlio de Mesquita<sup>40</sup>, ter intercedido junto a comissão eleitoral, para que a candidatura de Euclides não fosse efetivada, sem que isso causasse um mal-estar entre a próspera amizade dos dois. Porém, o que Júlio de Mesquita estava mesmo preocupado, era com a reputação e prestígio do jornal.

---

<sup>40</sup> Essa hipótese, se sustenta no episódio pós-guerra de Canudos quando, em outubro de 1897, Euclides volta a São Paulo e entrega parte das suas anotações de campo a Júlio de Mesquita. Talvez temendo que Euclides pudesse comprometer o prestígio do Jornal O Estado de São Paulo, num eventual ataque ferrenho ao governo republicano, Júlio de Mesquita tenha se antecipado e influenciado a retirada do seu nome. Por outro lado, cabe destacar a atitude de Euclides que preveniu seu amigo que o rompimento do silêncio da guerra de Canudos teria como alvo o governo republicano.

A esse respeito, Euclides, escreve a Porchat, em 2 de dezembro de 1900, que seu nome não se encontrava na chapa da comissão central, ao contrário do próprio Porchat que estava incluído na relação dos candidatos.

Escrevo-te propositalmente hoje – porque sei que quando esta ai chegar terás lido a ansiosamente esperada chapa da Comissão Central – e a par da satisfação que etrás, vendo nela o teu nome, sentirás tristeza real notando ausência do meu. Tristeza sincera - digo-o, porque entre os meus grandes senões tenho preeminente qualidade: avalio bem os meus raros amigos. Conheces a história da minha extravagante candidatura: ao chegar aí, exclusivamente preocupado com os deveres profissionais, fui com ela surpreendido. O Mesquita, esse Júlio Mesquita que às vezes penso ser um irmão mais velho, ofereceu-ma com adorável espontaneidade. Aceitei-a. Mas este desazo, esse escorregão fora da linha reta em que sempre estive, esse esquecer pecaminoso da minha velha rigidez republicana, esse transigir com a vaidade – paguei-os! Ainda bem. Sinto singular consolo no próprio travar do desapontamento que me estonteou. E relendo a carta que me noticia o desabamento de uma meia dúzia de aspirações sinto amargas delícias de um penitente sofredor e tenaz. (GALVÃO; GALOTTI, 2003, p. 121)

No ano seguinte, 1901, em 15 de janeiro, Euclides foi nomeado chefe do 5º Distrito de Obras Públicas, com sede em São Carlos do Pinhal - cidade paulista em que concluiria de fato, *Os Sertões*. Assinou contrato com a Editora Laemmert, do Rio ,em 17 de dezembro ,para a publicação de 1.200 exemplares de *Os sertões*. O editor Gustavo Massow lhe fez essa deferência, por recomendação do jurista e escritor Lúcio de Mendonça e do influente crítico literário José Veríssimo - já que a publicação da obra fora antes recusada pelo próprio *O Estado de São Paulo* e também pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Segundo Lima (1997), acabada a saga do repórter-engenheiro, começava outra sorte de andarilhagem: como fazer caber tantos sertões dentro de si? Euclides faz a opção por escrever e eternizar aquele que seria o grande tratado sobre nossa nacionalidade, *Os Sertões*.

Em 31 de janeiro de 1901, Euclides publica no jornal *O Estado de São Paulo*, um artigo, intitulado “Da Independência à República” (esboço político)<sup>41</sup>, onde expõe um painel da história brasileira ao longo do século XIX e apresenta as disparidades étnicas e regionais como marcas de uma nação ainda em formação. Ilhados na imensidão de um país continente os brasileiros eram estranhos entre si no alvorecer do século, o insulamento se constituindo como significativo traço de sua existência,

Insulados no país vastíssimo em que se perdiam, os nossos patrícios de há cem anos tinham frágeis laços de solidariedade. Distanciava-os o meio: isolavamos destinos divergentes; separavam-nos profundamente as discordâncias étnicas. CUNHA (2009, V. 1, p. 245).

---

<sup>41</sup> Ver CUNHA (2009, V. 1, p. 245).



Para Euclides, a vinda da família imperial portuguesa em 1808, coloca as condições objetivas para a construção da nacionalidade. A presença de naturalistas europeus realça a necessidade de um sólido conhecimento das relações entre a terra e o homem brasileiros. Mudava-se a fisionomia da capital, Rio de Janeiro, para os novos tempos que se anunciavam com a instalação da corte. O processo histórico nacional descrito por Euclides ao longo do século XIX, aponta para o surgimento de uma identidade nacional em diferentes campos da prática social.

Durante a escrita de *Os Sertões*, Euclides revelou-se como um leitor de caracteres humanos desenhando o perfil psicológico de personagens do contexto da guerra de Canudos: Moreira César, Carlos Machado Bittencourt e Antônio Conselheiro. O marechal Ministro, um homem reduzido à disciplina, seduzido pelo princípio do abastecimento das tropas em Canudos; o coronel, habitando a fronteira entre o gênio e a loucura. O conselheiro, um homem que condensa as tendências regressivas da raça (GALVÃO, 1984). Com a publicação de *Os Sertões*, em dezembro de 1902, fechou-se um ciclo na vida de Euclides da Cunha. O “livro vingador” foi o coroamento da sua trajetória intelectual. Tendo acompanhado o general Carlos Machado Bittencourt na guerra entre agosto e setembro de 1897, o Euclides jornalista pode perceber a dramática realidade de um país dilacerado pelas distâncias e diferenças entre suas regiões.

Com a publicação de *Os Sertões*, em dezembro de 1902, fecha-se um ciclo na vida de Euclides da Cunha. “O livro vingador” é o coroamento, da sua trajetória intelectual. Tendo acompanhado o general Carlos Machado Bittencourt a guerra entre agosto e setembro de 1897, Euclides pôde perceber a dramática realidade de um país dilacerado pelas distâncias e diferenças entre suas regiões. Eram mundos que não se reconheciam, espaços sociais com diversos valores e temporalidades. Tal estranhamento desnorteia Euclides que, no intervalo entre o ano da guerra e a publicação do livro, vive interiormente a intensa tensão de repensar valores profundamente arraigados. Em comum, todos os estudiosos da literatura concordam num ponto: entre os escritos de Euclides da Cunha de 1897 e a publicação do livro *Os sertões* em 1902, ocorre a morte do “fanático” e o “nascimento do pensador”.

Quando *Os Sertões* foi lançado pela editora Laemmert, do Rio de Janeiro, Euclides fixou residência em Lorena, no interior de São Paulo. Em carta ao amigo Francisco Escobar, alguns meses antes da publicação, desabafou: “Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida, o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária” (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 133).

Segundo Coutinho (2005), tal observação está em relativo contraste com a justificativa do autor (na segunda edição de *Os Sertões*) acerca dos objetivos do livro. Defende-se Euclides da “acusação” de defensor dos jagunços, afirmando: “Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque”. Ou seja, ataque ao exército e, por extensão, ao conjunto das instituições republicanas: os jornais, o parlamento e a presidência. Era um ataque às instituições em nome do poder da rigorosa verdade.

### 2.3 Os Sertões e o dilema da nacionalidade brasileira

A experiência histórica da Guerra de Canudos, ocorrida no sertão da Bahia entre os anos de 1896 e 1897, é o ponto de partida assumido por Euclides da Cunha para refletir sobre a natureza da nacionalidade brasileira e produzir uma obra literária consagrada pelo cânone da crítica nacional - *Os Sertões* - publicada em 1902. Produto de cuidadosa documentação acerca da diversidade social e cultural do território brasileiro, essa obra dialoga com diferentes expressões da criação intelectual: a observação antropológica, o registro jornalístico, a técnica militar, a análise psicológica, a reflexão histórico-filosófica, mas sobretudo, com a crítica da formação social e política brasileira, numa composição de elementos que, em seu conjunto configuram uma fiel representação do Brasil.

Neste sentido, analisamos aqui a obra *Os Sertões* como texto de fronteira entre várias áreas do conhecimento, onde Euclides procura revelar um retrato do Brasil, acentuando suas contradições e conflitos, da qual começam a dar os contornos do seu pensamento político dicotômico, sobretudo ao enfatizar o distanciamento entre nação (povo) e Estado brasileiro. Desta forma, Canudos na obra *Os Sertões*, é para Euclides, a expressão e síntese da formação sociocultural brasileira, cujo Brasil moderno entra em choque com o Brasil atrasado<sup>42</sup>.

Euclides da Cunha apresenta em *Os Sertões*, a dicotomia litoral-sertão, para sustentar sua ideia da qual a guerra de Canudos é a síntese explicativa da metáfora civilização/barbárie. Com isso, Euclides exprime sua angústia perante o modelo político republicano brasileiro. Euclides representa em *Os Sertões* o texto do pensador, cuja ciência foi seu pano de fundo,

---

<sup>42</sup> Essa é a mesma conclusão que chega Brandão (2007); Weffort (2006); Lynch (2019); Galvão (1984); Lima (1997).

muito inspirado no método de Taine que considera, na história dos povos, três elementos essenciais: o meio, a raça e os fatos.

Abramos um parêntese...

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. Dê sorte que o mestiço – traço de união entre raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado (CUNHA, 2009, p. 89).

Euclides revelou, na abertura de *Os Sertões*, seu propósito de se identificar os sertanejos, vítimas da guerra. Citou a este respeito o historiador francês Hyppolite Taine, para quem o “narrador sincero” deveria ser capaz de se sentir como um bárbaro entre os bárbaros, como um antigo entre os antigos. Taine formulou, na “Histoire de la littérature anglaise” (1863), a concepção naturalista da história, determinada a partir de três fatores: o meio, com o ambiente físico e geográfico; a raça, responsável pelas disposições inatas e hereditárias; e o momento, resultante das duas primeiras causas. Tal concepção naturalista foi seguida por Euclides, ao dividir *Os Sertões* em três partes, correspondentes aos fatores de Taine: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Tratou, em “A terra”, da geologia brasileira e do meio físico do sertão baiano, com o clima do semi-árido e a vegetação da caatinga. Em “O homem”, discutiu as origens do homem americano, a formação racial do sertanejo e os males da mestiçagem. Finalmente, em “A luta”, narrou a guerra de Canudos como confluência dos fatores naturais, étnicos e históricos.

A publicação de *Os Sertões*, em 2 de dezembro de 1902, foi um sucesso extraordinário, trazendo fama instantânea a Euclides que, nas palavras de Sílvio Romero, em ensaio sobre Euclides da Cunha para o seu livro *História da literatura brasileira*<sup>43</sup>, vai dizer que “(...) em nosso mundo literário, não é um sedento de notoriedade nem de justiça. Dele pode se dizer que se deitou obscuro e acordou célebre, com a publicação de ‘*Os Sertões*. Merecia-o.”. De fato, a consagração de Euclides como escritor, com o lançamento de seu primeiro livro, *Os Sertões*, foi um fato marcante, sem paralelos na história da literatura brasileira. (GALVÃO, 1984; BERNUCCI, 2001; LIMA, 1997)

A narrativa da guerra de Canudos vinha precedida de um estudo da natureza e do homem do sertão, além de ilustrada por desenhos de paisagens e mapas geológicos, botânicos e geográficos, feito pelo próprio Euclides. Continua, ainda, fotografias do conflito tiradas por

<sup>43</sup> Romero, Sílvio. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Vol. 5. José Olympio. 1943.

Flávio de Barros. Segundo Bernucci (2001), *Os Sertões* era, em primeiro lugar, um tratado “sub-raças” brasileiras, esquecidas nos interiores do país, para só depois constituir-se numa narrativa de guerra, propriamente dita. Além do que, Euclides teorizou o sertanejo tendo por base as concepções racistas de teóricos como o austríaco Ludwig Gumplowicz e sua luta de raças como força motriz da história humana, guiada pela luta entre raças, com o esmagamento inevitável dos grupos fracos pelos fortes. “Sou um discípulo de Gumplowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico”, afirmou Euclides, preso a esta concepção distorcida da nossa etnia.

Não temos unidade de raça.  
 Não a teremos, talvez, nunca.  
 Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social.  
 Estamos condenados à civilização.  
 Ou progredimos, ou desaparecemos. (CUNHA, 2009, V. 2, p. 62)

Esse aspecto é destacado por Galvão (1984) e Bernucci (2001), como crucial para compreendermos essa ideia negativa de uma obra com um incontornável racismo do qual até hoje Euclides é acusado. Isso fica evidente quando Euclides faz a célebre síntese dialética “o sertanejo é antes de tudo um forte” (CUNHA, 2009, V.2. p. 95). Euclides procura com isso, defender a ideia de que a condição de sub-raça a que o sertanejo era submetido, foi o resultado do abandono “benéfico” do poder político central, que não tentara a força “civilizá-la”. No entanto, na mesma caracterização do mestiço, Euclides aponta traços do *antropismo do selvagem* (CUNHA, 2009, V.2. p. 115), *os arcos, que lembram uma transição entre armas dos selvagens e a antiga besta de polé* (CUNHA, 2009, V.2. p. 252) e *a selvageria impiedosa* (CUNHA, 2009, V.2. p. 361). De fato, o esforço intelectual de Euclides procurava reconciliar duas concepções irreconciliáveis<sup>44</sup> - o acesso à civilização e o excesso do progresso.

É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.  
 Ora, os nossos rudes patrícios dos sertões do Norte forraram-se a esta última. O abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social, superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para aberrações e vícios dos meios adiantados. (CUNHA, 2009, V.2, p. 91-2)

<sup>44</sup> Sevcenko (2003) captou muito bem este traço fundamental da obra de Euclides, apontando que: “não deixa de ser fascinante o fenômeno da consciência dividida - tão típica da passagem do século - que vibra no cerne de sua obra. Romântico, do romantismo carregado e desabrido de Victor Hugo e Alfred Musset, ele estende seu culto ao determinismo mais obstinado, de Comte, Spencer e Gumplowicz. Seu espírito se identifica com os dois pontos extremos mais distantes do espectro cultural de sua época. Euclides da Cunha possui igualmente vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negavam um ao outro, que só poderiam sobreexistir um à custa da morte do outro. Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX, literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista”. (SEVCENKO, 2003. p. 2003)

Euclides traduz o sertanejo como um retrógrado, mas não como um degenerado, justamente porque reage como um bravo às forças invasoras que lhes querem tomar a terra, o pão e a fé. Entrevê-se nessa construção arquetípica do "Hércules-Quasímodo" euclidiano, uma profunda admiração do autor pela figura heroica do índio no romantismo brasileiro, da qual parece destacar os sertanejos de Canudos.

Euclides, em *Os Sertões*, pensa o sertanejo como raça desejada, aquela que garantirá a legitimidade do conceito de “nação brasileira”. No entanto, chama a atenção suas contradições, na tentativa de descrição dos problemas raciais no litoral e no interior, da qual Frederic Amory vai apontar que “(...) duvidou [Euclides] apenas da miscigenação costeira de um ponto de vista etnocêntrico, ao mesmo tempo em que elogiava e defendia a mestiçagem do sertão baiano por ser a formadora da “rocha viva de nossa raça”, numa visão etno periférica” (AMORY, 2009, p. 171-2)

Quanto aos negros, Euclides em *Os Sertões*, reconhece o espaço dos “mestiços neurastênicos” do litoral, do qual aventa a possibilidade de virem a fazer parte do grupo social dos detentores da nacionalidade, reunidos no interior do Brasil:

Assim a gênese do mulato teve uma sede fora do nosso país. A primeira mestiçagem com o africano operou-se na metrópole. Entre nós, naturalmente, cresceu. A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização potente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuinto o "como se podem enjeitar os escravos e bestas por os acharem doentes ou mancos", denunciam a brutalidade da época. Além disto - insistamos num ponto incontroverso - as numerosas importações de escravos se acumulavam no litoral. A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava o interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito quilombola temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmagos do país. (CUNHA, 2009, V.2, p. 77-8).

Por outro lado, já que Euclides da Cunha compreende o termo “evolução” como sinônimo primeiro de “progresso”, a busca pela fixação da identidade da raça brasileira no “âmagos do país”, acaba por romper com o próprio modelo raça-forte X raça fraca, fazendo com que, na literatura euclidiana, esses elementos troquem de papéis (LIMA, 1997). Nesse caso, Canudos, de “urbs monstruosa”, passa a ser a “Troia de taipa”, da qual se constitui como imaginário de uma cidade feita de mármore, palácios e tesouros, que está referenciada na *Ilíada*<sup>45</sup>, local de vivências de humildes sertanejos, reunidos num arraial em pau a pique. (BERNUCCI, 2001; LIMA, 1997)

---

<sup>45</sup> A *Ilíada*, de Homero, é considerada um cânone da literatura ocidental que narra a famosíssima “Guerra de Troia” (Ílion = Troia). Segundo Said (1990), a leitura desse clássico, permite compreender o humanismo na literatura,

Assim, antes da vinda do Conselheiro, já o lugarejo obscuro — e o seu nome claramente se explica — tinha, como a maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germens da desordem e do crime. Estava, porém, em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893: tajupares em abandono; vazios os pousos; e, no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em ruínas...

Data daquele ano a sua revivescência e crescimento rápido. O aldeamento efêmero dos matutos vadios, centralizado pela igreja velha, que já existia, ia transmudar-se, ampliando-se, em pouco tempo, na Tróia de taipa dos jagunços. Era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito. (CUNHA, 2009, V. 2, p. 145)

Euclides com isso, segundo Bernucci (2001), capta em *Os Sertões*, as contradições da realidade do sertanejo de Canudos, procurando-o relacioná-lo a passagens históricas, na tentativa de apropriação de uma suposta “consciência coletiva das multidões”, para tentar explicar o *nonsense* da “Luta”. Foi além da narração da guerra, ao construir uma teoria do Brasil, cuja história seria movida pelo choque entre etnias e culturas.

O conflito entre Canudos e a República resultou, para Euclides, do choque entre dois processos de mestiçagem: a litorânea e a sertaneja. O mestiço do sertão apresentaria vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e à ausência de componentes africanos, que tornariam mais estável sua evolução racial e cultural. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 95)

Euclides citou, em *Os sertões*, sete quadras de um dos ABCs, que colocou em ordem cronológica, de forma a sintetizar a concepção mítica e religiosa dos seguidores do Conselheiro, que acreditavam no retorno de d. Sebastião. Este ABC, composto de 28 quadras e 1 terceto, contém uma narrativa popular dos primeiros anos da República, que introduziu o casamento civil, perseguiu Antônio Conselheiro e trouxe guerras civis e especulação financeira. Duas dessas quadras se referem à vinda de d. Sebastião, para extinguir o casamento civil e punir aqueles que se encontrariam sob “a lei do Cão”, a “eleição” do novo regime, considerada contrária à lei de Deus:

Registravam as prédicas de Antônio Conselheiro; e, lendo-as, põe-se de manifesto quanto eram elas afinal inócuas, refletindo o turvamento intelectual de um infeliz. Porque o que nelas vibra em todas as linhas é a mesma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política, permitindo emprestar-se às tendências messiânicas expostas. O rebelado arremetia com a ordem constituída porque se lhe afigurava iminente o reino de delícias prometido. Prenunciava-o a República - pecado mortal de um povo - heresia suprema indicadora do triunfo efêmero do anti-Cristo. Os rudes poetas, rimando-lhe os desvairos em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos

---

isto é, o compromisso do escritor de pensar sua escrita em identidade com a sua cultura. A esse respeito, ver HOMERO. *Ilíada*. (1978) e SAID, Edward. (1990)

disparatados, que deletreamos pensando, como Renan, que há, rude e eloqüente, a segunda Bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo.  
Copiemos ao acaso alguns:

*Sahiu D. Pedro segundo  
Para o reino de Lisboa  
Acabosse a monarquia  
O Brasil ficou a tôa!*

A República era a impiedade:

*Garantidos pela lei  
Aquelles malvados estão  
Nós temos a lei de Deus  
Elles tem a lei do cão!*

*Bem desgraçados são elles  
Pra fazerem a eleição  
Abatendo a lei de Deus  
Suspendendo a lei do cão !*

*Casamento vão fazendo  
Só para o povo iludir  
Vão casar o povo todo  
No casamento civil!  
(CUNHA, 2009, V. 2, p. 163-164)*

Euclides mostra com isso em *Os Sertões* que a República é tida como o reino do Anticristo, personagem do Apocalipse que surgiria antes do fim do mundo, para semear a impiedade e a discórdia até ser vencido pelas forças divinas. Caberia ao Conselheiro a tarefa de derrotar o “Anticristo republicano”.

O governo demoníaco, porém, desaparecerá em breve:

*D. Sebastião já chegou  
E traz muito regimento  
Acabando com o civil  
E fazendo o casamento!*

*O Anti-Cristo nasceu  
Para o Brasil governar  
Mas ahi está o Conselheiro  
Para delle nos livrar!*

*Visita nos vem fazer  
Nosso rei D. Sebastião.  
Coitado daquelle pobre  
Que estiver na lei do cão!*

(CUNHA, 2009, V. 2, p. 163-164)

Na parte destinada “A luta”, Euclides denunciou o Exército e o governo pela destruição da comunidade e pela degola dos prisioneiros, realizados em nome da consolidação da ordem republicana. Procurou mostrar como os dois lados do conflito - o litoral e o sertão - se encontravam tomados por fanatismos religiosos e políticos. Os soldados saudavam a memória

do marechal Floriano Peixoto, com o mesmo entusiasmo doentio com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus. O coronel Moreira César, comandante da terceira expedição, é tido como tão desequilibrado quanto o Conselheiro. Ambos refletiriam a instabilidade dos primórdios da República.

Euclides viu o sertão como reflexo do litoral: a barbárie estaria por toda parte. Criticou as jornadas jacobinas no Rio de Janeiro, em março de 1897, quando multidões reagiram à notícia da derrota da terceira expedição contra Canudos com a destruição de jornais monárquicos e o assassinato de um jornalista. Considerava os manifestantes da rua do Ouvidor, centro do comércio elegante e das redações de jornais, mais perigosos do que o homem do sertão:

#### A RUA DO OUVIDOR E AS CAATINGAS

Interrompamos, porém, este respigar em ruínas. Mais uma vez, no decorrer dos sucessos que nos propusemos narrar, forramo-nos à demorada análise de acontecimentos que fogem à escala superior da História. As linhas anteriores têm um objetivo único: fixar, de relance, símiles que se emparelham na mesma selvatiqueza. A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos.

Valerá a pena defini-los?

A força portentosa da hereditariedade, aqui, como em toda a parte e em todos os tempos, arrasta para os meios mais adiantados - enlavados e encobertos de tênue verniz de cultura - trogloditas completos. Se o curso normal da civilização em geral os contém, e os domina, e os manietta, e os inutiliza, e a pouco e pouco os destrói, recalcando-os na penumbra de uma existência inútil, de onde os arranca, às vezes, a curiosidade dos sociólogos extravagantes, ou as pesquisas da psiquiatria, sempre que um abalo profundo lhes afrouxa em torno a coesão das leis eles surgem e invadem escandalosamente a História. São o reverso fatal dos acontecimentos, o claro-escuro indispensável aos fatos de maior vulto.

Mas não têm outra função, nem outro valor; não há analisá-los. Considerando-os, o espírito mais robusto permanece inerte a exemplo de uma lente de *Flint-glass*, admirável no refratar, ampliadas imagens fulgurantes, mas imprestável se a focalizam na sombra.

Deixemo-los; sigamos.

Antes, porém, insistamos numa proposição única: atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja exprimia palmar insciência das condições naturais da nossa raça. (grifos nossos)

(CUNHA, 2009, V. 2, p. 299-300)

Euclides, acreditava que o crime cometido em Canudos se tornara possível pelo isolamento geográfico e cultural da região. Imersos em um território fora das leis da história e



da geografia, os soldados e oficiais tinham certeza da impunidade e recuavam no tempo, agindo de forma bárbara e selvagem.

### Um grito de protesto

Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do futuro. A História não iria até ali. Afeiçãoara-se a ver a fisionomia temerosa dos povos na ruína majestosa das cidades vastas, na imponência soberana dos coliseus ciclópicos, nas gloriosas chacinas das batalhas clássicas e na selvaticidade épica das grandes invasões. Nada tinha que ver naquele matadouro. O sertão é o homízio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa. E lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácita dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar. (CUNHA, 2009, V. 2, p. 454-455)

Mas Euclides se afastou, em parte, do determinismo geográfico, ao admitir a possibilidade de o homem amenizar os efeitos das secas pela construção de açudes e canais, tomando, como exemplo, a atuação dos romanos na Tunísia. Criticou também a devastação do meio-ambiente promovida pelas queimadas que o colonizador aprendera com os indígenas, capaz de criar desertos, o homem poderia também os extinguir, corrigindo o passado.

Ora, os sertões do Norte, a despeito de uma esterilidade menor, contrapostos a este critério natural, figuram talvez o ponto singular de uma evolução regressiva. Imaginamo-los há pouco, numa retrospectiva em que, certo, a fantasia se insurgiu contra a gravidade da ciência, a emergirem, geologicamente modernos, de um vasto mar terciário. À parte essa hipótese absolutamente instável, porém, o certo é que um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regímen contínuo, favorecendo flora mais vivaz. Esboçamos anteriormente algumas. Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável - o homem. Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos. (CUNHA, 2009, V. 2, p. 48)

Assim, Euclides nos coloca à frente de um Brasil profundo, autêntico, mas ainda desconhecido, expondo sua teoria dos “dois Brasis” - segundo a qual existiram duas realidades convivendo dentro do mesmo país: a do litoral, civilizada, intelectualizada, elitizada, branca e europeizada; e a do sertão, ainda desconhecida, carregada de infortúnios, exposta à mestiçagem e a toda sorte de fanatismos, excluídas da civilização litorânea não apenas pela geografia, mas sobretudo pela própria evolução da história. Assim, Euclides, influenciado pelas teorias científicas da época, procura n’Os Sertões,

(...) demonstrar que, dado o meio ambiente natural e dado o meio ambiente social, que inclui a raça, só poderia ocorrer o que ocorreu. Para ele, geografia e clima determinam a constituição dos agrupamentos humanos, enquanto a raça determina o tipo psicológico e o comportamento coletivo. Dos cruzamentos raciais entre índios e brancos (negros menos, em sua opinião), no isolamento do deserto, o resultado seria

o mestiço, de temperamento instável, presa fácil de todo tipo de superstição e incapaz de construir uma cultura. Em momentos de crise, viriam à tona as características das raças inferiores que entraram na mistura e que se realizam no misticismo. (GALVÃO, 1981, p. 23)

Dessa forma, o dilema da nacionalidade brasileira, é enfrentado por Euclides no livro *Os Sertões*, a partir de um discurso carregado de antíteses, em que imagens positivas e negativas se chocam e entrelaçam, com marcas dos impasses ideológicos e metodológicos e diante das imposições do rigor científico postulado à época, configura-se enquanto uma importante referência histórica para se adentrar ao Brasil do fim do século XIX e início do XX.

#### 2.4 Contato com as teses socialistas

No dia 1º de maio de 1904, Euclides da Cunha publicou, no *Estado de São Paulo*, um artigo intitulado *Um velho problema*, onde defendeu o socialismo como forma futura de organização da vida social e condenou a desumanidade produzida pelo capitalismo na insuficiência do salário e nas doenças que vitimavam o operário, moléstias oriundas do desenvolvimento industrial. E viaja pela reflexão social desde São Tomás de Aquino, com as considerações sobre a fome, até Karl Marx, passando por Thomas Morus, Campanella, Saint-Just, Saint-Simon e Proudhon. Discutindo a questão da revolução social condenou como fantasias inconsequentes as elaborações de escritores e filósofos, as criações intelectuais que não contribuíram para a transfiguração da materialidade social. O pensamento marxiano apareceu como a sólida construção do socialismo enquanto fermento teórico. Foi o marxismo da II Internacional, minado pelas teses do evolucionismo e do reformismo. A militância no interior paulista na virada do século foi o momento mais intenso da aproximação de Euclides com o socialismo.

Nomeado para chefiar a comissão do Alto Purus, em 13 de dezembro de 1904 parte para Manaus numa missão em que realizava parte de seu profundo anseio por conhecer o Brasil em suas expressões essenciais. A aventura amazônica foi a continuidade daquela iniciada nos sertões da Bahia, na qual revelaria aos brasileiros um mundo novo, desconhecido, em que o homem poderia projetar uma civilização futura. Seria sua interpretação da Amazônia e a rara possibilidade de o contato com aquela visão romântica que os viajantes tinham da América na época dos descobrimentos, como um lugar onde o homem e a paisagem estariam em sua forma

primária e paradisíaca. Essa experiência nas fronteiras do país iria contribuir decisivamente para a ampliação da visão de Euclides acerca da América Latina. Pouco tempo depois, vai afirmar que os problemas de limites territoriais e os conflitos envolvendo brasileiros e peruanos, revelavam a fragilidade do continente e a necessidade de um projeto integrador para o Brasil e os países vizinhos

### 3. TERCEIRA FASE (1904-1909): DO ESCRITOR E SEUS INFLUXOS SOBRE O ESTADO NACIONAL

Nesse último tópico, analiso a terceira fase do itinerário intelectual de Euclides da Cunha, no período compreendido entre 1904-1909. É a fase dos estudos amazônicos, onde Euclides se assume como escritor, preocupado com o território brasileiro, agindo como uma espécie de interlocutor do pensamento geopolítico ao discutir as delimitações das fronteiras com Peru e Bolívia. É desse período que Euclides se revela como um intelectual sensível aos problemas sociais e políticos da exploração da borracha na Amazônia. É nesse momento também que surge o perfil de um Euclides crítico da intelectualidade da Rua do Ouvidor, membro da Academia Brasileira de Letras, da qual manteve interlocução com intelectuais que se consagraram na interpretação do Brasil. Mas é também do final desse período que assistiremos um Euclides cético com a política, com os rumos da nação e com o Brasil, num prenúncio intelectual do seu trágico final de vida.

#### 3.1 O desafio de integrar a Amazônia a Nação

Em 21 de setembro de 1903, apadrinhado por José Veríssimo, é eleito para a Academia Brasileira de Letras, para a cadeira número 7, de Castro Alves, concorrendo com Xavier Marques, Domingos Olímpio e Gurgel do Amaral. Só tomará posse em dezembro de 1906, em virtude de seus compromissos na Amazônia. Ainda em 1903 toma posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em carta endereçada ao pai, em 8 de agosto de 1904, Euclides não esconde sua ansiedade e expectativa em relação a viagem à Amazônia, da qual entendia ter um enorme significado, tanto como brasileiro, engenheiro e escritor:

Acabo de receber do dr. Oliveira Lima um telegrama noticiando a minha próxima nomeação para a comissão de engenheiros para os limites do Peru. Não sei ainda em que cargo. De qualquer modo devo aceitar. Só terei a lucrar – como brasileiro que vai prestar um serviço à sua terra, como engenheiro que não pode ter um trabalho mais digno, e como escritor que não poderá ter melhor assunto ...

Nomeado para chefiar a comissão do Alto Purus, em 13 de dezembro de 1904 parte para Manaus, onde chega ao fim do ano, numa missão em que realizava parte de seu profundo anseio

por conhecer o Brasil em suas expressões essenciais. A aventura amazônica seria a continuidade daquela iniciada nos sertões da Bahia. Para a última aventura, junto ao Barão do Rio Branco, conta com o apoio formal do crítico e intelectual, o paraense José Veríssimo, para quem confia, em carta, o profundo desejo de conhecer o interior do país.

Meu ilustre amo. dr. José Veríssimo

Recebi a sua prezada carta e fiquei satisfeítíssimo com o seu valioso juízo relativamente ao meu “Marechal de Ferro”. Também transmiti ao Henrique Coelho a sua opinião sobre o trabalho dele. Quanto ao outro assunto - ela fortaleceu as esperanças na realização do meu ideal de bandeirante. Estou cada vez mais animado em levá-lo por diante. Que melhor serviço poderei prestar à nossa terra?

Além disto, não desejo Europa, o boulevard, os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanosa e triste de pioneiro. Nestes tempos de fragilidade já não é pouco.

Ampare por isto, com o inegável prestígio do seu nome, a minha pretensão. E diga-me sempre uma palavra a respeito dela.guardo ansiosamente uma decisão. Escrevi ontem outra vez ao nosso eminente confrade Oliveira Lima. Recomendo-me muito a todos os seus, e creia sempre em quem é seu muito cordialmente.

Euclides da Cunha

P.S. — Antes de partir tomarei posse da cadeira na Academia. Mas não poderei sair daqui sem uma decisão clara. (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 211-212)

A experiência amazônica representava para Euclides não apenas conhecer os cantos remotos do país, mas também o de coletar dados para um novo livro, que teria por título “Um Paraíso Perdido”, na intenção de produzir para a Amazônia obra do mesmo peso e significado que Os sertões para o sertão nordestino, como expôs em carta a Coelho Neto em 10 de março de 1905:

(...) Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, e num livro: Um paraíso perdido, onde procurarei vingar a Híloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas, emaranhadas e trágicas... (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 265-266)

Antes de iniciar sua expedição selva adentro na Amazônia, Euclides pode deter mais atentamente ao clima da cidade de Manaus, acabando por exaltar a fibra do sertanejo amazônico, capaz de suportar o calor. Isso fica expresso em carta a Afonso Arinos em 12 de janeiro de 1905:

(...) Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo excessivo desta Manaus – onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano – a nossa gente ainda os domina com as suas formosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa do sulista está no perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até cá... (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 250-251)

Euclides, enquanto espera sua autorização para o início da expedição ao Purus, publica um artigo em 1904, no jornal O Estado de São Paulo, intitulado “A arcadia da Alemanha” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 17-18), onde destacava as dificuldades do Brasil constituir-se numa nação fundada progresso social. Dessa forma, Euclides concebia que as nações civilizadas poderiam acabar nos devorando cedo ou tarde. Criticando os governantes políticos do país, ele assinalava que enquanto os outros povos cresciam vertiginosamente nós nos mantínhamos em crescente mediocridade.

#### A Arcádia da Alemanha

Este belo título clássico cabe ao Brasil. E o que nos revela um sociólogo qualquer da Contemporary Review, um dos muitos que hoje arremetem, aforradamente, com o indefinido das questões sociais. E inglês; e o argumento essencial ressalta-lhe na resvaladura desta cinca: somos um povo sem juízo e a vitalidade germânica, em breve, nos absorverá. (...)

(...) Enquanto isto acontece, a vida de outras gentes, intensíssima e a crescer, a crescer dia a dia, mais e mais se agita, constricta à força na clausura das fronteiras. De sorte que a nossa esplêndida mediocridade se lhes torna em perpétuo desafio, reprimindo-lhes a riqueza torturada e a plethora de forças que, na ordem econômica, caracteriza o moderno imperialismo. (...)

A Alemanha é o melhor exemplo. E o caso típico de um povo sob a ameaça permanente de seu mesmo progresso. Passando, com uma rapidez sem par na história, do regime agrícola em que se aplicavam, há meio século, três quartos da sua gente, para o máximo regime industrial, onde se aplicavam hoje dois terços da sua atividade - ficou duplamente adstrita a todas as exigências do expansionismo obrigatório. Para viver e para agir. (...)  
(CUNHA, 2009, v. 1, p. 17-18)

No plano da organização social brasileira ficavam evidenciados, para Euclides, as contradições de uma civilização que tinha que se debater para vencer as disparidades que se aprofundavam continuamente devido ao processo de colonização, o qual era sempre destruidor não só das riquezas materiais, mas também da possibilidade de estabelecimento de uma unidade nacional que não fosse formada pela exploração, pelo chicote e pela matança.

Parecia não haver intermediários àquela simbiose da escravidão com o ouro, porque não havia encontrá-los mesmo no agrupamento incaracterístico, e mais separador que unificador, dos solertes capitães-da-mato, dos meirinhos odientos, dos bravateadores oficiais de dragões, dos guarda-mares, dos escrivães, dos pedestres e dos exatores, açulados pelas ruas, farejando estradas e as picadas, perquerindo os córregos e os desmontes; em busca do escravo; filiando-se às pernas ágeis dos contrabandistas; colados no rastro dos contraventores; e espavorindo os faiscaidores pobres, inquirindo, indagando, prendendo, intimidando e, quase sempre, matando... (CUNHA, 2009, v. 1, p. 27).

Em 1905 começou enfim sua missão e aventura pela Amazônia. Tomando a frente na Expedição de Reconhecimento do Alto Purus resolvendo as questões de fronteira entre o Brasil,

Peru e a Bolívia. Enfim, a ansiedade de Euclides se transforma em euforia com o início da expedição pela Amazônia. As cartas escritas por Euclides da Cunha iriam diminuir a partir de abril. Teve então Euclides tempo para se deter ao enorme volume de trabalho da expedição. Mas algumas poucas cartas ainda eram ao Barão do Rio Branco, sempre com conteúdo sobre os trabalhos da comissão. Na medida que a expedição avança rumo ao Rio Purus, na direção dos lugares mais remotos da Amazônia, Euclides vive a sensação de que está numa região deserta, esquecida ou abandonada. Em carta ao Barão do Rio Branco, de 5 de julho de 1905, Euclides deixa transparecer essa sensação de isolamento:

(...) Entre o Chandless e aquele ponto a região é deserta, aparecendo junto às margens uma ou outra barraca abandonada. Dali até aqui, porém, muito mais povoada de brasileiros. Porto de Mamoriá, fronteira de Cassianã e Novo Triunfo são três sítios florescentes, de laboriosos e robustos cearenses que firmam bem nestes lugares o domínio da nossa terra. ... (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 286)

O começo da expedição amazônica, causa em Euclides uma reconstrução do seu espírito inquieto a partir das memórias do seu imaginário político e social de Canudos. Do pouco tempo que Euclides passou em Manaus, já foram suficientes para ele concluir que a Amazônia é uma região marcada pelo isolamento geográfico e pelo povoamento escasso. Euclides reencontra o sertanejo que veio do Nordeste para trabalhar na produção do látex em seringais espalhados pela selva. Essa visão de abandono, presente em suas cartas e retomada nos seus estudos posteriores, foi a base de suas críticas à situação marginal da Amazônia, na qual o distanciamento não era somente geográfico, mas também político, social e cultural. Nessas condições, Euclides já pensava em como integrar a região amazônica ao conjunto da nação.

### **3.2 A volta da Amazônia – desilusão e pessimismo**

Era o início do ano de 1906. Euclides regressava da longa viagem de 1 ano e 23 dias à Amazônia com a saúde debilitada pela malária. Segundo Ventura (2003), Euclides ficou profundamente aborrecido com o cosmopolitismo piegas da capital federal, transfigurada pelas reformas do engenheiro e prefeito Francisco Pereira Passos, que demolira o casario antigo para remodelar o centro e abrir a avenida Central, atual avenida Rio Branco. Era a chegada do

progresso, a reboque da República, serviu de pretexto ao Rio do “Bota-abaixo<sup>46</sup>”, com severas intervenções de urbanismo e saneamento, e outras para o mero embelezamento da “Paris dos trópicos”. Mais tarde, em carta a Domício da Gama, de 16 de novembro de 1907, Euclides reclamaria do “delírio de automóveis, de carros, de corsos, de banquetes, de recepções, de conferências, que me perturba – ou que me atrapalha, no meu ursismo incurável. (...) Que saudades da antiga simplicidade brasileira!” (CUNHA, 2009, V.2, p: 1.040).

Euclides escreve ao pai, em 14 de fevereiro de 1906, admitindo que “as dissenções do meu lar provêm, exclusivamente, da minha teimosia no malhar sobre um velho lema: “Não basta que sejamos honestos; é também preciso que pareçamos honestos” (CUNHA, 2009, V. 2., pp. 1003-4).

Envia uma carta ao amigo Escobar, em 13 de junho, convidando-o a visitá-lo para “... contemplar um pouco as transformações do Rio? E a Tinta de Lorenzo?”, e também aludindo, estranhamente, á “paz” de sua “rude pena de caboclo ladino”:

“Em paz, portanto, essa rude pena de caboclo ladino. Ou melhor, que vá alinhando as primeiras páginas de Um paraíso perdido, o meu segundo livro vingador. Se o fizer, como o imagino, hei de ser (perdoe-me a incorrigível vaidade), para a posteridade, um ser enigmático, verdadeiramente incompreensível entre estes homens.” (CUNHA, 2009, V. 2., p 1.011)

Desde sua volta do Alto Purus, Euclides da Cunha passou a trabalhar como adido do Itamaraty, junto ao Barão do Rio Branco, tendo como uma das missões a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Entretanto, Euclides se sente abatido com a instabilidade da sua vida, já que era cargo de confiança do Barão, não pertencendo ao quadro efetivo de funcionários da carreira diplomática. Esse era o desejo de Euclides, manifesto em várias cartas a intelectuais e pessoas próximas ao Barão do Rio Branco, nas recorrentes menções a seu nomadismo, tal como expôs em carta a Firmo Dutra, de 7 de julho de 1906, “calçando de novo a minhas botas de sete léguas” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 1.011).

Na diplomacia da política externa o Brasil ganha o território do Acre, disputado com a Bolívia. Foi um processo tenso o de disputa de fronteira, mas a argúcia de Euclides, juntamente com a capacidade diplomática do Barão do Rio Branco, foi decisiva para o sucesso brasileiro. Esses conflitos de fronteira com Peru e Bolívia marcaram a política externa do Brasil no início

---

<sup>46</sup> Expressão criada para designar, ao mesmo tempo, o processo de reformas urbanas operado a partir de 1903 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e o prefeito da cidade à época, Francisco Pereira Passos (1902-1906). Com a expressão o “Bota-Abaixo”, buscou-se destacar a maneira radical pela qual foi implementado um conjunto de obras públicas que então redefiniram a estrutura urbana da capital federal. (ATLAS HISTÓRICOS DO BRASIL, FGV/CPDOC)



do século XX e Euclides se consolidou como um dos protagonistas desse ato, como assinala Mota (2001, p. 154):

E mais uma vez Euclides estará no centro da agitação política da sua época, seja discutindo pela imprensa os vários aspectos de nossa política externa relativa à América espanhola, seja participando ativamente do encaminhamento pacífico daqueles conflitos de fronteira que por pouco não degeneraram em guerra.

As notas complementares do comissário brasileiro, concluídas por Euclides da Cunha em 10 de março de 1906, foram então incluídas no Relatório da comissão mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento do Alto Purus - publicado, na íntegra, no mês de junho, pela Imprensa Nacional. No mês seguinte, Euclides recebeu do Ministério da Viação um convite para o cargo de engenheiro fiscal do governo, na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, na selva amazônica. Euclides falou sobre esse convite em carta ao pai de 24 de julho de 1906, ressaltando não ter podido resistir a atração de acatar mais uma vez o chamado da pátria, para estar junto da “grande linha continental que vai transformar a América do Sul” (CUNHA, 2009, V. 2, p.1014), mas recusou a indicação, devido à oposição de Manuel da Cunha.

Em 1906 apareceu a publicação oficial de seu Relatório do Alto Purus, e em setembro do mesmo ano foi lançado, pela Livraria Francisco Alves, o livro *Peru versus Bolívia*. Observando as condições de trabalho na Amazônia, Euclides condenou veementemente aquela forma de escravidão, se posicionando contra tal perversão. Foi a mesma força emocional, a mesma energia que emanou da obra *Os Sertões*. Como no livro vingador, Euclides se funde na letra dos escritos amazônicos: é a mesma veemente condenação da barbárie que se reveste de civilidade. O intelectual reencontrou o sertanejo nordestino tangido do inferno das secas para a terra da borracha (TOCANTINS, 1992). Na Amazônia, Euclides da Cunha vivenciou essa nova experiência dramática dos nordestinos.

Euclides da Cunha assume na Academia Brasileira de Letras, a cadeira número 7, de Castro Alves, em 18 de dezembro de 1906, sendo saudado por Silvio Romero com um explosivo e revolucionário discurso de recepção. A cerimônia foi assistida por 16 acadêmicos, entre eles Machado de Assis, Oliveira Lima, Artur Azevedo, Graça Aranha e José Veríssimo. No longo discurso de Silvio Romero, dirige-se aos colegas com uma acentuada preocupação nacionalista, disparando críticas contra a própria Academia.

Sr. Dr. Euclides da Cunha,

O vosso brilhantismo discurso, cujos primores de forma não disfarçam, antes realçam, a riqueza de vossas idéias, as ousadias de vosso pensar, constituem para mim, velho lutador em quem o espírito de combatividade é uma das mais constantes marteladas com que a crítica indígena há por bem de me bater a porta para intimidar-me suas sentenças, uma tríplice tentação...

(...)

Dissestes, coma fantasiosa irradiação de vossas frases, que é o encanto de vosso escrever, muito bonitas cousas de Castro Alves, de Valentim Magalhães, do Brasil social...

São assuntos que me inspiraram, de há muito, velhas idéias, defendidas em cinquenta batalhas por trinta anos seguidos. A Academia não se pode afigurar a organização da hipocrisia para que eu haja de impor silêncio a mim mesmo, sacudindo da alma, lá fora, seletas convicções, como se espanasse o pó dos sapatos no ádito dos templos majestosos e terríveis.

(...)

A inteligência nacional andava encurralada num círculo de romantismo caduco e de metafisicismo banal, envoltos ambos num retoricismo sovado, balofo, inane, em que velhas frases eram glorificadas e erigidas à altura de teses científicas, de pilastras eternas do verdadeiro. Em política o Visconde de Uruguai e o Conselheiro Zacarias de Góis esbofavam-se por estabelecer a exata doutrina acerca da natureza de limites do poder moderador. Nunca o bizantinismo tinha alcançado mais nítido renascimento depois do século XV. Era o justo pendant da disputa da teoria da afirmação pura.

(...)

Belo! Belo!...

A Academia recebe em seu seio um poderoso escritor, mas um que pode colocar idéias, além de pronomes, porque estuda e medita, porque sabe ver e inquirir. Mas, afinal, é preciso generalizar e concluir.

Que lição podemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos do livro do Sr. Euclides da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo que já anda cansado de frases e promessas, desiludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de sossego, do bem-estar que lhe foge, esse amado povo brasileiro, paupérrimo no meio das incalculáveis riquezas de sua terra?

(...)

O grosso da população é paupérrima e desarticulada. Nos campos, nas roças, nos sertões, no interior, produz, mas produz pouco e sem sistema. Nas vilas e cidades, quase nada produz em pequenos e mal organizados ofícios e um pouco mais nas modernas fábricas, instaladas em vários pontos onde o operariado geme, porém, nas garras de um capitalismo que se poderia chamar quebrado: porque nós não temos grandes fortunas, fartas somas acumuladas. Um funcionalismo incontável se vai encarregando de encher o vácuo. É o caso de concluir convosco, Sr. Euclides da Cunha: ou nos transformamos pela base ou sucumbiremos.

Vós vos referistes aos esquecidos e desavisados sertanejos de entre o Itapicuru, da Bahia, e o Parnaíba, do Piauí. Não vejo motivo para essa seleção da morte, essa escolha dos que vão desaparecer!

(...)

Assistiremos, como ilotas, o banquetear dos poderosos; ficaremos, os da elite de hoje, na mesma posição a que temos mais ou menos geralmente condenado os negros e índios e seus filhos mais próximos que trabalharam para nós...

Triste vingança da História!

Sabe Deus a mágoa com que o digo...

Portanto, excelsior, excelsior! Sursum corda!

Trabalhem, eduquemo-nos, reformemo-nos para viver...

(ABL, 2005, p. 269)

Compareceram à posse de Euclides da Cunha também o presidente da República, Afonso Pena, e seus ministros da Justiça, Augusto Tavares de Lira, e da Viação e Obras Públicas, Miguel Calmon, que foram obrigados a ouvir os ataques do inflamado orador ao governo. Em discurso mais contido do que o de Romero, Euclides abordou a obra poética do patrono da

cadeira, Castro Alves, e de seu professor, Valentim Magalhães terminando seu pronunciamento sobre esse último, de forma intensamente lírica,

No perpétuo desequilíbrio entre o que imaginamos e o que existe, verificamos, atônitos, que a idealização mais afogueada apagam-no-la os novos quadros da existência. Mesmo no recesso das mais indutivas noções, não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no radium, e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil; ou entram, improvisadamente, pelos laboratórios, renascidas, as quimeras transcendentais dos alquimistas...

Assim, “diante da realidade crescente – consoante o dizer do menos sonhador dos homens, Rumford – o nosso espírito está em contato com um maravilhoso que faz empalidecer o de Milton. Imaginai uns tristes poetas pelo avesso; arrebatam-nos também o sonho, mas ao invés de projetarmos a centelha criadora do gênio sobre o mundo que nos rodeia, é o esplendor deste mundo que nos invade e deslumbra”.

Castro Alves foi dos nossos últimos românticos. Depois dele, em todo o período que vem de 1875 até hoje, temos mudado muito e vamos mudando ainda sem que se note uma situação de parada, das que se fazem ao menos para se avaliar quanto se andou.

A inteligência brasileira sentia a ventura radiosa da Cendrillon pompeando o fausto gratuito de uma fantasmagoria simpática. Diante de novos descortinos mais amplos, partiu a cadeia tradicionalista que se dilatara até aquele tempo com Alencar e Porto-Alegre, e atirou-se para a frente quase envergonhada da sua situação anterior, que entrou a desquerer, repulsando os seus melhores nomes, e sugerindo um protesto tranqüilo, laivado de elegante ironia, de alguém que teve o ensejo de a ver naquele momento e de acompanhá-la até hoje, até o instante em que vos falo. Sem alentados dizeres, o mestre, que hoje nos preside e guia, apontou então, sorrindo, os perigos de uma avançada sem bandeiras, à semelhança de uma fuga.

Pelo menos tudo aquilo era ilógico. O espírito nacional reconstruía-se pelas cimalthas, arriscando-se a ficar nos andaimes altíssimos, luxuosamente armados. Os novos princípios que chegavam não tinham o abrigo de uma cultura e ficavam no ar, inúteis, como forças admiráveis, mas sem pontos de apoio; e tornaram-se frases decorativas sem sentido, ou capazes de todos os sentidos; e reduziram-se a fórmulas irritantes de uma caturrice doutrinária inaturável; e acabaram fazendo-se palavras, meras palavras, rijas, secas, desfibradas, disfarçando a pobreza com a vestimenta dos mais pretensiosos maiúsculos do alfabeto.

Valentim Magalhães foi o avesso desses homens. Repitamos: as condições do meio e o seu temperamento arrastaram-no demais para o mundo exterior e para a sua indescritível instabilidade. Ele entregou-se de corpo e alma ao turbilhão sonoro e fulgurante da existência.

Foi o seu grande defeito, dizem.

Mas este defeito – o seu maior defeito – é a mais bela imperfeição da nossa vida: o defeito de viver demais.

(CUNHA, 2009, V. 1, p. 112-128).

Em janeiro de 1907, foi publicado “Contrastes e Confrontos”, pela Livraria Chardon, do Porto (Portugal), com prefácio do filósofo português José Pereira de Sampaio (Bruno). O livro, cuja marca é a heterogeneidade dos temas abordados, continha 28 artigos de O Estado de São Paulo, O Paiz e O Comércio de São Paulo, nos quais Euclides tratava de Amazônia e de

questões históricas, como a Proclamação da República, a deposição do marechal Deodoro da Fonseca e a Revolta da Armada, além de assuntos de política internacional, como a expansão do imperialismo (a Alemanha de Guilherme II e as aventuras imperialistas da Rússia e da Inglaterra no extremo leste da Ásia). Os críticos veem, nesse conjunto de ensaios, um primeiro impulso para a maturidade de escrita de Euclides da Cunha, já despejado da retórica opulenta e dos vícios de linguagem barroca que vicejavam em *Os Sertões*. Têm especial interesse dois ensaios de *Contrastes...*, em que Euclides aborda um tema cadente até os dias de hoje – o mau ou bom manejo da terra, sua posse e as questões que giram em torno das tentativas de recuperação do solo -, antecipando, assim, uma perspectiva sócioecológica: trata-se dos textos “Fazedores de desertos” e “Entre as ruínas”.

No primeiro ensaio, “Fazedores de desertos”, Euclides reafirma não ser surpreendente o natural fenômeno das secas, já que os próprios homens o provocam, há anos. Culpa, ainda, a prática das queimadas como responsável pela destruição do solo, além de alertar para o caráter destrutivo da extração mineral. Critica também a lavoura parasitária e a preferência dos inconscientes agricultores, que:

(...)

Não precisamos acompanhar em todas as fases esse aspecto infeliz da nossa atividade. Notemos apenas que pouco a alteraram as belas criações da indústria moderna, os progressos rápidos da biologia e da química, fornecendo-nos todos os recursos para que se multipliquem as energias do solo. Deixamo-los, de um modo geral, de parte. Persistimos na tendência primitiva e bárbara, plantando e talando. E prolongamos ao nosso tempo esse longo traço demolidor, que vimos no passado.

Demos-lhe mesmo novas feições, consoante novas exigências.

E o que observa quem segue, hoje, pelas estradas do oeste paulista? Depara, de momento em momento, perlongando as linhas férreas, com desmedidas rumas de madeira em achas ou em toros, aglomeradas em volumes consideráveis de centenas de ésteres, progredindo, intervaladas, desde Jundiá ao extremo de todos os ramais. São o combustível único (...)

(CUNHA, 2009, V. 1, p. 88).

No segundo texto, “Entre as ruínas”, Euclides destaca a beleza verde e da riqueza do ciclo do café no vale do Paraíba, apontando para “Os morros escavados, por onde trepa teimosamente uma flora tolhiça de cafezais de oitenta anos, ralos e ressequidos, mas revelando os alinhamentos primitivos; (...)” (CUNHA, 2009, V. 1, p.90); ou remói que “As estradas são ermas. De longe em longe um caminhante. Mas é também um decaído” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 91).; e termina por retratar as ruínas das “... vivendas quadrangulares e amplas, sobranceando as senzalas abatidas (...)” que “... jazam para todo o sempre vazias, até que as destrua o absoluto abandono. Porque o caipira crendeiro, por menos célere que siga e por mais que fustiguem os aguaceiros e os ventos, não para às suas portas” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 92).

O interesse de Euclides por questões eco ambientais faz com que ele aceite a tarefa de prefaciá-lo, em agosto de 1907, a obra *Inferno verde*, livro de relatos amazônicos de Alberto Rangel, publicado no ano seguinte. Em seu prefácio, Euclides propõe uma “guerra de mil anos contra o desconhecido”, que resultará em triunfo ao “... arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa (a Amazônia), onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 593).

Em setembro de 1907, foi publicado o livro *Peru versus Bolívia*, pela Livraria Francisco Alves, com a reunião de oito artigos, publicados no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 9 de julho a 13 de agosto. Euclides, nesses textos, tomou partido da Bolívia contra as pretensões territoriais do Peru, que reivindicava parte do Acre. A questão de limites entre a Bolívia e o Peru, submetida pelo Trabalho de arbitragem de 31 de dezembro de 1902 ao juízo e decisão do governo argentino, perpassa todos os ensaios, dos quais revelam a insistente antipatia de Euclides quanto às morosidades peruanas. *Peru versus Bolívia*, é um importante livro dedicado à história diplomática e à geopolítica, e com pontos de vista bastante originais sobre a fantasiosa cartografia dos primeiros viajantes que adentraram a selva amazônica e tentaram delimitá-la. Euclides acata dialeticamente essas contradições:

Os artigos mapas sul-americanos têm às vezes a eloquência de seus próprios erros. (...) sendo os mais falsos desenhadores do Novo Mundo, foram exatos cronistas de seus primeiros dias. A Figura do continente deformado, quase retangular, com as suas cordilheiras de molde invariável, rios coleando nas mais regulares sinuosas, e amplas terras uniformes, ermas de acidentes físicos, cheios de seres anormais e extravagantes – é certo incorretíssima. Mas o rigorismo fotográfico no retratar uma época. Sem o quererem, os cartógrafos, tão absorvidos na pintura do novo *typus orbis*. Desenhavam-lhe as sociedades nascentes; e os seus riscos incorretos, gizados à ventura, conforme lhos ditava a fantasia, tornam-se linhas estranhamente descritivas. Num prodígio de síntese, valem livro. (CUNHA. 2009, V. 1, p. 330)

Ainda em setembro de 1907, Euclides da Cunha começou a escrever “Um paraíso Perdido”, sobre a Amazônia, cujo título, segundo Tocantins (1978)<sup>47</sup>, remete ao poema épico do londrino John Milton, *Paradise lost* (1667), sobre a desgraça de Adão e Eva no paraíso, fazendo um retrato complexo e simpático a Lúcifer, o anjo decaído. Seria o seu “segundo livro vingador”. Mas a morte prematura de Euclides, três anos depois, iria interromper a redação do livro, cujos originais se perderam. Em carta enviada a Artur Lemos (s/d), Euclides revelava saber que a tarefa de “traduzir” a Amazônia não seria fácil:

“Escreverei Um paraíso perdido, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira”, (CUNHA. 2009, V. 2, p. 979).

---

<sup>47</sup> TOCANTINS, Leandro, *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1978.

Euclides talvez quisesse também atribuir aos seus escritos amazônicos uma dicção épica, fazendo dos seringueiros e índios os protagonistas de uma “odisseia nos tópicos.” Merece atenção a análise de Bernucci (2011) sobre a ambivalência desses escritos não concluídos ou fragmentários de Euclides sobre a Amazônia:

Tivesse ele tido tempo, conforto espiritual e saúde. Euclides indubitavelmente teria escrito outro livro extraordinário sobre a Amazônia, e o seu esforço, então, de ressignificar a complexidade de seu paraíso perdido não teria sido em vão. É assim como o sugerem os seus impecáveis ensaios sobre o tema e é assim como devemos aceitá-lo, tal como ele foi: brilhante, contraditório, vulneravelmente humano e pateticamente trágico”. (BERNUCCI, 2011, p.121)

Um episódio inusitado envolvendo Euclides da Cunha foi o do seu incômodo com a proposta de reforma ortográfica de Medeiros e Albuquerque - o autor da letra do Hino da República -, o que fez descrever com ironia sua opinião em carta a Domício Gama, de 15 de agosto de 1907. Assim como vários intelectuais da época, Euclides taxou de “chiste” a iniciativa do membro da Academia Brasileira de Letras, que se baseava única e exclusivamente em critérios fonético-fonológicos para a padronização do “falar/escrever”, julgando que a supressão de determinadas letras “simplificaria” a língua portuguesa:

Não sei se já aí chegaram notícias da Reforma Orthographica... (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes h h, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!) Realmente, depois de tantos anos de alarmante silêncio, a Academia fez uma coisa assombrada: trabalhou! Trabalhou deveras durante umas três dúzias de quintas-feiras agitadas - e ao cabo expeliu a sua obra estranhamente mutilada, e penso que abortícia. Há ali coisas inviáveis: a exclusão sistemática do y, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga e a eliminação completa do k, do hierático k (kapa como dizemos cabalisticamente na Álgebra)... Como poderei eu, rude engenheiro, entender o quilômetro sem o empertigado k, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, a dominar distâncias? Quilômetro, recorda-me kilometro singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseria polegada. Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres. Mas a discussão foi vantajosa. A importância da Academia cresceu. As suas resoluções estenderam-se ao país inteiro - da rua do Ouvidor à Amazônia, da porta do Garnier ao último seringal do Acre. A próxima eleição, a quem concorrem Jaceguai, João do Rio, Virgílio Várzea, anunciava-se renhida... é o achatado palacete dos cais da Lapa fez-se definitivamente a kaaba (caba, deveria escrever-se pela nova ortografia!!) de todos os neophitos, ou neófitos, literários. (CUNHA, 2009, V. 2, pp. 1.034-5)

Já em em 2 de dezembro de 1907, Euclides profere uma conferência no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo. Os estudantes haviam idealizado a construção de hermas de três antigos alunos da Faculdade do Largo de São Francisco, no século XIX: Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves, ícones da poesia romântica brasileira. Para isso, organizaram as conferências com convidados de renome e ingresso pago. A fala de Euclides centrou-se no poeta de “O Navio Negreiro”, e se intitulava “Castro Alves e seu tempo”. Nela, Euclides ressalta a relevância da obra literária do poeta

baiano e sua linguagem exuberante, com a qual Euclides se identificava. Fez, ainda, um mea-culpa em nome de um tipo de crítico “reportado e sabedor” (CUNHA, 2009, V. 1, p.575), que em sua opinião ficava encastelado entre as “sínteses maravilhosas dos sonhadores” (CUNHA, 2009, V.1, p. 566) e a “nossa inteligência, mais e mais sobrecarregada das impressões que nos rodeiam de perto e chubando-nos cada vez mais à base objetiva das cousas” (CUNHA, 2009, V.1, p. 566). Era um recado muito objetivo, que provocou o rompimento das relações de Euclides com José Veríssimo, que se considerou frontalmente atacado, a ponto de omitir a sua obra da História da literatura brasileira (1916).

Submetendo-lo a uma crítica permanente e cerrada, com as máximas exigências daquilo que chamamos, garbosamente, a nossa personalidade. Sentimo-nos emancipados. Principalmente a construir a ficção de um nome. E não percebemos que algumas vezes, nessa pletera da individualidade, se nos reduz o tipo social, até desaparecer encouchado e comprimido no âmbito estreitíssimo do nosso euzinho, que imaginamos enorme. E lá nos vamos impando os nossos triunfos e as nossas convicções muito firmes, muito embrulhadas, muito duras, en vaidando-se de calçarem os pobres coturnos rasos de uma meia ciência pretensiosa. (CUNHA, 2009, V.1, p. 566)

Euclides da Cunha participou, no ano seguinte, da Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, que consistiu numa grande feira com fins claramente políticos, permeada pela exaltação ao nacionalismo em formação. A Exposição durou meses, e o governo tentou cooptar vários intelectuais e jornalistas da época para registrarem os diversos momentos cívicos, desportivos e comerciais que se prestavam a colocar o Brasil no “mundo moderno”. Euclides esteve apenas uma vez na Exposição, quando discursou, em 22 de agosto, durante homenagem ao político Assis Brasil, em um dos pavilhões da Exposição Nacional.

Em tom de desabafo, envia carta a Oliveira Lima em 1 de setembro de 1908: “transformar-me em orador num banquete”, acrescentando que o Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Miguel Calmon, “... quer - por força - que eu escreva alguma coisa acerca da Exposição. Quer um livro! Imagine esta sobrecarga em cima de tantas preocupações” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 1066). A obra acabou não sendo escrita, mas o simples pedido para que um dos maiores escritores nacionais a redigisse mostra a importância estratégica da exposição para o governo (VENTURA, 2003).

Euclides observou que a exposição, totalmente dedicada ao louvor do progresso, foi organizada no mesmo local onde existiu no passado a Escola Militar da Praia Vermelha (agora, transformada no Palácio das Indústrias) instituição em que se formara e que fora fechada em 1904, após a participação dos cadetes em tentativa de golpe de estado, durante a Revolta da Vacina. Em carta a Oliveira Lima, de 13 de novembro de 1908, Euclides julgava-se “... sem

entusiasmo ante esta Exposição, com grande, a contrastar com a exposição permanente do nosso desfalecimento nacional” (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 390-391)

Euclides participaria ainda do adeus ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, cujo enterro aconteceu em 29 de setembro de 1908. Publicou, em 30 de setembro, no *Jornal do Commercio do Rio*, a crônica “Última visita”, sobre a inesperada homenagem de um anônimo estudante a Machado de Assis. Com a morte de Machado, Euclides conduziu por um breve período a ABL, até passar o cargo de presidente para Rui Barbosa, que acabou assumindo por insistência do Barão do Rio Branco.

Escreveu, em 30 de setembro, o prefácio de *Poemas e canções*, de autoria do genro de Júlio Mesquita, o poeta Vicente de Carvalho, onde expôs, no ensaio “Antes dos versos”, sua concepção da poesia moderna, novamente insistindo na quebra da dicotomia ciência versus arte: “Aos que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeamento decisivo nesta profissão de números e diagramas” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 582). E completava: “É ilusório o rigorismo matemático imposto pelo critério vulgar às formas irredutíveis da verdade” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 582). Para Euclides, é só a partir da idealização da natureza como pátria que o homem moderno poderia driblar os desafios da vida civilizada.

Porque quando nós vamos pelos sertões a fora, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céus, contrafazendo a lira, que eles já usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existência, ... a ouvir estrelas! (CUNHA, 2009, V. 1, p. 584)

Euclides foi envolvido, em novembro de 1908, no “Caso do telegrama nº 9”, incidente diplomático provocado pelo chanceler argentino Estanislau Zeballos, que acusa o Barão do Rio Branco de ter enviado um telegrama cifrado para as representações diplomáticas do Brasil em Buenos Aires, Assunção, Montevideu, La Paz, Santiago, Lima e Washington, com instruções para deflagrar-se uma campanha difamatória contra seu país. Em meio à controvérsia, Estanislau Zeballos acabou sendo afastado de seu posto, o que talvez tenha potencializado sua ira contra o ministro brasileiro das Relações Exteriores. Segundo Ventura (2003), Zeballos fez alusão, na imprensa portenha, sobre cartas trocadas com Euclides, insinuando que ele lhe teria fornecido informações relevantes e sigilosas sobre o conflito entre Peru e Bolívia.

Euclides, então, na iminência de ver-se acusado de traição pelos seus pares na diplomacia do Itamaraty, desafiou o ministro argentino a divulgar sua correspondência, ao



mesmo tempo em que tornou pública a que recebera da “alma danada do Zeballos, o grande cachorrão que tentou enlear-me nas suas traficâncias ou transformar-me em Capitão Dreyfus do Ministério do Exterior!...” O episódio marcou profundamente Euclides, que dizia em carta ao cunhado, Otaviano da Costa Vieira, em de novembro de 1908, ter “uma vida triste de caboclo malcriado e teimoso no seguir uma linha reta no meio das contorções e tortuosidades dos canalhas felicíssimos que o rodeiam” (GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 388).

Essa passagem da vida de Euclides da Cunha no Itamaraty é bastante paradigmática, pois teria sido um dos seus últimos atos na chancelaria brasileira. Desistira de pleitear novos trabalhos ou missões, dado o agravamento de sua saúde. Francisco Escobar até tentara eleger Euclides deputado pelo estado de Minas Gerais, mas a iniciativa não logrou êxito. Em carta a Oliveira Lima (de 13 de novembro de 1908), Euclides, por um lado, se resigna perante o fato, dizendo-se “cada vez mais solitário”, mas não deixa de reafirmar a esperança de que pudesse ter outra serventia. Sua “resignação - é a de todos os que, tendo adquirido uma reputação, às vezes bem falsa, de impulsivos ou inconstantes, não querem aumentá-la com atos que pareçam precipitados. Mas ela não será ilimitada” (CUNHA, 2009, V. 2. p. 1.086).

Também circulavam boatos sobre uma possível nomeação de Euclides como embaixador do Brasil no Paraguai, mas que logo cessaram. O próprio Euclides fala disso com tristeza, na mesma carta a Oliveira Lima:

Para ainda mais entristecer-me – partirá dentro de poucos dias para Assunción o Gastão da Cunha, que na enorme decrepitude desta gente, realizava ainda o grande milagre de ter espírito. Isto me faz o efeito de um despovoamento.(...)  
Então eu considerei, melancolicamente, que a carreira diplomática, entre nós, em a altíssima valia de ser uma carreira diplomática, entre nós, tem a altíssima valia de ser uma carreira... para fora do Brasil. De mim faria tudo para poder dar esta corrida – embora modestamente, com simples engenheiro, para o Waupés ou Tacutu, Mas nem isto conseguirei. (CUNHA , 2009. V. 2, p. 1.086)

Euclides da Cunha, logo depois, em 19 de dezembro de 1908, inscreveu-se no concurso para a cadeira de lógica no Ginásio Nacional. Era o 13.º candidato inscrito, o que considerou de mau augúrio. Novamente, depois de duas frustradas tentativas de lecionar na escola Politécnica de São Paulo, Euclides voltava seu interesse para a perspectiva de um trabalho oficial, fixo e no âmbito do magistério. Um pouco antes, escrevera a Alberto Rangel (em 20 de setembro de 1908), que estava então em Paris, compartilhando com o amigo a ideia de lecionar em alguma instituição na cidade-luz, por indicação dele;

...quem sabe se eu não poderia lecionar a história sul-americana em Paris? No momento em que a civilização visivelmente se desloca para o Novo Mundo, não é talvez, um pensamento muito ousado, este. Entrego-o à tua lucidez e melhor conhecimento das coisas aí. Podes talvez realizá-lo. (CUNHA, 2009, V. 2, p. 1.070)

Euclides resolve, finalmente, encarar o concurso para o Ginásio Nacional. Com a morte do titular da cadeira de Lógica, o professor Vicente de Souza, em 17 de maio de 1909, com outros 14 componentes, a prova escrita sobre o ponto de vista filosófico “Verdade e Erro” . A banca do concurso, por várias vezes mudada (a primeira banca se demitiu, talvez, em virtude dos muitos agravos e políticos que pesariam sobre a nomeação deste ou daquele candidato, que eram muitos e com influentes padrinhos), acabou-se constituindo pelos professores Paulo de Frontin, Raja Gabaglia e Paula Lopes. Comentou, em carta para Oliveira Lima (de 18 de junho de 1909), as dificuldades do concurso de que participou e observou que se encontrava em uma “... situação maravilhosa ... para ver navios! A ver navios! Nem outra coisa faço nesta adorável República, loureira de espírito curto que me deixa sistematicamente de lado (...)” (CUNHA, 2009, V. 2. p 1099). E prosseguia nessa linha de pensamento pessimista, aborrecido com sua situação profissional:

Ninguém lê; ninguém pensa. A mofina literária nacional traduz-se, naturalmente, numa vasta polianteia, a 100 réis por linha, de mofinas. De todo absorvidos no presente, às voltas com seus interessículos, estes homens, tão descuidados do futuro, ainda menos curam do passado; e decerto não escutarão a grande voz do historiador que nos revela uma das fases mais interessantes deste último. Entretanto, quero crer que ainda haverá meia dúzia de espíritos capazes do esforço heroico de um rompimento com tanta frivolidade. E entre estes me alinharei. (CUNHA, 2009, V. 2. p. 1.100)

Euclides da Cunha, porém, acabou sendo nomeado, em 15 de julho, professor de lógica no Ginásio Nacional, graças à interferência, junto ao presidente da República, Nilo Peçanha, do Barão do Rio Branco e do escritor e deputado Coelho Neto. Euclides recebeu, em 21 de julho, a cadeira de lógica de Escagnolle Dória , em seu antigo colega no Colégio Aquino. Devolveu, em 25 de julho de 1909, aos editores Lello & Irmão, as provas de À margem da história, reunião de estudos históricos e de ensaios sobre a Amazônia, que sairia em setembro, mês seguinte à sua morte.

### **3.3 Euclides e o Imaginário da Amazônia**

Euclides da Cunha, procurou compreender o mundo amazônico como ainda não de todo constituído, uma terra virgem e nova no mundo. A partir dessa concepção, o homem é um intruso, pois chegou antes do tempo, gerando uma tensão entre a terra e o homem. Observa então Euclides que “naqueles lugares o brasileiro salta; é estrangeiro, e está pisando em terras

brasileiras...”. (CUNHA, 2009, p. 172). Assinala, a presença marcante do sertanejo nordestino no desbravamento da Amazônia:

(...) o cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, há um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável. (CUNHA, 2009, p. 188)

Euclides concebe a Amazônia como uma terra sem história, onde o homem aparece como intruso, em um cenário ainda virgem. É uma terra ainda em formação e o homem é um estrangeiro naquele universo aquoso (AMORY, 2009). Euclides capta esse contraditório paradoxo do qual a beleza natural contrasta com as relações sociais baseada numa economia que escraviza. Através de uma linguagem crítica, Euclides denuncia essa expressão da barbárie nacional, descrevendo o processo e as relações de trabalho travadas naquele deserto verde.

Euclides faz o elogio do sertanejo, uma espécie de anti-herói, marcado pela tragédia. É o trabalhador solitário, perdido na imensidão amazônica. Euclides cita Dostoiévski tornando a percepção do mundo em que se move o seringueiro

Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoiévski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constringido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada”, de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, ao mesmo ponto de partida. (CUNHA; 1999, p. 36):

No conto Judas-Asvero, Euclides retoma e enaltece a singularidade da nossa nacionalidade, narrando o ritual da malhação de Judas nos arraiais seringueiros, expressa o lado grotesco dos sertanejos espiando suas dores. É um momento catártico de purgação e abstrata possibilidade de redenção. O boneco que desliza sobre as águas montado em seu barco é uma alegoria dos fantasmas que atormentam o cotidiano dos seringueiros em um deserto de onde o próprio Deus se ausentou. A semana é santa enquanto no traidor apóstolo está simbolicamente depositada a violência de que são vítimas aqueles rudes cearenses. E uma possibilidade de fuga da dor do dia-a-dia. “E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes<sup>48</sup>”.

O Judas é o meio do seringueiro transfigurar a fatalidade da existência, convertendo o pesadelo em alegria. Em um contexto onde está bloqueada a possibilidade da organização coletiva, a capacidade de autodeterminação, a santa brincadeira é um consolo para a alma escravizada. No deserto das águas o sertanejo não pode fazer mais que espelhar a sua caricatura, penitenciando-se sorridentemente pelo pecado da ambição. Como assinala Euclides “o

---

<sup>48</sup> Ver CUNHA (2009, V. 1, p. 175).

sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita, que o levou àquela terra...

É a experiência do encontro, da confraternização na dor, da sobrevivência simbólica de uma unidade quebrada pela ambição individual e pelas intrigas que os tornam estranhos entre si - um ritual de reconciliação com a terra distante, de onde foram tangidos pelo inferno das secas. Sempre o fantasma do deserto ante os olhos do sertanejo: no fogo do sol ou no ilusório paraíso das águas.

### 3.4 A margem da história - reencontro com a nacionalidade

Trata-se do trabalho mais maduro de Euclides, que se coloca como narrador-viajante ou porta-voz dos excluídos do “deserto amazônico”, a “terra sem história”, como a denominou logo no primeiro capítulo do livro. Nele, faz uma densa análise das condições de vida miseráveis e do trabalho semiescravo que constrangia os coletores de látex, dispersos pelos afluentes solitários do rio Amazonas. Além do aspecto social, Euclides tece considerações sobre a geografia física do local, dizendo curiosamente sobre o Amazonas que ele é o menos brasileiro dos rios: “Neste ponto, o rio, que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 136).

Além de tratar, em grande parte dos artigos de *À Margem da História*, do comércio de borracha na Amazônia, Euclides fornece numerosos dados estatísticos sobre o período de forte expansão do “ouro branco”, fazendo, ainda, um cuidadoso relato sobre que tribos indígenas teriam sobrevivido ao franco extermínio dos aborígenes, por essa época. Também fez notas sobre os mais destacados exploradores do Purus, dentre eles o coronel Antonio Rodrigues Labre (fundador da cidade de Lábria, às margens do Purus e na terra firme de Amaciari, em 1871) e sobre o notório batedor Manuel Urbano da Encarnação. Sobre a escrita de Euclides da Cunha, em *À Margem da História*, o crítico Frederic Amory aponta que:

(...) pelo direito interacional, que às vezes define extraterritorialidade como a pátria sem terra, a essa ficção jurídica de não posse contrapõe-se uma outra, rudemente física, ou seja, a terra sem a pátria. Em ambos os casos, por uma espécie de ‘imigração telúrica’, a terra abandonou o brasileiro e foi em busca de outros climas. Assim, rio Amazonas (...) ‘traduz, de fato, a viagem incógnita de um território e marcha’ (...).” (AMORY, 2009, p. 362)

Em “Os caucheros”, depois de bradar que “O deserto é um feitor perpetuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numerosa” (CUNHA, 2009, V. 1. p. 171), Euclides da Cunha desfia toda sua ira narrativa contra os peruanos, aludindo ao cadáver de uma índia amahuaca brutalmente assassinada, cujo “corpo desnudo e atrozmente mutilado” fora “lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras”. Segundo Euclides, “Fora morta por vingança” e não “se tratou mais do incidente – coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 174). Célebre, também, é sua descrição sobre um índio que morria sozinho de malária em Shamboyaco, esquecido pelos “amigos” como se fora uma mera peça de borracha:

Num dos casebres mais conservados aguardava-nos ultimo habitante. Piro, amauaca ou campa, não se lhe distinguia a origem. (...) inchado pelo impaludismo, (...) pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta coisa indefinível – que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos ás perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso:

- Amigos.

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta.” (CUNHA, 2009, V. 1 pp. 174-5)

Em Margem da História, Euclides da Cunha destaca duas passagens que integram a primeira parte do livro, que relaciona a trajetória de construção do livro, com a apresentação dos personagens. Na primeira passagem, extraída do tópico “Impressões gerais”, Euclides descreve a “conta de venda de um homem”:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num gaiola qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dous pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dous carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talhe de machadinha, ainda é o brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000 (CUNHA, 1995a, V. 1, p. 259).

Na segunda passagem, Euclides destaca um outro tópico intitulado “Um clima caluniado”, integrante também da primeira parte de *À margem da história*:

Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889- 1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agigantes consignados à morte. Mandavamos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem... E não desapareceram (CUNHA, 1995a, v. 1, p. 276).

Na primeira passagem, Euclides vai se referir ao homem que, levado “ao paraíso diabólico dos seringais”, se depara com “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo”: o sertanejo-seringueiro “é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 1995a, v. 1, p. 258). Já na segunda passagem, Euclides destaca as informações que colhe sobre as datas das secas, as doenças que infestam os famintos e moribundos das cidades do litoral e a missão conferida a eles pelo poder público. Euclides, ao mesmo tempo que acentua a bravura dessa gente da Amazônia, recola o desafio em sobreviver num ambiente bucólico e inóspito.

A pujança dos ensaios de *À margem da história* (1909) deve-se ao fato de Euclides ter podido neles revisitar os mesmos nordestinos com quem dialogou na construção dos perfis coletivos em *Os sertões* (1902). E lá estão eles, principalmente os cearenses, de novo envoltos em inéditos projetos civilizatórios para a nação, à custa de sua própria desgraça. Na descrição do narrador sincero de Euclides, o nordestino, depois sendo negociado, como carga humana, junto com partidas de borracha, entre os seringais do Alto Purus.

São, todos esses homens, presos pela “ambição maldita” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 176), tipificados por Euclides em “Judas-Ahsverus”, no qual novamente se faz ouvir a “voz vingadora” que a ecoaria de *Os Sertões* até *À margem da história*: ao seringueiro resta “seguir, impassível e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 176). O Judas euclidiano é errante e aquele que vai na contramão de toda a lógica civilizatória: “Caminha, desgraçado!” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 179). Feito à imagem e semelhança do seringueiro, desce o rio Purus com a missão de juntar-se a outro judas, “ao

alcance máximo da trajetória dos rifles”, “fantasmas vagabundos penetram nestes amplos recintos de águas mortas, rebalsadas; (...)” em “estranho conciliábulo, agitadíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 189). Euclides, revela esse outro lado dessa “região ignota” do Norte do Brasil, onde “... cem mil sertanejos, ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heroico: dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 159).

Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidade do literal se enchiam em poucos semanas de uma população adventícia de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, ás carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados á morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. (...) Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecem... E não desaparecem.” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 159)

A aventura amazônica, além de significar a realização do interesse de Euclides em ampliar a compreensão dos problemas do interior do Brasil. Pretendia mostrar à nação o homem e a terra da Amazônia, a exuberância e a extrema aridez da natureza, o drama de uma região em muitos pontos semelhante aos sertões do Nordeste (TOCANTINS, 1992).

Portanto, a interpretação da história e da cultura brasileira na pena de Euclides da Cunha tem nos ensaios que compõem “À margem da história” um momento significativo. Conjunto de textos concluído em 1908 e publicado postumamente -em setembro de 1909-, o livro contém uma amostra dos escritos amazônicos, a primeira parte: terra sem história; a segunda e a terceira partes -alguns ensaios de natureza histórica- e uma quarta parte contendo uma reflexão de caráter astronômico, “Estrelas Indecifráveis”, cruzando elementos da tradição religiosa com a observação científica acerca do comportamento dos astros. Esta coletânea é um desdobramento dos fundamentos postos na escritura d’Os Sertões na aventura literária pela configuração da brasilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese procurou investigar a existência de um pensamento político de Euclides da Cunha na perspectiva do seu itinerário, procurando revelar algum traço evolutivo da sua produção intelectual no período de 1883 a 1909, que pudesse oferecer pistas para compreensão das suas concepções sobre a formação do Estado e Nação no Brasil da primeira república. Como primeira conclusão, está o fato de que a vida intelectual de Euclides é o resultado das reações ao seu tempo, sobretudo no que concerne ao contexto das transformações sociais e políticas brasileiras desse período pós-colonial e emergência de uma democracia republicana. Neste caso, não conseguimos evidências suficientes para enfatizar que a trajetória intelectual de Euclides é resultado de um profundo processo de amadurecimento teórico. Pelo contrário, a adesão de Euclides a diferentes matrizes ideológicas é reflexo das suas inúmeras e variadas leituras, somados às suas experiências cotidianas no contato com as contradições da realidade brasileira.

Diante dessa constatação inicial, a pesquisa aponta na direção da existência de um pensamento político de Euclides da Cunha, fundado na ideia de um intelectual em progresso, marcado por um certo “ecletismo teórico”, no qual, a busca por leis positivas que regem a sociedade está sempre presente. Assim, compreender a natureza do itinerário intelectual de Euclides, implicou em revelar os impactos que as tendências filosóficas europeias do século XIX, exerciam sobre o seu espírito inquieto, indagador e desejoso. No entanto, a despeito da relativa confusão resultante do alinhamento de posições ideológicas tão diversas, em que se mistura às variações do evolucionismo, positivismo o socialismo revolucionário, Euclides buscou apreender uma solução para os problemas brasileiros, absorvendo com maior ou menor profundidade tendências do pensamento do final do século XIX e começo do XX.

Encontramos em nossa pesquisa inúmeras evidências que permitem apontar Euclides da Cunha como signatário de um estilo periférico de redação, no qual seus escritos revelam em relação ao diagnóstico do atraso, da barbárie, do progresso, da civilização e do desenvolvimento. Essas características, impuseram a Euclides essa obsessão pela busca da modernidade para superação dos problemas brasileiros, se valendo para isso, das ideologias e experiências históricas europeias. Nesse sentido, ao falarmos na existência de um pensamento político de Euclides, reafirmamos as contribuições de seus escritos políticos, uma vez que texto e contexto dialogam com o momento político que o Brasil estava passando nesse período.



Euclides absorveu as referências teóricas de autores e correntes como o Determinismo de Taine, o Evolucionismo de Spencer, o Darwinismo racial, o Positivismo de Comte e Littré, a visão do herói de Thomas Carlyle, para quem a história era feita graças à ação dos grandes homens. A predileção de Euclides pela Matemática e seu alinhamento ao positivismo de Auguste Comte, consolidou sua crença no progresso técnico-científico, como única alternativa para transformar a realidade social brasileira. As lutas contra a escravidão e a monarquia, a adesão aos princípios liberais e democráticos completam o quadro de referências que orientam a ação inicial de Euclides da Cunha.

Por outro lado, no pensamento de Euclides de Cunha o evolucionismo orientou suas teses partindo do pressuposto que a mudança na estrutura social só poderia se efetivar através de mudanças nas condições físicas e ambientais, orientado unicamente na direção do movimento civilizador do Estado. A fusão entre arte e ciência é a marca fundamental dos escritos de Euclides, revelando o exercício de sua própria profecia, quando afirma, em carta a José Veríssimo, “O consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano (...) o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo”. De fato, sua escrita é atravessada por contradições no conteúdo e na forma, onde o imperativo da sua formação determinista, choca-se com o romantismo do poeta, que por sua vez, perpassa pela sensibilidade social.

As análises dos escritos políticos de Euclides da Cunha só podem ser compreendidas se considerarmos o fato dele ser um intelectual cujo caráter teve a marca de ser um homem de “linha reta”, vocacionado aos princípios de justiça, onde as qualidades morais orientaram a construção ideológica em torno um intenso idealismo, marcado por um forte sentimento de patriotismo e nacionalismo quanto ao futuro do Brasil. Com o passar dos anos, muitas daquelas crenças foram abandonadas. Daí a crítica ao filhotismo, ao apadrinhamento, à troca de favores patrocinados pela República, ao descaminho oficialista do velho mestre Benjamim Constant, ao próprio representante máximo do Positivismo. Suas contradições comprometiam seu status de “homem de linha reta”. Reproduzia para a sua vida profissional, aquilo que combatia e criticava nas pessoas. Se por um lado, não se efetivou sua candidatura a deputado federal por Minas Gerais no ano de 1908, a convite de seu grande amigo Francisco Escobar, por outro, lutava para ter um papel mais direto na confecção dos destinos da República. Esse aspecto é revelador da contradição moral e ética de Euclides, uma vez que se vale de ações de apadrinhamento para se manter em evidência, seja como jornalista em Canudos, como chefe da

expedição da Amazônia, como cartógrafo do Itamaraty e de professor Colégio Ginásio Nacional.

Euclides conseguiu traçar um esboço de nacionalidade, contornando uma forma de representação do Brasil. Em seus escritos pode-se perceber traços da formação da identidade brasileira seja na caracterização dos tipos humanos, no estudo de situações históricas ou nas reflexões em torno de figuras significativas no contexto das relações de poder. No entanto, Euclides, apesar de toda a notoriedade, não consegue superar o dilema da vida pessoal com o da vida profissional. É por isso que concordamos com Sevcenko (2003), quando ele vai informar que Euclides foi excluído das principais esferas decisivas do recente regime político, obrigando-o a criar estratégias de reação que fazia combate permanente através de suas obras, transformando-as em “um instrumento de ação pública e de mudança histórica” (SEVCENKO, 2003, p. 56). Euclides engrossou as fileiras dos intelectuais considerados “escritores-cidadãos”, aqueles que objetivavam conhecer a fundo a realidade do nosso país para, só depois desse processo de imersão sociocultural, criarem-se maneiras de transformar a nossa realidade de maneira consciente. Certamente, *Os Sertões*, é o exemplo mais cabal dessa assertiva.

Nesse sentido, concordamos também com Lynch (2019), onde, em recente artigo publicado no livro - “Pensamento Político Brasileiro - temas, problemas e perspectivas” - vai apontar Euclides da Cunha, como pertencente a uma tecnocracia ilustrada a serviço da “ação progressista do governante”, e que essa característica se manifestaria de forma particularmente aguda nos engenheiros. A esse respeito, Santos (2002), ao reeditar seu artigo, faz um minucioso levantamento das obras que construíram a “imaginação política e social brasileira” no período entre 1870-1965, afirma que é “na República que iremos encontrar análises complexas sobre a organização política e social brasileira (...) as inter-relações entre sua estrutura econômica e social e sua estrutura política, os problemas da oligarquização política...” (SANTOS. 2002. p. 43). Assim, Euclides da Cunha foi quem introduziu na imaginação política brasileira a profunda ambiguidade do conceito “Sertão”. Seu legado político, obrigaram o Brasil republicano a contemplar, entre surpreso e temeroso, o gesto preliminar e fundador com que o mundo rural silencioso, analfabeto, destituído de direitos e mergulhado em formas de trabalho semi-servil, tratou de forçar o país a enxergar, quem sabe, pela primeira vez, a instituição trágica de sua própria história.

Quando se analisa a obra *Os Sertões* na perspectiva do pensamento político brasileiro, Euclides se destaca pelo “estilo dicotômico” e a narrativa dos dois Brasis, se debruçando sobre o problema da nacionalidade. Com isso, ao produzir um fiel retrato da nossa nacionalidade para

além do contexto ao qual foi escrito, Euclides sinaliza para uma questão muito maior – o fosso que separa o Estado da Nação. Nesse caso, vale dizer que o pensamento político de Euclides destoa no universo de autores de linhagem nacionalista, porque revela com profunda intensidade, as contradições sociais e políticas do Brasil daquele período.

Euclides da Cunha foi um intelectual que saiu do mundo litorâneo - pela coerência ética, pela força do idealismo em busca de realização e reconhecimento. Tangido para o interior do Brasil da sincera defesa de um modo de pensar o comportamento do Estado em situações de conflitos; como tenente jornalista adido ao Ministro da Guerra no conflito de Canudos; no trabalho de engenheiro em São José do Rio Pardo na virada do século; nas disputas de fronteiras da Amazônia em 1905. Seu pensamento é tensionado entre as raízes fincadas na Escola Militar e na tradição positivista-naturalista e um marcante senso de justiça que o aproxima da cosmovisão socialista a veemente condenação das condições de trabalho na Amazônia. Mas sua perspectiva é marcadamente idealista; irrealizável seu socialismo na medida em que preserva traços marcantes de uma tradição aristocrática e elitista. Trata-se de um socialismo fundado em reformas e não na substancial transformação da materialidade da existência coletiva pela afirmação da plena igualdade de todos os humanos.

Euclides deve ser considerado como dotado de um comportamento ético obsessivo, desejando ardentemente ser um “homem de linha reta”, mas que não conseguiu fugir a uma série de contradições decorrentes da compreensão, muitas vezes superficial, de tendências filosóficas que se punham diante do seu espírito inquieto, indagador e desejoso de se ajustar permanentemente às novas realidades da ciência e das teorias sociais. Euclides buscou apreender com grande honestidade a natureza das transformações que marcaram o seu tempo, absorvendo com maior ou menor profundidade tendências do pensamento do final do século XIX e começo do XX. Euclides foi o intelectual republicano, consagrado como importante intérprete da nacionalidade, espécie de bandeirante da alma nacional na medida em que desbravava sertões e seringais amazônicos, revelando as contradições e os problemas da nação brasileira daquele período. Sua obra principal, *Os Sertões*, permanece como enigma, labirinto a desafiar a inteligência nacional: “decifra-me ou devoro-te”. Embora combatesse diferentes formas de fanatismo, como homem avesso aos emblemas da religião, foi ele também um fanático - do ideal republicano e, principalmente, pela ciência positivista.

## REFERÊNCIAS

- AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma odisseia nos trópicos**. (Trad. Geraldo Gerson de Souza). São Paulo. Ateliê editorial. 2009.
- ANDERSON, Benedict, **Comunidades Imaginadas**, São Paulo, Cia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Olímpio de Souza. **História e Interpretação de Os Sertões**. São Paulo: EDART, 1966.
- ARARIPE JÚNIOR. Os Sertões (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha). In: NASCIMENTO, José Leonardo do; FACIOLI, Valentim (Orgs.). **Juízos críticos: Os Sertões e os olhares da sua época**. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003. p. 55-86.
- ARAÚJO, Cícero. Um “giro linguístico” na história das ideias políticas. In: POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2013.
- ARAUJO SÁ, Antônio Fernando de. **Canudos plural: imagens em movimento do sertão em guerra**. ArtCultura, Uberlândia, v.10, n.17, p.205-219, jul.-dez. 2008.
- ATHAÍDE, Helio. **Atualidade de Euclides da Cunha: vida e obra**. Rio de Janeiro. Editora Presença. 1989.
- BASTOS, Abgaur. **A visão histórico-sociológica de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.
- BASTOS, E. R. e REGO, W. D. L., **Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso**. Ed. Olho D`água, 1999.
- BASTOS, Élide Rugai. **Gilberto Freyre e seu tempo: contexto intelectual e questões de época**. Sinais Sociais, v. 01, n. 01, 2006.
- BERNUCCI, Leopoldo Marco. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BERNUCCI, Leopoldo Marco. **Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os Sertões**. Revista USP, São Paulo, n° 54, p. 6-15, jun. ago. 2002.
- BERNUCCI, Leopoldo Marco. **Os Sertões – Campanha de Canudos**. São Paulo. 4ª edição. Ateliê editorial.2009.
- BIGNOTTO, Newton. **Matrizes do republicanismo**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2013.
- BIGNOTTO, Newton. **Pensar a República**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2008.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília; São Paulo, UnB; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

BRAGA, Robério. **Euclides da Cunha no Amazonas**. Manaus. Valer/Fundação Lourenço Braga. 2002.

BRANDÃO, Adelino. **Euclides da Cunha – Bibliografia comentada (1884-2001)**, Jundiaí-SP, Ed. Literarte, 2001.

BRANDÃO, Adelino. **Paraíso Perdido – Euclides da Cunha – Vida e Obra**, São Paulo, Ed. Ibrasa, 1996.

BRANDÃO, Adelino. **Euclides da Cunha: vida e pensamento**. São Paulo. Martin Claret. 1997.

BRANDÃO, Gildo M. **Linhagens do Pensamento Político Brasileiro**. São Paulo: Hucitec, 2007.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Seis interpretações sobre o Brasil**. Dados – Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 03, 1982.

BURKE, Edmund, **Reflexões sobre a Revolução Francesa**. Brasília, UnB, 1997.

CALAZANS, José. **Euclides da Cunha nos jornais da Bahia**. Revista de Cultura da Bahia, Salvador, n° 4, p. 47-50, jul. dez. 1969.

CÂNDIDO, Antônio. **Radicalismos**. São Paulo: Estudos Avançados. v. 4, n.8. 1990.

CARDIM, C. H., ALMINO, J. **Rio Branco: A América do Sul e a modernização do Brasil**. Rio de Janeiro: EMC Edições. 2002.

CARDOSO, Sergio (Org). **Retorno ao republicanismo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004.

CARDOSO, Vicente L. **À Margem da história da república**, Tomos I e II, Brasília: Ed. UnB, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. Rio de Janeiro: Cia das Letras. 3ª ed. 2015.

CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil Republicano, volume 2: sociedade e instituições (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 181-234.

CASTRO, Celso, **Os militares e a república: Um estudo sobre a cultura e a ação política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

CEPÊDA, Vera Alves. **Reflexos de Os Sertões no pensamento social brasileiro**. Universitária (Associação de Ensino Marechal Cândido Rondon), Araçatuba - São Paulo, v. 1, n.1, p. 66-73, 1997.

CEPÊDA, Vera Alves. **Editorial – Apresentação**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política. vol. 24, n. 1, p. 1-2, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/423/291>.

COELHO NETO. Feições do homem. In: RANGEL, Alberto et al. Por protesto e adoração: in memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Gremio Euclides da Cunha, 1919. p. 87-100. 339

COELHO NETO. **República**. São Paulo: Revista Lua Nova. n. 51, 2000.

COHN, Amélia (Org). **Pensar o Brasil**. São Paulo: Revista Lua Nova. n. 54, 2001.

CONDORCET, Marquês de, **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas, UNICAMP. 1993.

CONSTANT, Benjamin. **Escritos de Política**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CONSTANT, Benjamin. Euclides e Os Sertões: entre a literatura e a história. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **O clarim e a oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 157-188.

CONSTANT, Benjamin. Trauma e história na composição de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha**: releituras e diálogos. São Paulo: UNESP, 2002. p. 41- 62.

COSTA, Caio Tulio. **O que é o anarquismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, Emília Víotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 7.ed., 1999.

COUTINHO, Afrânio (Org). **Euclides da Cunha: Obra completa**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Aguilar. 1995.

COUTINHO, Afrânio (Org). **Caderneta de Campo. Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade**. São Paulo: Cultrix, 1975.

COUTINHO, Afrânio (Org). **Ondas**: primeiras poesias de Euclides Cunha. Rio de Janeiro: [s.n.], 1883.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa: em dois volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CUNHA, Euclides da. **A Margem da História (1909)**, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**, Rio de Janeiro, 1965.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2002

CUNHA, Euclides da. **Peru versus Bolívia**, Rio de Janeiro, 1979.

CUNHA, Euclides da. **Ondas**. São Paulo. Martin Claret. 2005.

FACIOLI, Valentim Aparecido. **Euclides da Cunha: a gênese da forma**. 1990. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

FALCON, Francisco. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 91-125.

FAORO, Raimundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** Rio de Janeiro: Ática, 1987.

FERES Jr, João, JASMIM, Marcelo, **História dos Conceitos: Diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Ed. Loyola. IUPERJ. 2007.

FERES Jr, João. **Léxico da história dos conceitos políticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: EDUSC, 1998.

FONTANA, Josep. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

FONTANA, Josep. Entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: UNESP, 2000. p. 269-306.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

FREIRE, Felisbelo, **História Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil**. Volume I. Brasília, UnB, 1983.

FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha. In: FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 17-69.

FREYRE, Gilberto. **Nação e exército**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 1949.

FURET, François, **Pensando a revolução francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FÜRSTENAU, Vera Maria. **O acervo de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional**. Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP; Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

GALOTTI, Oswaldo. **Biblioteca de Euclides da Cunha**. São Paulo: [s.n.], 1984.

GALVÃO, W. N. **Crônicas de uma tragédia inesquecível: Autos do processo de Dilermando de Assis, que matou Euclides da Cunha**. São Paulo. Editora Albatroz, 2007.

- GALVÃO, W. N. **Euclidiana**: Ensaio sobre Euclides da Cunha. São Paulo. Cia das Letras. 2009.
- GALVÃO, W. N. **Euclides da Cunha**. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial; Campinas, UNICAMP, 1994. p. 615-633. 340
- GALVÃO, W. N. Euclides, elite modernizadora e enquadramento. In: GALVÃO, W. N.(Org.). **Euclides da Cunha**. São Paulo: Ática, 1984. p. 7-37.
- GALVÃO, W. N. **Euclides da Cunha - História**. São Paulo: Editora Ática. 1984.
- GALVÃO, W. N. **Gatos de outro saco**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GALVÃO, W. N. e GALOTTI, O. **Correspondências de Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp, 1997.
- GÁRATE, Miriam V. **Civilização e Barbárie n'Os Sertões**: entre Domingos Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha. Campinas; São Paulo: Mercado das Letras; FAPESP, 2001.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança de Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). O Brasil monárquico: do Império à República. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, t. 2, v. 5).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de; FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. v. 7. São Paulo: Bertrand Brasil, 1955.
- HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Abril, 1978.
- HUME, David, **Ensaio político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JASMIN, Marcelo Gantus, **História dos Conceitos e Teoria Política e Social: Referências Preliminares**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 57, 2005.
- JASMIN, Marcelo Gantus, e FERES JR. João. **História dos Conceitos: Dois Momentos de um Encontro Intelectual**. In: Idem (org). *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.
- IANNI, Octavio, **Pensamento Social no Brasil**. Bauru-SP: Edusc/Anpocs, 2004.
- IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Nova Fronteira; UFMG, 2000.
- LEÃO, Antônio Carneiro. **Victor Hugo no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- LEMONS, Renato. **Benjamin Constant: Vida e História**. Rio de Janeiro. Editora Topbooks. 1999.



- LESSA, Renato. **A invenção republicana. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira.** Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1998.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos de história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 167-182. 352
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996. p. 141-184.
- LEVINE, Donald N. **Visões da tradição sociológica.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. **Euclides da Cunha: Contrastes e Confrontos do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. Petrobras, 2000.
- LIMA, Luiz Costa. Nos Sertões da oculta mimesis. In: LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: Razão e imaginário no Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 201-241.
- LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota: a construção de Os Sertões.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LIMA, Nisia Trindade. **Um sertão chamado Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Revan/IUPERJ. 1999.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.
- LORIGA, Sabina. A Democracia como Problema: Pierre Rosanvallon e a Escola Francesa do Político. In: ROSANVALLON, Pierre. **Por uma História do Político.** Tradução de Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo:Alameda, 2010.
- LORIGA, Sabina. **O Momento Monárquico: O poder moderador e o pensamento político imperial.** Tese de Doutorado. IUPERJ. 2007.
- LORIGA, Sabina. **Teoria Pós-colonial e Pensamento Brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955).** Salvador: Caderno CRH. v. 28, n. 73. Jan./Abr. 2015
- LYNCH, Christian E. C. Pensamento político: conceito, história e estado da arte. In: **A Ciência Política no Brasil – 1960-2015.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- LYNCH, Christian E. C. **O pensamento conservador iberoamericano da era das independências.** São Paulo: Lua Nova, 2008.
- LYNCH, Christian E. C. **Porque Pensamento e não Teoria? A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970).** Rio de Janeiro: Dados. v. 56, n. 04, 2013.
- LYNCH, C. E. C., SOUZA, E. S. T. de, CAMISSIMIRO, P. H. P. **Pensamento Político Brasileiro: temas, problemas e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora Appris. 2019.

MAGALHÃES, R. M., e PEREIRA, S. F. R. (Orgs), **Campanha Civilista: correspondência e estudos**, Rio de Janeiro, Fundação Casa Rui Barbosa, 2012.

MAIA, João M. E. **A terra como invenção: O espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Edit. 2008.

MASCHIETTO, Cármen C. T. **A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória**. São Paulo; Rio de Janeiro: Arte & Ciência; UNIRIO, 2002.

MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOTA, Lourenço. **Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora Três, 2001.

MOURA, Clovis. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

NETO, José Maia B. & GUZMÁN, Décio de A (Org.). **Terra Matura – Historiografia & História Social na Amazônia**. Belém., 2002.

ORTIZ, Renato, **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.  
PAIM, Antonio (org). **O Apostolado Positivista e a República**. Brasília, UnB. 1982.

PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: o homem e a obra. In: PEIXOTO, Afrânio. **Poeira na estrada**. São Paulo: Nacional, 1944. p. 9-44.

PENNA, L. A., **O Progresso da Ordem: O florianismo e a construção da República**. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2008.

PIZA, Daniel. **Amazônia de Euclides da Cunha: Viagem de volta a um paraíso perdido**. São Paulo: Ed. Leya, 2010.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2013.

PONTES, Eloy. **A vida dramática de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 1938.

RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.

ROSSO, Mauro, **Escritos de Euclides da Cunha: política, ecopolítica, etnopolítica**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2009.

PRADO, Maria Emilia. **Intelectuais e Ação Política**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2011.

QUEIROZ, Suelly Robles Reis de. **Os radicais da República. Jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Evolução do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.

RAMOS, Alberto G. **O problema nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1960.

- RAMOS, Alberto G. **O processo da sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1953.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A República**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Vol. 5. José Olympio. 1943.
- ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Editora Alameda, 2010.
- SAID, Edward. A esfera do humanismo. In: SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, Wanderley G., **Roteiro Bibliográfico do Pensamento Político-Social Brasileiro (1870-1965)**, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. UFMG, Casa de Oswaldo Cruz, 2002.
- SANTOS, Wanderley G. LYNCH, Christian E. C. **Imaginação política brasileira: cinco ensaios de história intelectual**. Rio de Janeiro. Ed. Renavan. 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SILVA, E., NEVES, G. R., MARTINS, L. B. **Euclides da Cunha: Conhecimento como condição à construção do país**. Brasília: Editora Fundação Ulysses Guimarães. Coleção O Pensamento Político Brasileiro. v. 5, 2012.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In: SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas: Papirus, 2002. p. 11-27.
- SILVA, Ivone. M. F. **Questão social e serviço social no Brasil: Fundamentos sociohistóricos**. Cuiabá-MT: Editora UFMT, 2008.
- SILVA, Paulo Santos. **Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- SILVA, Ricardo. **O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo**. Rio de Janeiro: Dados – Revista de Ciências Sociais, v.53 n. 2, 2010.
- SIMÕES, David Soares. **Pensar o pensamento: síntese de uma proposta de investigação**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política. PPGPol-UFSCar. v. 24, n. 1, p. 3-11, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/tp.24105>.
- SIMÕES, David Soares. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SKINNER, Quentin. **Liberdade antes do Liberalismo**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

SKINNER, Quentin. **Visões da Política**: sobre os métodos históricos. Tradução de João Pedro George. Lisboa: DIFEL, 2005.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O processo político partidário na Primeira República. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em Perspectiva**. São Paulo: DIFEL, 1971.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. **A Geopoética de Euclides da Cunha**. São José do Rio Pardo: Casa de Cultura Euclides da Cunha, 2003.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. “**A Nossa Vendéia**”: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação de identidade cultural no Brasil (1897-1902). São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 31, p. 129-145, 1990.

TOCANTINS, Leandro, **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

VARELA, L. N. F. **Poesias completas de L. N. Fagundes Varela**. Org. Miécio Táci e Carrera Guerra. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha e a República**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275- 291, jan. abr. 1996.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha**: ensaio biobibliográfico. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1931.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Retrato Humano. In: BRANDÃO, Adelino. **Euclides da Cunha**: vida e pensamento. São Paulo: Martin Claret. 1997.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha**: esboço biográfico. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

VENTURA, Roberto. **Os Sertões**. São Paulo: Publifolha. 2002.

VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma Expedição” e a construção de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha**: releituras e diálogos. São Paulo: UNESP, 2002.

WEFFORT, Francisco C. **Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens**. São Paulo: Ática, 2006.

XAVIER, A. F. ASSIS, Machado de. “A nova geração”. In ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Companhia José de Aguiar Editora, 1973.

ZILLY, Berthold. **Euclides da Cunha na Alemanha**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, nº. 26, p. 329-350, jan. / abr. 1996.

ZILLY, Berthold. **Sertão e nacionalidade**: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Estudos Sociedade e Agricultura, 1999.

**ANEXO - Síntese cronológica do itinerário intelectual de Euclides da Cunha****1883**

No exame de Latim, Euclides é reprovado em primeira época. Aos 18 anos de idade, é matriculado no Colégio Aquino, onde faz exames de Geografia, Francês, Retórica e História.

**1884**

Euclides publica no Colégio Aquino os primeiros artigos no jornal O Democrata, fundado por ele e seus colegas.

**1885**

Aos 20 anos de idade, Euclides presta exames na escola Politécnica do Rio de Janeiro e é admitido.

**1886**

Em 20 de fevereiro, aos 21 anos de idade, assenta praça na Escola Militar da Praia Vermelha, sendo aluno de Benjamin Constant, conhecido positivista.

**1887**

Euclides colabora na Revista da Família Acadêmica.

**1888**

Episódio do sabre (4 nov.). Em visita às tropas, o conselheiro Tomás Coelho e o Senador Silveira Martins chocaram-se com um cadete indisciplinado de 23 anos que tentava quebrar a lâmina do sabre e, provavelmente, protestava contra o regime monárquico diante suas presenças. Euclides é levado ao médico e interrogado. O episódio causa polêmica na imprensa. O Imperador decide trancar a matrícula de Euclides. Euclides colabora, com a série “A Pátria e a Dinastia”, no jornal A Província de São Paulo.

**1889**

Euclides presta exames na Escola Politécnica e é aprovado. Encerrando sua colaboração n’ A Província de São Paulo em 22 de maio, escreve para a Gazeta de Notícias. No dia 15 de

novembro irrompe o movimento da Proclamação da República. Euclides é readmitido na Escola da Praia Vermelha como alferes-aluno.

### **1890**

Aos 25 anos de idade, Euclides matricula-se na Escola Superior de Guerra, atingindo o posto de segundo-tenente em abril. A Assembleia Constituinte inicia seu trabalho. Decreto cria a política financeira do “Encilhamento”.

### **1891**

Euclides completa o curso da Escola Superior de Guerra. Insurreição republicana no Porto e em Lisboa (31 jan.). É promulgada a Constituição. Com a renúncia de Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto assume a presidência (23 nov.). Morre Benjamin Constant.

### **1892**

Euclides é promovido a primeiro-tenente de Artilharia e designado para coadjuvante de ensino teórico na Escola Militar. Podendo pedir a Floriano Peixoto um cargo em qualquer esfera do governo, Euclides decide o que a lei designa para os recém-formados: estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 11 de novembro, nasce Solon Ribeiro da Cunha, filho de Euclides e Saninha.

### **1893**

É designado para servir na Estrada de Ferro Central do Brasil. Nasce Solon, o primeiro filho de Euclides e Anna. Irrompe a Revolta da Armada (6 set.). Euclides dirige as obras de fortificações das trincheiras da Saúde.

### **1894**

Incidente do jornal O Tempo. Respondendo ao senador cearense João Cordeiro, que desejava penas severas aos adversários políticos, Euclides escreve duas cartas para a Gazeta de Notícias, em que defende o Estado democrático e a não violência. Euclides assume diretoria de obras militares.

### **1895**

Euclides é visto com desconfiança pelos legalistas. Por isso, é “exilado” para Campanha, Minas Gerais, onde constrói e inaugura a estrada de ferro. Viaja pelo interior de São Paulo como

Superintendente de Obras Públicas do Estado, cargo exercido até 1903. Nasce Euclides Filho, seu segundo filho de Euclides com “Saninha”.

### **1896**

Euclides é reformado do Exército em julho e nomeado engenheiro-ajudante de 1ª classe da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Primeira expedição contra Canudos (novembro), com cem soldados, comandada pelo Ten. Pires Ferreira.

### **1897**

Euclides escreve dois artigos sob o título “A nossa Vendéia”, comparando os combatentes da Guerra de Canudos (conselheiristas) aos revoltosos da Vendéia. Júlio de Mesquita, do jornal O Estado de S. Paulo, convida-o para acompanhar a campanha de Canudos como correspondente. Nomeado adido ao Estado-Maior do Ministério da Guerra, Euclides segue para Canudos, chegando em 16 de setembro.

### **1898**

Euclides começa a elaborar e publicar Os Sertões no artigo “Excerto de um livro inédito”. Euclides continua a trabalhar como engenheiro em São Paulo.

### **1899**

Euclides começa a reconstrução da ponte de São José do Rio Pardo, onde escreve a maior parte de Os Sertões.

### **1900**

Euclides termina Os Sertões em maio e a ponte sobre o rio Pardo.

### **1901**

Euclides muda-se para São Carlos (interior de São Paulo). Nasce, em São José do Rio Pardo, Manuel Afonso Albertina, o terceiro filho de Euclides. Manuel Afonso seria o único a deixar descendentes.

### **1902**

Euclides muda-se com a família para Lorena, onde continua trabalhando como engenheiro (jan.). Aos 37 anos de idade, Euclides publica Os Sertões pela Laemmert & Cia (dez.).

**1903**

Em dois meses, esgota-se a primeira edição de *Os Sertões* (fev.). Em julho, publica a segunda edição. Falece Valentim Magalhães no Rio de Janeiro, com 44 anos (17 maio). Euclides é eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Valentim Magalhães (21 set. ) e toma posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (20 nov.). Euclides pede demissão da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo.

**1904**

Euclides é nomeado chefe de seção da Comissão de Saneamento de Santos. Percorre Santos e Guarujá. Ele pede demissão do cargo. Por intermédio de amigos, Euclides (40 anos de idade) é nomeado Chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus para auxiliar no litígio de fronteira entre o Brasil e o Peru.

**1905**

Euclides parte de Manaus em 5 de abril. Após a aventura nas cabeceiras do rio Purus, ele volta a Manaus em 16 de dezembro.

**1906**

Euclides volta ao Rio de Janeiro como adido ao gabinete do Barão do Rio Branco e publica o Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Euclides toma posse na Academia Brasileira de Letras. Nasce Mauro, o quarto filho de Euclides (11 jul.), que vem a falecer uma semana depois.

**1907**

Publicação de *Contrastes e confrontos*, reunidos por um editor português, e do ensaio *Peru versus Bolívia*. Conferência “Castro Alves e seu tempo” no Centro Acadêmico XI de Agosto (São Paulo) (2 dez.) Nascimento de Luís Ribeiro da Cunha, filho de Euclides, em 16 de novembro.

**1908**

Incidente diplomático com Zeballos, que tenta envolver Euclides numa confusão. Preparação do livro póstumo *À margem da história*.



**1909**

Euclides concorre com Farias Brito a uma cadeira de professor de Lógica no Colégio Pedro II (RJ). Por intermédio de amigos, Euclides é nomeado em julho. Permanece professor até agosto. Morte trágica de Euclides em 15 de agosto, morto pelo amante de sua esposa, aos 44 anos de idade.